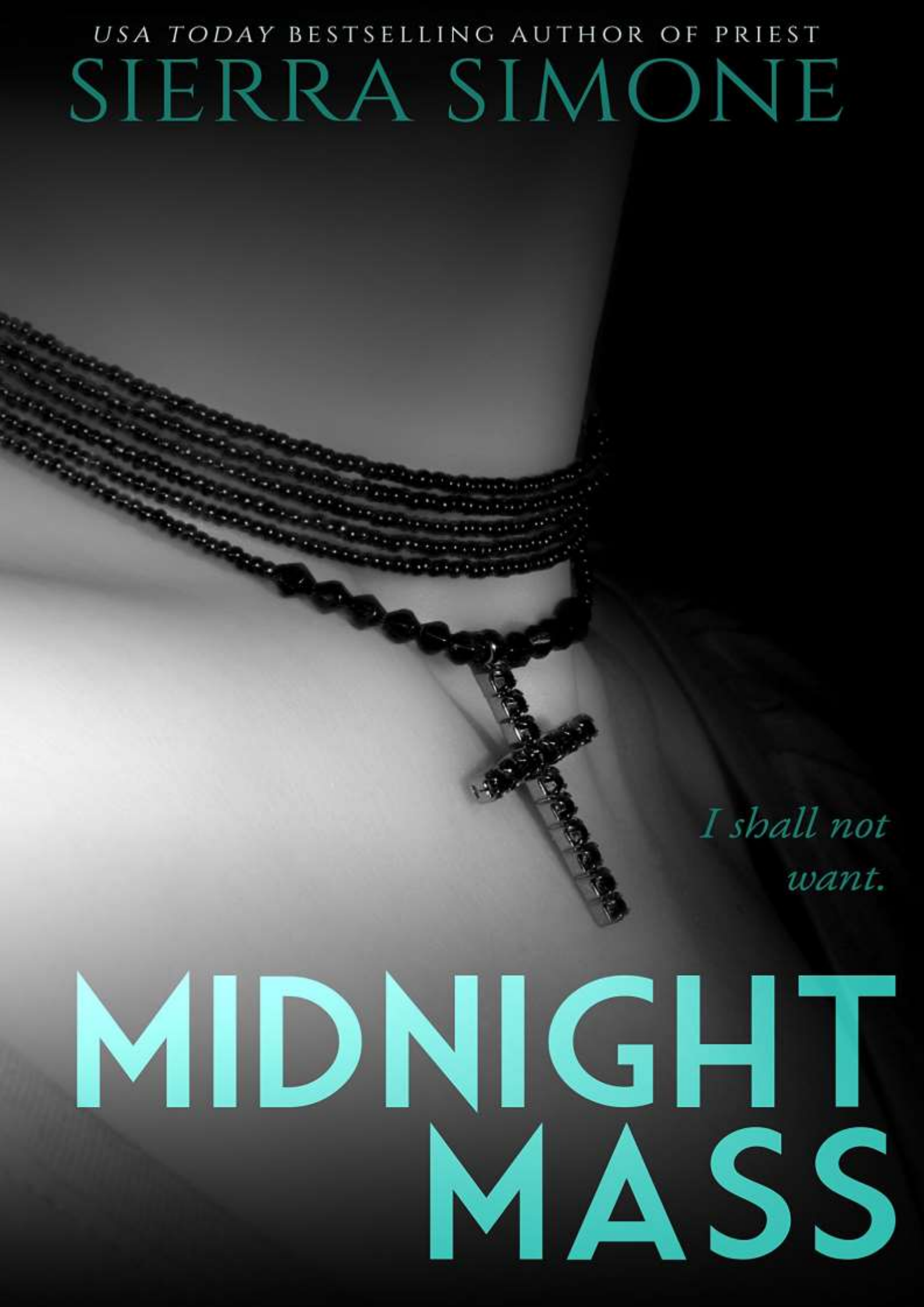
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR OF PRIEST

SIERRA SIMONE



I shall not want.

MIDNIGHT MASS



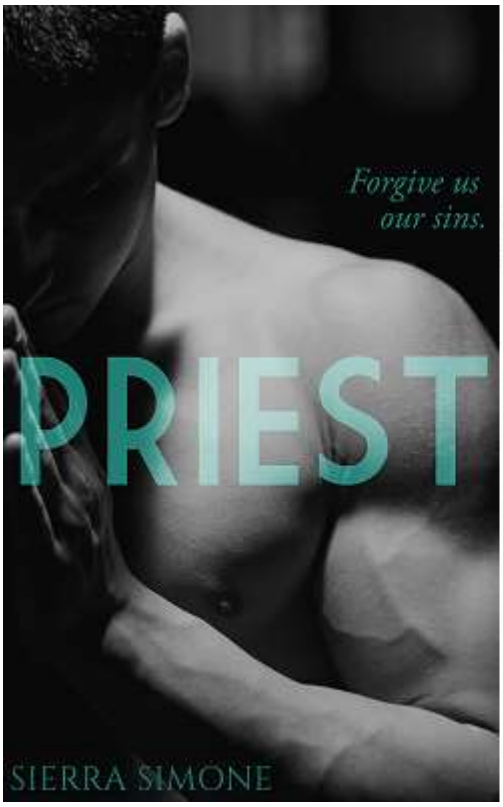
Sierra Simone

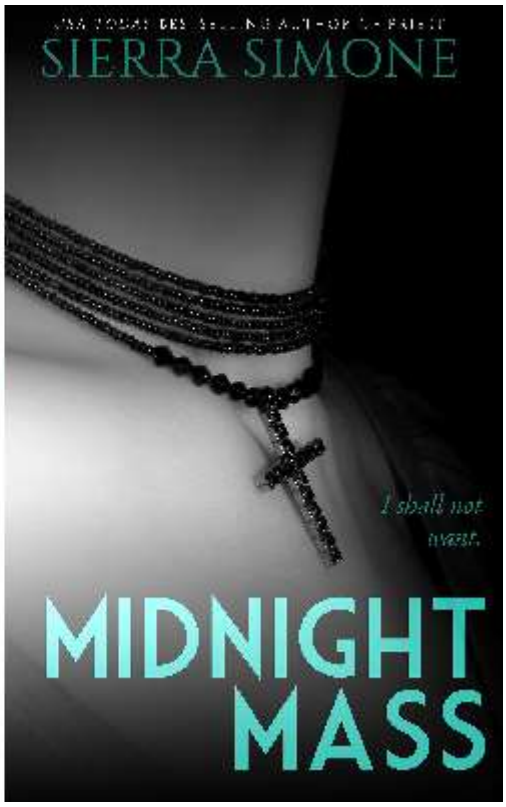
Série Priest

#1.5 Midnigth Mass

Midnigth Mass Copyright © 2015 Sierra Simone

Série


Forgive us
our sins.
PRIEST
SIERRA SIMONE


SIERRA SIMONE
I shall not
waver.
MIDNIGHT
MASS

Sinopse

Somos informados de que Deus vai punir os ímpios. Que os homens pecadores irão colher o que semeamos. Somos instruídos a açoitar as nossas almas com oração e dor para nos tornar limpos mais uma vez.

Bem, aqui estou eu. Ímpio e pecador. Desesperado para se tornar limpo... mesmo que pareça tão bom estar sujo.

Mas até mesmo eu nunca esperava o que veio a seguir.

Mesmo nunca esperando que meu castigo viesse tão cedo.

Prólogo

Às vezes eu acho que sou assombrado pelos fantasmas dos meus antigos 'eus'.

Há o menino que costumava correr para o quarto de sua irmã depois de ter um pesadelo. Há o adolescente que puxou essa mesma irmã de uma viga na garagem dos seus pais. Há o estudante universitário que afogou sua dor em sexo agressivo e uísque.

E depois há o pároco que não conseguiu não se apaixonar.

Eu os sinto se aglomerando atrás de mim enquanto eu ando pelo campus arborizado de Princeton. Eu os ouço sussurrando enquanto eu faço amor com minha esposa.

Os vejo atrás das minhas pálpebras quando eu me ajoelho para orar.

De todos os fantasmas que me assombram, é o do padre que fica mais próximo, que persegue os meus passos desde o amanhecer até o anoitecer. É o padre que me faz lembrar os meus pecados, de tudo o que deixei para trás, de cada parte da vida laica que é plana e incolor, e insignificante.

É o padre que me diz para ter medo de ser punido.

Como se eu já não tivesse medo.

Mas nunca esperei que meu castigo viesse tão cedo.

CAPÍTULO UM

O luar derrama na sala e se parece como uma cachoeira diáfana e grossa se reunindo no chão. Eu fiquei olhando para aquele luar por quase uma hora, tentando adormecer, mas o sono não chegou. Em vez disso, meu cérebro continuou correndo através de argumentos contra o teísmo teológico e vasculhando citações de Aquino que eu me lembrava.

O perigo de estar no meio da minha dissertação, eu supunha.

Eu rolei para ficar perto de Poppy, minha esposa e meu cordeirinho, que estava atualmente dormindo de costas para mim, com os joelhos dobrados contra o peito. Corri a mão sobre a curva de seu quadril, a renda de sua calcinha agradando a palma da mão e puxando minha mente lentamente, mas firmemente, para longe dos filósofos católicos mortos há muito tempo.

Me aproximei dela, pressionando os lábios na parte de trás do seu pescoço e enrolando o meu corpo ao redor do dela. Ela estava quente. Suave. Com aroma de lavanda.

Minha.

Mesmo depois de três anos de casamento, essa palavra ainda me emocionava, me impactava com a bela reverência e admiração de tudo. Esta mulher, ela, digna, inteligente pra cacete, tinha me escolhido.

E agora eu estava duro.

Estava muito duro, porra.

Eu a queria acordar. Eu queria rolar sobre suas costas e colocar meu joelho entre as suas coxas. Eu queria puxar com um dedo sua calcinha de lado em sua virilha, e então eu queria me afundar nela. Eu queria transar com ela até que eu gozasse, e então eu queria transar com ela novamente. Inferno, eu queria transar com ela toda a noite e todo o dia até o dia que tivéssemos que ir para Newport na mansão dos seus pais para o dia de Ação de Graças daqui a uns dias.

O prazo final para a minha dissertação está próximo e juntando com seu horário de trabalho ocupado, significava que ficaríamos sem

nos ver ou transar um monte de noites nos últimos doze meses, e agora eu vivia com uma luxúria constante roendo a boca do estômago - uma fome que nunca era saciada, mesmo imediatamente depois que fodíamos. Poppy brincou comigo sobre a falta de imaginação e de fome da nossa vida sexual neste ano, e eu esperava que a provocação não escondesse uma infelicidade profunda. Porque com certeza eu sabia que eu estava certamente infeliz com isso.

E era minha dissertação que causava isso tudo. Então, de certa forma, a culpa era minha, o que me deixou ainda mais infeliz. Mas esse projeto era o culminar dos últimos quatro anos do meu estudo, o auge dessa nova fase pós-clero da minha vida. Era fascinante, significativo e mágico, e aquelas longas noites silenciosas na minha mesa na biblioteca eram tão pacíficas e gratificantes. Eu estava finalmente chegando ao topo da caverna acadêmica onde eu queria estar há tanto tempo. Mas... por que isso tinha que vir à custa do meu tempo com Poppy?

Hoje à noite tinha sido um exemplo da nossa nova vida. Ela me enviou uma mensagem na parte da tarde:

Venha para casa mais cedo hoje à noite. Estou animada para te contar sobre o meu dia!

Então, eu tinha prometido a ela que eu estaria em casa para jantar mais tarde. E veio o jantar e se foi, e assim eu prometi a ela que estaria em casa antes das dez. E então eu encontrei um conjunto de livros anotados de ensaios de Paul Tillich[1] da coleção de Barth e perdi a noção do tempo, e quando eu finalmente olhei o relógio, já passava das duas da manhã eu tinha corrido para casa, passando correndo pela Trinity Church, com meu laptop pesando na mochila por todo caminho para nossa casa de tijolinho perto do cemitério. Quando eu entrei no quarto, eu tive uma visão que era agora dolorosamente familiar para mim: Poppy adorável em seu pijama de laço, dormindo com a luz acesa e seu dedo entre as páginas do último mistério de Galbraith[2], como se ela o tivesse fechado pensando em descansar os olhos por apenas um minuto.

Ela tentou esperar por mim, como sempre fazia. E eu tinha falhado com ela.

---

[1] Paul Tillich: Paul Johannes Oskar Tillich foi um teólogo alemão-estadounidense e filósofo da religião. Tillich foi contemporâneo de Karl Barth, também um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX.
[2] Galbraith: Pseudônimo de J. K. Rowling.

Como eu sempre fiz.

Eu tirei a minha bolsa do ombro e me afundei na cama, nem mesmo tentando anular a amargura e me auto recriminar, o que apertou meu coração e repeti todas as coisas que eu estava cansado de saber.

Você não a merece.

Você nunca vai merecê-la.

E o pior: *Você falhou em ser padre. Agora você vai falhar em ser marido.*

Não importava que a dissertação estivesse quase terminada. Não importava que eu tivesse recusado todos os dias de ação de graça para estar com ela, e que até o Natal, eu teria tempo ilimitado e atenção para não sair de cima dela.

O que importava era que ela esperava por mim, noite após noite, como uma princesa em uma torre. E, ao contrário dos príncipes de contos de fadas, eu nunca fui o seu socorro.

E agora aqui estava eu enrolado contra ela, com uma ereção latejante e um coração culpado, e como eu poderia acordá-la para transar tão tarde quando ela esperou toda a noite, sozinha, por mim? Que tipo de idiota egoísta eu seria se eu fizesse isso?

Com um gemido mental, eu rolei para as minhas costas, meu pau gritando obscenidades para mim quando ele foi afastado de seu corpo quente, da fenda de sua bunda. Foi mais instinto que intenção quando minha mão encontrou meu pau, mas já não poderia dizer o mesmo da minha outra mão, que espalmou delicadamente sua bunda novamente.

Eu deveria ir para o chuveiro, pensei. Mas de alguma forma isso me envergonhou mais do que simplesmente bater punheta aqui, e honestamente, eu queria mais do que a minha libertação. Eu queria estar perto dela, sentindo ela, e se eu não pudesse ter isso, então eu preferia esperar até de manhã.

Exceto que… merda. Ela teria que trabalhar amanhã cedo, já que ela estaria de folga o resto da semana. E ela provavelmente trabalharia até muito tarde, e eu teria uma reunião as cinco horas com meu orientador de dissertação, o que significava que eu estaria tomado pelo frenesi da revisão depois disso.

Isto poderia ser o máximo que eu teria até que estaríamos indo de carro para Rhode Island. E ela estaria acordando cedo, seria duplamente merda acordar ela agora apenas para satisfazer minhas necessidades.

Eu bombeei meu pau algumas vezes, olhando para baixo e, em seguida, me permiti outro gemido silencioso quando eu deixei cair a minha cabeça para trás e parei.

Apenas durma Tyler. Você é um homem crescido que pode ficar sem gozar por um dia.

Mesmo que não fosse só um dia e sim quatro dias, catorze horas e trinta e sete minutos, mas quem estava contando? Eu tinha ficado sem sexo durante três anos.

O casamento tinha me estragado, aparentemente.

Eu estava nu e até mesmo o sentimento do lençol contra mim era demais, então eu abaixei o lençol e tentei deixar o ar fresco no quarto fazer o trabalho necessário e colocar o meu corpo - especialmente certas partes dele - para dormir.

E nisso Poppy decidi acordar.

Senti ela se movimentar ao meu lado, suas pernas se estendendo enquanto ela lentamente se virava de costas. Através do lençol, eu podia ver os músculos flexíveis de suas coxas de bailarina, a inclinação de sua cintura e quadris. Sob a sua parte superior do top de renda, os mamilos se endureceram quando o lençol caiu para seu estômago.

Meu grande plano para baixar minha ereção não estava tendo um grande começo, não com a mulher mais sexy do mundo se alongando e se contorcendo meu lado.

Seus olhos cor de avelã se abriram e os raios do luar os fizeram de um verde pálido e âmbar.

— Tyler? — ela murmurou, o sono deixava sua voz mais rouca.

— Cordeirinho, — eu sussurrei. *Ela tem que levantar daqui a duas horas. Eu deveria dizer a ela para voltar a dormir.*

Eu deveria; eu deveria; eu deveria.

Ela piscou e bocejou e abriu seus lábios de um tom rosa doce sem sua marca registrada, seu batom vermelho. Seus lábios ficaram entreabertos depois que ela bocejou; seus lábios estavam quase sempre

separados porque seus dois dentes da frente eram um pouco salientes demais, e o efeito era que sua boca estava sempre entreaberta e pronta.

E, então, seus olhos estavam um pouco mais claros, sua expressão mais alerta. Ela apoiou a cabeça na mão, se movendo mais perto de mim.

— Que horas você chegou em casa?

— Aproximadamente há uma hora.

Uma ruga se formou em seus lábios, e eu não pude dizer se era infelicidade por causa do meu atraso e do tempo que ela achava que todo esse trabalho estava tomando de mim ou se ela estava simplesmente infeliz. Mas a carranca desapareceu no momento em que ela viu meu pau, duro e sombrio e com as veias estiradas.

Vê-la olhar meu pau foi suficiente para fazê-lo ficar duro e em pé, agora muito, muito duro para ficar com ele plano no meu abdômen.

Ela lambeu os lábios. Eu não me preocupei em manter o meu gemido silencioso.

— Não me faça pedir, — ela avisou, e eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Ela não queria pedir para eu foder com ela do jeito que ela gostava de ser tratada. Ela não queria implorar por meu lado dominante para ser dominada.

Não esta noite, as entrelinhas do seu pedido dizia. *Não quando eu preciso ser lembrada que as coisas ainda estão bem.*

A coisa era que eu precisava ser lembrado de que as coisas estavam bem, também.

A olhei nos olhos dela. — Fale 'vermelho' se começar a ser demais. Se você não conseguir falar, aperte a minha coxa. Entendido?

No momento em que ela balançou a cabeça, minha mão estava atada em seu cabelo castanho escuro e eu a estava arrastando para a minha virilha.

— Me chupe, — eu ordenei, empurrando sua cabeça para baixo enquanto a minha outra mão segurava meu pau ereto. No minuto em seus lábios roçaram a abertura, eu assobiei, perdendo todo o controle e me empurrei em sua boca quente, antes que ela estivesse completamente pronta. E merda, ela era tão perfeita, tão molhada, e sua língua estava fazendo as coisas mais incríveis. Eu poderia facilmente

chegar ao clímax apenas por ficar quieto e deixar ela me comer. E enquanto essa ideia era atraente, hoje decidi fazer algo diferente. Algo um pouco mais agressivo.

Eu agarrei seu cabelo novamente, puxando sua cabeça para cima e a puxando de lado enquanto eu saia da cama, e então eu a obriguei a baixar suas costas com a cabeça pendendo sobre a borda. Eu estava de pé agora, e nossa cama estava da altura perfeita para - sim - foder sua boca. Fascinado, eu assisti o movimento delicado de sua garganta enquanto meu pau estava pressionado em seus lábios, passando pela língua e em todo o caminho. Eu coloquei a mão sobre seu pescoço quando me puxei para fora e empurrei de volta, sentindo o impulso do meu pau através de sua pele.

A próxima vez que eu deslizei para dentro de sua garganta, ela engoliu contra mim, sua garganta apertando a cabeça do meu pau e sua língua pressionando duramente contra o meu eixo e os seus lábios fecharam firmemente ao redor da minha base.

— Jesus, — eu murmurei, e então ela engoliu até o talo de novo, e eu tive que fazer uma retirada apressada de sua boca para me certificar de que eu poderia continuar.

Porra, isso tinha sido demais. Pecaminosamente e surpreendentemente bom.

E eu ainda queria mais. Sua buceta. Sua bunda. Cada parte apertada e molhada dela. Eu a queria tomar, uma e outra vez.

Eu puxei impacientemente sua parte superior do peito, expondo seus seios pequenos, o tamanho perfeito para a minha mão. Eu não os apertei agora, porém, apenas manuseei os mamilos quando voltei a foder sua boca, dando a cada peito um tapa afiado de vez em quando. Eu vi sua mão descendo pelo seu estômago, e eu não a impedi, vendo quando ela começou a brincar com seu clitóris.

— Isso, cordeiro, — eu disse a ela. — Esfregue minha buceta para mim.

Ela gemeu em torno de meu pau, a vibração foi direto através de mim, reverberando pela minha espinha.

— Agora use um dedo para traçar ao redor do seu buraco. — ela obedeceu, e quando o fez, todo o ar saiu do meu corpo, como se eu tivesse levado um soco no estômago. — Sim, exatamente assim, baby.

De alguma forma, o ângulo fez a cena ainda mais tentadora: como eu não conseguia ver sua buceta, apenas a sombra de seu buraco com seu dedo reluzente e molhado quando ele circulou seu clitóris e desapareceu novamente. Eu conseguia ouvir o barulho levemente molhado dela tocando sua buceta.

Eu dei ao seu mamilo um puxão suave. — Agora empurre para dentro. Dois dedos.

Ela gemeu de novo, e até mesmo sobre o gemido, eu podia ouvir o som de sua deliciosa buceta sendo lentamente fodida por si mesma. — Boa menina, — eu disse. — Mais forte agora. Mais rápido.

Eu puxei da sua boca e olhei para o show na minha frente - seus peitos pulando enquanto ela metia seus dedos em sua buceta, sua calcinha empurrada para um lado igual eu fantasiava em fazer eu mesmo momento atrás - tudo isso enquanto ela lambia e chupava minhas bolas.

— Eu gostaria que você pudesse ver quão gostosa você está agora, — eu disse a ela. — Eu não posso decidir se eu deveria fazer uma menina suja como você gozar com seus próprios dedos... ou gozar no meu pau.

Sua boca se afastou o suficiente para ela murmurar: — Por favor, — seus lábios fazendo cócegas em minha pele sensível.

— Por favor, o que, cordeirinho? Deixar você gozar? Deixar você se foder? Não, não pare com os dedos ainda. Continue.

Seus quadris se levantaram da cama, sua respiração era rasa e desigual. Ela estava perto. — Eu quero você, — ela conseguiu dizer.

E eu a queria. Tanto. — Se você gozar, então você pode me ter. Você quer isso?

Senti seu aceno, e então, dentro de segundos, ela estava ofegante através de seu clímax. Eu assistia a tudo com avidez, incapaz de esperar para que ela se mexesse. Eu já estava sentado na cama, a puxando em cima do meu pau, gemendo em seus seios quando eu a empalei de uma vez, em um movimento selvagem.

Ela gritou, enterrando seu rosto no meu pescoço, e não havia nada mais no meu mundo além dos seus cabelos sedosos com cheiro de lavanda e a sensação de sua bunda firme em minhas mãos, e sua buceta molhada e doce no meu pau.

A mexi contra mim, não para cima e para baixo, mas frente e trás como ela gostava, me certificando de que seu clitóris roçava contra o músculo liso acima meu pau cada vez que ela se mexia. — Deus, você é tão fodidamente bonita, — murmurei, a abraçando quando ela gemeu. — Tão linda.

Obrigado, eu disse a Deus quando o corpo de Poppy começou a tremer sobre o meu. *Muito obrigado.*

É estranho rezar durante o sexo? Talvez seja, mas às vezes acontece. Eu tentei aceitar que isso é quem eu sou - um homem que ama a Deus, e que ama foder, que eu possa ser sujo e santo tudo ao mesmo momento.

A cabeça de Poppy caiu para trás quando ela teve seu segundo orgasmo, eu mordi seu pescoço e seios expostos para mim, enquanto ela ofegava e estremecia agarrando minhas costas. Desta vez eu a deixei sentir cada onda e cada vibração enquanto eu estava dentro dela, estirando e enchendo.

E quando ela finalmente, *finalmente*, se acalmou, quente e mole e saciada, eu a deitei em cima da cama.

Esta próxima parte era para ela.

Eu peguei a mão dela e a envolvi em torno do meu pau, que agora estava tão duro que *doía*, escuro e rígido ao luar. Ele estava ereto, a cabeça inchada e mais escura do que o resto, e manchada de pré-gozo.

No minuto em que seus dedos se fecharam sobre mim, eu perdi a capacidade de pensar ou respirar. Foi só a memória emocional e profunda que me obrigou a ficar parado, sentado na beira da cama, meus pés no chão e uma mão apoiada atrás de mim. Eu usei a minha outra mão para segurar a dela, guiando seus golpes, sentindo a pele de Poppy sendo molhada da minha ereção deslizando em sua mão.

Eu tive que ficar parado para que ela pudesse ver. Porque tão sensível e carente como o meu cordeirinho era, só havia uma coisa no mundo que a excitava mais do que qualquer outra coisa, era me ver gozar. O ato real todo - meus sons, minhas expressões, e acima de tudo, meu pau pulsando em sua mão ou buceta ou boca ou *qualquer lugar*, e, então derramando minha semente.

Quando ela viajou, isso era o que ela queria ver quando estávamos no Skype. Quando eu lhe ordenei para tocar a si mesma, essa era a imagem mental que a empurrava sobre o limite. E os poucos

momentos do ano em que eu a deixava assumir o controle e me fazer seu escravo - era onde seus jogos sempre nos levavam.

Eu não gosto de decepcionar o meu cordeirinho. Especialmente quando eu tenho decepcionado ela de outras formas.

Seu aperto ficou maior enquanto seus olhos passaram do meu rosto para o meu estômago tenso até onde ela estava me masturbando, e ela usou a outra mão para traçar os sulcos do meu abdômen, a linha de cabelos escuros que ia do meu umbigo à minha virilha.

Seu rosto estava com fome e ela mordeu o lábio quando sua mão trabalhou mais e mais rápido e eu senti quatro dias de privação enrolando no fundo do meu núcleo.

— É tão bom, — eu disse asperamente. — Você me masturba tão bem, cordeirinho.

Seus lábios roçaram meu ouvido quando ela se inclinou para mais perto. — Goze para mim, Padre Bell.

Jesus Cristo.

Minhas bolas apertam dolorosamente, meu estômago se apertou - cada músculo do meu abdômen - quando eu a peguei incontrolavelmente pelo punho - o meu punho em torno do dela - mais apertado e mais e mais rápido até que eu estava xingando...

Porra

Porra

Porra

Porque ela quase nunca me chamava assim e não deveria ser quente, não deveria me fazer gozar. Mas no momento em que ela pronunciou essas palavras sussurradas, eu era um homem possuído, me empurrando entre nossos dedos unidos até que eu gozei em enormes jatos quentes, gozando e gozando, e derramando sobre nossas mãos e jorrando em meu peito e seu braço e ainda continuei gozando, e antes mesmo de eu terminar, ela estava me empurrando de costas e me lambendo todo. Meu pau, meu abdômen, meu umbigo, a minha mão. Mesmo o ponto delicado atrás minhas bolas, sua língua estava lá, lambendo cada gota do meu clímax.

E no momento em que ela estava satisfeita, eu estava fodidamente duro novamente.

— De quatro, — eu pedi a ela, a voz rouca.

Ela se arrastou e obedeceu.

* * *

Uma hora mais tarde, nós saímos do chuveiro, saciados e com os olhos turvos com a necessidade de dormir. Ela foi até nosso closet pegar uma calcinha enquanto eu caía na cama, felizmente tinha minha mente livre e minha reunião iminente fora dela.

O telefone de Poppy tocou sobre sua mesa. Um curto zumbido - uma mensagem.

Eram quatro da manhã. Quem diabos iria enviar uma mensagem a esta hora?

Buzz.

Buzz.

Buzz Buzz.

Relutantemente, eu abri meus olhos, dando ao telefone um olhar maligno. Me sentei e peguei seu telefone. Meu plano principal era jogá-lo em algum lugar do quarto, mas parei quando vi o nome na tela.

Anton Rees.

Eu não pude evitar; passei através das mensagens que estavam em sua tela. Desde que seu telefone estava bloqueado, eu só vi a primeira linha de cada uma e todas elas pareciam bastante inócuas:

Acabei de chegar no JFK...

Londres correu bem, me ligue quando...

Não se esqueça da proposta de Sophia hoje...

Estarei cedo no...

Normal para um colega de trabalho. Se o seu colega de trabalho é o vice-presidente do conselho responsável pela rápida expansão de sua fundação premiada sem fins lucrativos.

Com o que eu considerava uma contenção santa, eu coloquei o telefone de volta na ponta da mesa, sem bisbilhotar ainda mais. Eu sabia a senha do telefone de Poppy, mas não esse era o ponto. A questão é que não importava o quão bonito e inteligente Anton Rees fosse, não importava o quão apaixonado sobre as *mesmas coisas* exatamente como minha esposa ele era, não importa quantas vezes eles viajaram juntos, eu confiava nela.

Uma vez eu cometi o erro de não confiar. Quando eu encontrei Poppy beijando seu ex-namorado, eu tinha assumido o pior e sai de cena sem sequer tentar falar com ela. Ela tinha feito isso como uma tentativa proposital para nos separar, incapaz de suportar a culpa de ser o catalisador por eu deixar a igreja. Se eu tivesse confiado nela, se eu tivesse ficado, nos poderíamos ter tido mais um ano juntos. Em vez disso, eu tinha fugido, acreditando que ela era infiel, e nós passamos um ano miseravelmente separados.

Desde então, eu tinha sido escrupuloso na minha confiança. Inferno, eu mesmo tinha esse tipo de amizade com seu ex-namorado agora.

Mas eu estaria mentindo se eu dissesse que Anton não testava isso a fundo.

Poppy vagou de volta do armário, vestindo uma calcinha vermelha e nada mais, apesar de que o quarto estava frio.

— Anton mandou uma mensagem para você, — eu disse, meus olhos sobre a pele de seda de seus seios. — Está um pouco tarde para mensagens, você não acha?

— É realmente cedo, você que é uma coruja da noite, — brincou ela enquanto rastejou de volta para a cama. Sem qualquer hesitação, ela aconchegou seu corpo no meu, o meu peito apertado contra as suas costas e as pernas foram encaixadas. — Ele chega de Londres esta manhã. Ele provavelmente vai direto para o escritório.

— Mm. — foi um barulho evasivo. Um Tyler tentando ser um marido compreensivo.

Normalmente Poppy me cutucaria até falar. Ela iria virar em meus braços e procurar meus olhos e tirar a verdade de mim. Uma das minhas coisas favoritas sobre Poppy era que ela me obrigava a me abrir e ser honesto sobre minhas próprias necessidades. Depois de anos sendo um conselheiro e um recurso para outras pessoas, foi gratificante ter alguém fazendo o mesmo por mim.

Mas não esta noite. Hoje à noite, ela entrelaçou as mãos nas minhas e suspirou. — Você ainda quer ter filhos?

Bem, isso foi uma mudança abrupta de assunto.

— Claro que sim, — eu disse, beijando a parte de trás do seu pescoço. — Eu quero que você esteja grávida o tempo todo. Eu quero que você tenha uns nove mil bebês.

Ela riu, e eu apertei minhas mãos contra o seu estômago, sorrindo em seu pescoço. Eu amava seu sorriso. Soava nobre, real até, como se eu fosse um cavaleiro que tinha conseguido com seu charme seu caminho para a cama de alguma rainha.

— Nove mil é uma tarefa difícil, até mesmo para nós, — disse ela.

— Novecentos?

— Ainda um pouco ambicioso.

— Ok, — eu suspirei pesadamente. — Nove então. Você quer isso, você me falou, lembra?

— Nove crianças. — ela tentou manter um tom neutro, sério, mas ela falhou, caindo em risos delirantes novamente.

— Eu sou irlandês, Poppy. Geneticamente não podemos ter nada menos do que nove filhos.

— Ou o que? San Patrick vai perseguir todas as cobras de volta para a Irlanda[3]?

— Como você sabia? Nós só dizemos isso para quem se inicia no ritual.

— O ritual de beber uísque e cantar 'Molly Malone'[4]? Você esquece que eu passei os últimos três anos de feriado de Saint Patrick com sua família.

Eu estiquei uma mão ao longo de seu braço dobrado e, em seguida, estendi a mão para a colcha dobrada ao lado da cama. — Ah, minha querida esposa WASP-y[5]. Tanta coisa você tem para aprender.

---

[3] De acordo com a lenda, ele trouxe o cristianismo para a ilha, fez o trevo virar moda e libertou Irlanda das cobras.
[4] Molly Malone: Também conhecida como "berbigões e mexilhões" ou "Em Fair City de Dublin") é uma canção popular, original de Dublin, na Irlanda, que se tornou o hino oficial da cidade de Dublin.
[5] Wasp-y: Branca anglo-saxã e Protestante.

— Contanto que eu aprenda isso com você, — disse ela, sonolenta, e meu coração balançou porque, *porra,* eu a amava tanto. *E* um *duplo-porra,* ela só iria ficar mais uma hora comigo para dormir antes que ela tivesse que se levantar para trabalhar.

Eu espalhei a colcha sobre nós dois, enrolando meu corpo ao redor do dela mais uma vez, e quando me senti confortável, ela já estava roncando baixinho, dormindo.

CAPÍTULO DOIS

— E seu smoking está sendo entregue hoje à tarde, então não se esqueça de trazê-lo ok, — Poppy estava dizendo.

Me sentei, esfregando os olhos e bocejando. Ainda estava escuro, mas os saltos de Poppy clicavam pelo chão de madeira enquanto ela se inclinava para me dar um beijo rápido. Mesmo no escuro, eu podia ver seu batom vermelho.

Peguei os seus cotovelos enquanto ela se aproximou, a puxando para o meu colo. — Vem cá, — eu disse, sonolento.

— Eu tenho que ir, — ela protestou fracamente, mas minha mão já estava entre suas pernas, deslizando pela calcinha vermelha.

— Mmm-hmm?

— Eu vou me atrasar e... *Oh.* Mmm.

Meus dedos estavam dentro dela agora, sondando delicadamente. — Você estava dizendo sobre meu smoking? — eu perguntei com a voz rouca, a sentindo ficar escorregadia para mim.

— É para o evento de gala no sábado, — ela respirava. — Para a abertura da flagship[6] do estúdio. Quero que você... *oh.* Meu Deus.

— Eu sei que você me quer, — eu lhe assegurei, empurrando sua calcinha mais para o lado e, em seguida, subindo até seu vestido.

— Eu quero dizer - quero você lá. Isso significa muito para mim.

Sua voz tinha mudado, e eu olhei para ela, encontrando seu olhar na luz baixa saindo do banheiro. — Por favor, Tyler. Eu quero você ao meu lado nesse dia. Eu trabalhei tão duro e eu quero você lá para ver isso e me dizer que está orgulhoso de mim.

Sua voz era quase tímida quando ela admitiu isso, e através do meu sono e cheio de luxúria nublada, meu peito apertou. — Claro, cordeirinho. Eu estarei lá. E você sabe que eu estou orgulhoso de você, certo? De tudo que você fez com o The Danforth Studio, sim?

---

[6]*:* Flagship: É a loja conceito – modelo da marca, serve como case para todas as demais implantações.

Ela mordeu o lábio e assentiu com a cabeça, e eu aproveitei a oportunidade para balançar minha virilha contra ela. — Eu também estou tão orgulhoso desta buceta. Eu quero dizer a todos o que eu sinto por ela. Eu a quero na primeira página de cada jornal da sociedade.

Ela riu, mas o riso mudou para gemidos quando eu finalmente afundei dentro dela, e esses gemidos mudaram para gritos, e minha pobre mulher acabou saindo atrasada para o trabalho.

* * *

Eu cultivo culpa da mesma maneira que um agricultor cultiva a sua terra.

Buracos longos de pesar aqui, amontoados de vergonha ali. Eu removo as ervas daninha como se fossem as desculpas e as justificativas, eu rego as couves de auto aversão com mais auto aversão, eu colho tudo e armazeno em segredo – apertados com algemas e autocondenação e o conhecimento de que eu não posso nunca moer todas as coisas que eu fiz de errado.

A irmã que eu não salvei.

A vocação que abandonei.

A esposa que eu estou negligenciando.

Claro, eu sei - cerebralmente - que a vida não é reparação. Que o pecado e redenção não são uma economia de troca, onde você pode pagar x quantidade de culpa ou de serviços ou sacrifício por quantidade y de pecado.

Mas é certo que eu me sentia assim às vezes.

Eu li em algum lugar que vergonha e culpa ativam os centros de recompensa no cérebro, que se entregando a esses sentimentos negativos, na verdade, dá ao seu cérebro um pequeno impulso movido à dopamina. E talvez isso seja tudo a que minha culpa se equivale - um estímulo quase instintivo do meu sistema límbico, um viciado que está tomando outro gole, porque eu não posso evitar.

Mas eu vivi com a minha culpa tanto tempo que eu não sei como a deixar ir.

Eu não sei se eu quero que ela vá.

Tudo isso atacou e inundou minha mente naquela manhã quando eu fiz minha rotina matinal de terça-feira. Eu fui para a academia por algumas horas, abafando os meus pensamentos com música alta e suor. E então eu dirigi até Trenton para ajudar uma comunidade local na cozinha e com a agregação de itens de higiene e triagem de roupas velhas.

E então eu liguei para Millie na hora do almoço, como eu fazia toda terça-feira. Millie tinha sido minha primeira amiga quando me mudei para Weston para me tornar padre e ela também tem sido uma das minhas aliadas mais leais desde que saí do sacerdócio. Foi mais difícil me afastar dela do que de minha família quando me mudei para a New England.

— Tyler, — ela resmungou quando ela atendeu ao telefone. — Como vai você, meu filho?

Afogando nesta dissertação estúpida. Preocupado por não saciar minha esposa. Sem saber o que acontecerá depois de eu conseguir me formar. — Ocupado, — eu respondi de forma neutra enquanto eu guiava minha caminhonete para a I-295.

— Não minta para mim, — ela repreendeu. — Ouço todos os seus pensamentos nessa sua voz. Você nunca foi bom em esconder seus sentimentos.

Não, eu acho que eu não era.

— Como está Pinewoods Village? — perguntei, mudando de assunto para não ter que falar sobre o furacão de estresse que estava a minha vida.

— Terrível, — ela reclamou. — É cheio de idosos aqui.

Eu não podia deixar de sorrir por isso. Millie tinha acabado de completar noventa e dois anos e ainda se considerava melhor que 'aqueles velhotes', como muitas vezes ela chamava. Ela viveu de forma independente (e de forma muito ativa) em Weston, Missouri até no ano passado, quando um ataque vicioso com pneumonia e uma fratura no quadril tornou impossível ela morar sozinha. Seus filhos tinham decidido mudá-la para uma casa de repouso em Kansas City, e depois de uma vida sendo a mulher que põe as coisas pra funcionar - primeiro em seu trabalho como uma das primeiras mulheres engenheiras contratadas pelo estado de Missouri - e, posteriormente, em sua igreja e

sua comunidade, Millie agora tinha que deixar as pessoas fazerem as coisas para ela. Coisas pessoais, como a ajudar escovar o cabelo ou amarrar seus sapatos.

Ela estava frustrada e miserável e eu não a poderia culpar. Eu ficaria também. O que me fez ainda mais determinado a não descarregar os meus problemas com ela.

Como se ela pudesse sentir o que eu estava pensando, ela disse, — Você pode muito bem me dizer, Tyler. Por favor. Isso vai me distrair deste lugar. Eles continuam tentando me alimentar com *suco de ameixa.* Você sabe quantos anos eu consegui não beber essas coisas?

Eu bufei. — Acho que eles não vão deixar você adicionar um pouco de gin ao suco?

— Os Batistas cuidam deste lugar e eles são fodidamente abstêmios, — disse a mulher de 92 anos de idade. — Agora me diga o que está acontecendo.

Liguei meus limpadores quando uma leve garoa começou a cair. — Não é nada, Millie. Minha defesa de tese será em dez dias, e uma vez que acabar, tudo ficará bem de novo.

— Então você admite que não está bom agora?

Eu suspirei. — Eu não disse isso.

— Você poderia muito bem ter dito. O que é? Estudando demais? Ou é o The Danforth Studio tomando muito do tempo de Poppy?

— Ambos, — eu admiti. — São ambos. Poppy não disse nada sobre o quão ocupado eu estou, mas eu me sinto tão culpado-

— Mas você ama a pesquisa e escrita, certo?

— Claro que eu sim. Eu amo demais, que é por isso que é tão difícil. E ela ama The Danforth Studio e todo o trabalho que está fazendo. Ainda assim... eu não posso evitar sentir que estamos escorregando para longe um do outro.

Millie levou um minuto para responder. — Ela fez alguma coisa para fazer você se sentir assim? Ou você está apenas inventando desgraça?

Eu quase engasguei com isso. — Eu não *invento desgraça-*

— Meu caro rapaz, você certamente faz. Olhe para trás e realmente pense - há qualquer coisa que ela disse ou fez para indicar que ela está com raiva de você? Ou frustrada com sua ausência? Ou você está simplesmente projetando sua própria culpa nela?

Eu dei seta enquanto eu atravessava as pistas para chegar à rampa de saída para Princeton. — Bem. Quando você coloca dessa maneira, eu acho que... talvez eu tenha deixando minha culpa tomar as rédeas disso.

Ela tossiu - um ruído molhado horrível que fez a parte de trás do meu pescoço formigar. Era o tipo de tosse que significava hospitais, médicos e testes. Era o tipo de tosse que, na idade de Millie, não podia ser ignorada.

— Está se sentindo bem? — eu perguntei em voz baixa. Eu não queria contribuir para seu sentimento de estar fraca ou impotente, mas, ao mesmo tempo, eu me preocupava com ela. Ela era parte da minha família agora, tão próxima da minha mãe e meus irmãos como qualquer um de meus avós tinha sido quando eles estavam vivos. E, de repente, me senti muito, muito consciente da distância geográfica entre nós.

— Eu estou bem, — disse ela depois que terminou seu ataque de tosse. Ela estava tentando esconder, mas eu poderia dizer que ela estava tendo problemas para recuperar o fôlego. — Só um pouco de frio.

— Por favor, chame uma enfermeira. Podem te dar alguma coisa.

Ela fez um barulho de desprezo e escárnio. — Eles podem me dar suco de ameixa e mais cama. E se eu passar mais um dia na cama, vou cavar um túnel de fuga com a colher que enviam com o meu Jell-O[7].

Isso me fez rir. — Ok, Millie. Eu acredito em você. Apenas fique melhor e tenha um bom dia de Ação de Graças, ok? Eu sei que a minha mãe está pensando em passar por aí.

— Eu espero que ela traga alguma comida de verdade, — murmurou Millie. — Adeus, Tyler.

— Adeus, Millie.

---

[7] *Jell-O:* 

Eu estacionei meu carro na frente do prédio, os limpadores ainda rangendo, pensando no que Millie tinha dito. Minha culpa foi minha língua, meu sustento, minha pulsação. E talvez Millie estivesse certa - eu estava deixando isso sangrar em partes da minha vida onde isso não pertence.

Coloquei minha cabeça contra o volante, não tendo certeza sobre o que orar. Parecia errado rezar para minha culpa desaparecer, assim como me senti mal ao rezar para que Poppy aguentasse esse ritmo insano que eu estava fazendo por mais algumas semanas.

Ajude, eu orei em meu lugar. *Me ajude.*

Hoje não foi um dia mágico. Tocava música no rádio, mas nada que parecesse com letras que se encaixam na minha vida ou algo exatamente assim. Não havia nenhuma fresta brilhante nas nuvens cinzentas acima de mim. Não havia nem mesmo esse sentimento que às vezes eu tinha de que pelo menos a minha oração tinha sido ouvida, tinha sido registrada em algum sistema de mensagem celestial.

Hoje houve apenas mais garoa e o eterno frio de novembro e o zumbido e guincho dos para-brisas.

Hoje havia apenas eu e minha culpa, e Deus estava longe de ser encontrado.

* * *

Eu liguei para Poppy após a palestra de graduação onde eu ministrei e antes do meu encontro com a conselheira, e quando ela atendeu, sua voz estava ensolarada e polida e ofegante tudo de uma vez.

— Tyler, — ela disse, a voz em um meio sorriso, meio murmúrio. Eu fiquei duro só de ouvir, casualmente cruzando as pernas enquanto eu esperava do lado de fora do escritório da minha conselheira.

— Cordeirinho, — murmurei de volta, apreciando a forma como sua respiração aumentou, desejando que eu pudesse ver o tom rosa subindo pelo seu peito e pescoço. — Eu queria ver como o seu dia estava indo.

— Corrido e ocupado, mas muito bom, — disse ela. — Só estou tentando terminar tudo para a Ação de Graças e, então o evento de gala que vem logo depois disso, mas as coisas apenas se encaixaram no lugar. As pessoas estão apoiando demais tudo que envolve esse evento... *me* apoiando muito. Eu realmente tenho a melhor e mais imaginável equipe. E o melhor trabalho. E eu amo isso. E eu te amo.

Um calor se espalhou pelo meu peito. Poppy sempre era honesta, elegante e contida, mas raramente era abertamente *alegre*, e ouvir aquela voz rouca que eu tanto amava cheia de felicidade... bem, me deixou feliz só de ouvi-la assim. Uma bolha de esperança flutuava em minha mente: Millie estava certa, é claro. Eu estava vendo o que não existia e projetando minha culpa. Poppy estava bem. Meu casamento estava bem. Tudo ficaria bem - muito melhor do que bem.

Estimulado por este pensamento, eu provoquei, — Você está de bom humor por ter dormido apenas algumas horas.

Ela riu e eu tive que ajustar as minhas calças. Porra, aquela risada me fez ficar duro por ela. — Talvez eu esteja de bom humor por causa da razão pelo que eu perdi muito do meu sono, — brincou ela de volta.

— Eu adoro ouvir você assim, — eu disse. — Eu adoro ouvir você feliz.

— É melhor você se acostumar com isso, — disse ela, um pouco timidamente e aquele brilho no meu peito se intensificou. Ela sabia que a apresentação do meu PhD estava quase no fim. Que as coisas estariam de volta como deveriam estar em breve.

— Confie em mim, cordeirinho, no minuto que a minha defesa de tese estiver acabada, estou arrastando você para a cama e eu não vou deixar você sair por um mês. Eu vou ser seu, corpo, mente e alma, durante o tempo que for preciso para provar a você-

Sua risada ecoou no fone de ouvido novamente e eu parei, com um sorriso no meu rosto, para lhe perguntar o que ela achava que era tão engraçado sobre meus planos para compensar o tempo perdido, e então ouvi a tagarelice abafada, como se estivesse falando com a boca longe do telefone.

E então eu ouvi uma voz masculina.

Anton Rees.

O sorriso deslizou lentamente do meu rosto enquanto ouvia a sua indistinguível voz, a cadência calorosa e amigável de suas palavras, o tom sério que ele usou com ela. E de repente me ocorreu que todas as coisas que ela disse sobre ter uma excelente equipe, sobre ter tanto apoio - ela queria dizer isso de Anton. Anton estava lá, apoiando e solidário, e lá estava eu, 33 anos de idade me doutorando e com uma ereção em um corredor iluminado.

Ciúme correu em mim. Cortou e cortou, até que finalmente Poppy disse, no tom alegre de voz que significava que ela estava rindo, — Desculpe Tyler. Anton veio com algumas novidades.

— Eu quero você esta noite, — eu cortei, sem me preocupar em pular de um assunto para outro. — Eu quero você de bunda para cima com as mãos arranhando a cama enquanto você goza ao redor do meu pau.

Eu não me importava que apenas uma porta me separasse do meu orientador ou que outro aluno poderia entrar a qualquer momento. Eu só me preocupava em confirmar minha reivindicação. Mostrar quão *solidário* Tyler Bell poderia ser enquanto dava a sua esposa diversos orgasmos anais.

Sua respiração engatou. — Jesus Cristo.

— Então, isso é um sim?

Houve uma pausa, uma pausa onde eu podia sentir o seu desejo palpável até mesmo através do telefone, como se estivesse pulsando através das ondas feitas via satélite pelo telefone. Mas quando ela respondeu, ela estava se desculpando. — Você sabe que eu quero, mas ainda há muito que fazer para a noite do evento de gala...

Rejeição raspou sua lâmina serrilhada ao longo da pele do meu coração. — Oh. Certo. Claro.

— E você vai me pegar durante todo o dia de amanhã e no dia seguinte e no dia seguinte, — ela acrescentou apressadamente. — E eu vou ser toda sua então. É apenas por agora, Anton e eu ainda estamos correndo para deixar tudo no lugar para sábado à noite.

Anton e eu.

Anton e eu.

— Claro, Poppy, — eu disse de novo, esperando que ela não pudesse ouvir a dor, vergonha e raiva que eu estava sentindo. Eu não

estava zangado com ela, mas com raiva de mim mesmo. Por que eu tinha chegado a ela como um adolescente com tesão, como se eu transando com ela fosse a coisa mais importante que poderia ter em sua mente? Que tipo de idiota egoísta eu era?

Anton provavelmente nunca agiu com ela assim.

Ele não está dando encima dela, eu disse a mim mesmo com firmeza. *Cada vez que o vi, ele tem sido perfeitamente agradável. Perfeitamente educado. Você está deixando o ciúme inventar cenários que não estão acontecendo.*

Exceto que, e se esses cenários estivessem acontecendo?

Droga, Tyler. Pare.

— E eu, provavelmente, chegarei tarde esta noite, mas eu sei que você estará trabalhando até tarde na biblioteca de qualquer maneira, então eu ainda posso chegar em casa antes de você. — ouvi mais vozes abafadas, Anton novamente.

— Tudo bem, — eu disse tão calmo quanto eu poderia. — Eu definitivamente vou ver você amanhã então. Para a nossa viagem com seus pais.

— Com certeza, — afirmou ela, mas, apesar da inflexão firme em seu tom e o doce adeus que ela acrescentou depois, eu poderia dizer que sua mente já estava de volta em seu trabalho. Voltando para Anton.

— Adeus, cordeirinho, — eu disse suavemente e desliguei.

Ela estava certa. Eu provavelmente estaria trabalhando até tarde de qualquer maneira, então não importa o que ela estaria fazendo. E teríamos toda a Ação de Graças juntos.

Mas, quando o estudante que estava agendado antes saiu do escritório da orientadora e eu me levantei para recolher minhas coisas, eu senti que a pequena bolha de esperança estourou, e seu espaço foi se enchendo com o peso de chumbo da culpa e desconfiança.

CAPÍTULO TRÊS

Os papeis farfalhavam. Minha cadeira rangeu quando eu me inclinei para trás, tentando relaxar. Minha orientadora, a professora Courtney Morales, levantou a caneca e tomou um gole de seu café descafeinado.

Finalmente ela olhou para cima. — Este é um trabalho bom, Tyler. Estou muito impressionada.

Eu não podia esconder o meu suspiro de alivio, e ela sorriu um pouco, se deslocando na cadeira com um pequeno estremecimento. Ela estava em seus quarenta e poucos anos, negra e bonita, com um halo lindo de cachos - e também grávida de nove meses. Ela bateu os dedos preguiçosamente sobre o ventre firme na altura de seu estômago quando ela olhou para as últimos cinquentas páginas da minha tese.

Eu podia ver algumas marcas aqui e ali - suas notas e sugestões escritas - mas nada insano. Isso poderia significar que eu não teria quaisquer revisões importantes antes da minha defesa? Eu poderia ter... terminado?

Professora Morales virou algumas páginas, tomou outro gole de seu café falso, e então olhou para cima mais uma vez. — No entanto, eu acho que nós precisamos revisar a sua conclusão.

Eu afastei o sentimento inicial de pânico. A conclusão era de vinte e sete páginas e tinha me levado quase um mês para escrever. — Quando você diz 'revisar'...

— Ele precisa ser reescrito, — disse ela sem rodeios. — Isto é um trabalho incrível, Tyler. Eu o vi crescer a partir de uma potencial ideia bruta em algo arredondado e em camadas perfeitas. Mas você está falhando e diminuindo tudo com esta conclusão.

Minha boca estava seca. — Como assim?

— Você gastou quase duas centenas de páginas sistemicamente ao examinar a diferença entre a crença e a prática religiosa nacional na Igreja Católica. Você desconstruiu o dogma estabelecido e retraduziu do

St. Anselm *credo ut intelligam*[8] como penhor de compromisso em vez de um assentimento intelectual forçado desse dogma. *No entanto*, sua conclusão é de vinte e sete páginas de uma evasão passiva.

Eu deveria ter tido uma expressão muito abatida no meu rosto, porque ela balançou a cabeça com um suspiro. — Eu não posso lidar com esses olhos verdes tristes, Tyler. Não estou dizendo que está mal escrita; a escrita, como sempre, é excelente e a lógica é precisa. Na superfície, é impecável. Mas não é o que este trabalho precisa.

Eu estava quase com medo de perguntar. — E o que precisa?

— Uma chamada para ação. Você passou só um ano expondo as fraquezas da Igreja Católica a um nível teológico, enquanto, simultaneamente, catalogava as coisas que ela faz bem. Sintetizar essas coisas em uma resposta coerente é o que espero. Em uma visão do que realmente a Igreja poderia ser. Explicitamente nos mostrar como seus pensamentos podem ser trabalhados em ação prática. E então eu garanto que você vai ter uma escrita que vai conseguir isso.

* * *

Então eu tinha dez dias para reescrever a partir do zero algo que inicialmente tinha me levado trinta. Eu tinha uma esposa que atualmente estava rindo sua risada gutural - uma risada que deveria pertencer a mim, *caramba* - com Fodido Anton. E o quiosque de café perto da biblioteca fechava mais cedo, então era só eu e uma garrafa meio vazia de Dr. Pepper[9] à temperatura ambiente na minha tenda escura na biblioteca, escondido de volta nas estantes.

Eu tinha livros empilhados em torno de mim, documentos e marcadores espalhados em todo o espaço disponível, post its coloridos que marcam os livros como dedos de néon. E um computador portátil, com um espaço em branco aberto do Word, o cursor apontando acusatoriamente e intermitente para mim.

Uma chamada para ação...

[8] Credo ut intelligam - é uma frase em latim que significa 'Acredito para que possa entender'. É uma máxima da doutrina de Anselmo de Cantuária baseada numa outra de Santo Agostinho (crede, ut intelligas - "creia para que possa entender") utilizada para relacionar fé e razão.
[9] Refrigerante.

Era mais fácil dizer do que fazer. Quando meu papel tinha sido apenas acadêmico - o exame seco da história e teologia - eu me sentia distante da vida real. Eu me sentia seguro.

Mas escrever sobre as formas em que a Igreja Católica deveria mudar? Para se tornar mais saudável e mais moderna? Eu me sentia muito, muito inseguro.

Eu queria Poppy agora. Eu queria as suas mãos nos meus ombros enquanto ela esfregava e enviava minha ansiedade para longe. Eu queria sentir sua fé graciosa no divino e em mim quando oramos juntos. Eu queria me esconder e brincar com ela – foder ou beber ou abraçar ou simplesmente ouvir sua voz surpreendentemente articulada como quando ela me contou sobre seu dia.

Mas Poppy estava ocupada (com o estúpido Anton), e então liguei para a próxima melhor pessoa.

Padre Jordan.

Jordan Brady era talvez o meu melhor amigo, embora eu não tivesse certeza se eu era dele. Seu melhor amigo era mais provável um santo morto que, provavelmente, o visitou em seus sonhos ou alguma merda assim, e era difícil competir com um santo morto. Ainda assim, porém, estávamos sempre juntos, e ele tinha me visto através de algumas das piores partes da minha vida. Ele tinha a mais genuína fé do que qualquer pessoa que eu já conheci, e se alguém tinha uma linha direta com Deus, era ele. E se alguém poderia ajudar e me orientar para isso, era ele que podia.

O telefone tocou algumas vezes antes dele atender, e quando o fez, eu reconheci a voz um pouco atordoada, ele ficava assim algumas vezes após a realização da Missa, como se o antigo rito lhe tivesse transportado do nosso tempo e espaço, e o enviado à deriva em outro reino.

— Tyler, — disse ele, um pouco sonhador. — Eu achei que você ia me ligar em breve.

— Você é tão estranho, — eu disse a ele. (Carinhosamente).

— É sobre Poppy? — ele perguntou, me ignorando.

— Não, é sobre a minha dissertação. — expliquei o que a professora Morales queria, e como eu pensei que ela estava certa, mas também o quanto assustadora a revisão seria. — Especialmente porque eu sinto como se eu também estivesse criticando pessoas como você e

Bispo Bove, — eu terminei. — Quando eu não tenho nada além do que o maior respeito por ambos. Mas isso não importa, certo? Quero dizer, ninguém lê essas coisas, exceto os membros do conselho. Eu poderia escrever qualquer coisa, e isso não afetará a alma de ninguém longe de Princeton.

Jordan levou muito tempo para responder, e quando o fez, ele soou como se ele estivesse retransmitindo uma mensagem em vez de falar da sua própria mente. — É sua tarefa de escrever isso, não importa o quão assustador que possa parecer. Você não deve ter medo de ser crítico, contanto que você esteja procurando a prática espiritual autêntica. E eu acho que muitas pessoas longe de Princeton vão ler isto. Isto terá o impacto de uma cratera, Tyler.

— Obrigado, — eu murmurei. — Isso é muito útil.

— Faça uma pausa, — Jordan sugeriu. — Durma esta noite e ore, e quando você acordar, as coisas serão mais claras.

Eu olhei para o meu laptop por mais de trinta minutos depois que eu finalizei minha chamada com Jordan. E então eu finalmente tomei o seu conselho, fechando meu laptop empurrando as pilhas de papeis na minha bolsa. Deixei os livros na minha mesa desde que eu poderia trancar a minha sala para passar a noite e, em seguida, depois de uma última olhada em volta, eu fui para casa.

Era depois das onze, e a garoa miserável tinha se transformado em um granizo miserável. Eu andei quatro blocos até em casa, tremendo e desanimado, tentando não pensar sobre como eu faria essa merda nos próximos dez dias. Era como tentar construir algo coerente e impactante em um terço do tempo que tinha levado para escrever a primeira versão.

Merda.

Tudo o que eu queria fazer era ir para casa e chutar meus sapatos e rastejar na minha cama quente e macia, com meu cordeirinho macio e quente. O pensamento dela - de seu cheiro e sua pequena estrutura e do batom vermelho que ela talvez não tivesse tirado ainda - apressou meus passos. Eu chegaria em casa, encontraria minha esposa, e me aqueceria novamente. Me esqueceria sobre esta dissertação de merda e esta maciça complicação inesperada.

Mas quando eu abri a porta, fui recebido pela escuridão silenciosa. Nenhuma luz de leitura fraca do quarto, sem água corrente

no chuveiro. A cozinha e sala de estar estavam exatamente como eu as tinham deixado antes de eu sair. Poppy não estava em casa ainda.

Isso não deveria ter me incomodado. Ela disse que estava trabalhando até tarde; inferno, eu sabia que ela precisava trabalhar até tarde. Eu sabia o quão importante este evento de gala era para ela. E ainda uma parte egoísta e horrível de mim a queria aqui, agora, porque eu precisava dela. Eu estava chateado e frustrado, e ela era a minha âncora. Ela era meu porto seguro. Ela era toda metáfora, náutica ou não, que fez a minha vida valer a pena viver.

E ela não estava aqui para mim esta noite.

Mas assim que eu pensei isso, eu me odiei, pensando em todas as noites que ela esperou por mim. Ela esteve aqui para mim todas as noites. Não, eu precisava perceber que seu trabalho era uma prioridade tão grande para ela como minha dissertação era para mim, e seria bom eu provar do meu próprio remédio, por assim dizer. Eu tinha ganhado essa solidão, essa sensação de abandono. Era a minha penitência.

Eu peguei alguns papeis, tomei um longo banho e depois me arrastei para minha cama vazia, fechando os olhos contra a escuridão silenciosa. Eu tinha certeza de que eu não seria capaz de dormir com a minha revisão iminente batendo contra o interior do meu crânio e minha pele formigando com a consciência desagradável do espaço vazio ao meu lado.

Poppy tinha viajado antes, sim. E tinha havido algumas vezes quando eu tinha voado para casa sem ela, dormido sozinho na minha cama de solteiro no ensino médio. Mas por alguma razão, me senti diferente esta noite. Parecia deliberado ou prejudicial ou talvez nenhum desses dois, mas algo como aqueles. E o resultado final era eu cada vez menos cansado, e mais e mais frustrado, até que finalmente sai da cama, arrancando as cobertas em um movimento violento.

Eu até mesmo fiz um café irlandês - adicionando um pouco mais do que o tradicional respingo do uísque - e me sentei à nossa mesa da cozinha prática enquanto eu lentamente abria meus trabalhos de dissertação no meu laptop.

Da janela ao lado da mesa eu observava o cemitério, as pedras calmas e imponentes e antigas ao luar frio. O granizo tinha terminado e flocos de neve ocasionais caiam provenientes das nebulosas nuvens finas esticadas através da lua. Eu podia ver a cor fraca do gelo nas lâminas da grama e ao longo dos topos das lápides. Em algum lugar lá fora, Aaron Burr e Grover Cleveland dormiam, homens famosos que

eram agora nada mais do que ossos e fragmentos de gelo e roupas esfarrapadas.

Eles não tinham conclusões de dissertação para reescrever, bastardos sortudos.

Me voltei para o meu laptop, flexionando os dedos e comecei a digitar.

Uma maneira pela qual a Igreja Católica poderia transformar este quadro...

Deleta deleta deleta.

A Igreja já tem muitos desses sistemas e dessas concepções aparentemente modernas...

Deleta deleta deleta.

Tyler Bell, o padre que abandonou seu posto, não tem a porra do direito de falar sobre o que a Igreja Católica deve ou não deve fazer.

Bem. Isso era melhor. Professora Morales certamente aceitaria isso como uma conclusão, certo?

Com um suspiro, eu me virei de volta para o corpo de minha dissertação, embora eu praticamente pudesse recitar a coisa toda sem olhar agora, tentando descobrir o que dizer. E como o dizer autenticamente. Mas todas as minhas palavras pareciam se misturar no mesmo duplo sentido como uma fanfic, borrões do que parecia agora sendo observações óbvias e cotidianas. Era tarde demais para fugir? Para pegar Poppy e desaparecer em algum lugar onde o prazo da dissertação não poderia me encontrar?

Eu não tinha certeza quando adormeci. Aconteceu em algum momento após o terceiro copo de café irlandês, mas antes do amanhecer. Quando o barulho de uma chave na maçaneta da porta me acordou. Eu tinha uma impressão parcial do teclado do laptop no meu rosto e uma grande mancha amarela marcando minhas calças de pijama, de onde a mão segurando o café tinha caído da mesa e no meu colo.

Eu esfreguei o meu rosto, tentando apagar o sentimento do teclado, e só aos poucos eu fui me tornar ciente de outro som além do da chave e bolsa de costume e os ruídos da porta sendo aberta.

Uma voz de homem.

— Obrigada, muito obrigada pela carona, — Poppy estava dizendo quando a maçaneta girou. E então a porra da risada - a risada que deveria pertencer a mim - ela estava dando a ele, sua rica risada novamente quando ela lhe disse adeus.

Eu estava de pé em um instante, andando até ela, caminhando para a porta, porque tanto quanto eu estava tentando não ficar com ciúmes, ser compreensivo e um calmo Tyler, ter Anton Rees com minha esposa na minha porta às cinco da manhã foi um pouco demais.

Quem eu estava enganando? Era demais e eu queria saber por que estava acontecendo.

Mas a porta se abriu, e Poppy deslizou para dentro, e havia apenas o fim da trazeira da sua McLaren azul quando ele se afastou da nossa casa. Eu odiava que meus olhos deslizaram imediatamente para a minha caminhonete - eu odiava que eu imediatamente calculei a diferença de custo entre os nossos carros. Eu odiava que eu me perguntava se Poppy tinha calculado isso também.

Eu poderia ser um homem mundano, às vezes, eu poderia ser um homem pecador quase todo o tempo, mas o materialismo não estava entre os meus pecados. O ciúme, sim - a luxúria, certamente - mas nunca a ganância. E assim foi uma sensação desconfortável agora, desejando que eu fizesse mais dinheiro, desejando que eu pudesse oferecer a Poppy mais do que um ex-santo padre, agora estudante, o que era quase nada. Ao contrário de Anton, que veio do mesmo mundo que Poppy, ele dirigia os tipos de carros e usava os tipos de ternos ao que ela cresceu cercada.

Poppy estava sorrindo quando ela entrou, cantarolando quando ela largou a bolsa e tirou o seu casaco de lã vermelho-cereja. Mas então ela me viu e seu sorriso desapareceu.

— Tyler? Eu não achei que você ainda estaria acordado.

Eu tentei um sorriso, mas pareceu estranho no meu rosto, então parei. — Eu caí no sono na mesa. Eu só acordei quando você chegou em casa.

— Sinto muito, — disse ela, se virando para pendurar o casaco na entrada. — Nós estávamos trabalhando e era tão tarde e então o tarde se transformou em mais cedo, e Anton ofereceu para me trazer para casa, em vez eu pear o trem... oh.

Quando ela se virou, eu estava bem atrás dela, então ela se virou em meu peito nu. E então eu me inclinei para frente e corri a ponta do meu nariz ao longo de sua mandíbula, a sentindo tremer sob o meu toque.

Ela está tremendo porque ela está excitada? Ou porque ela tem algo a esconder?

Eu estava cansado demais para dizer ao meu cérebro para calar a boca. Em vez disso, meus instintos masculinos ciumentos assumiram e eu inalei o cheiro de sua pele. Lavanda e café - nenhum traço de água de colônia, nenhum vestígio de álcool ou fumaça de cigarro. Ela não tinha sido tocada por outro homem, tinha ido a um bar ou qualquer coisa semelhante.

Ela estava dizendo a verdade.

Isto deveria me fazer sentir melhor. Isso deveria me lembrar de que a minha tendência para o ciúme seria, nas palavras de Millie, inventar desgraça onde não havia nenhuma.

Mas eu empurrei o lembrete de lado, peguei a minha mulher e levei para a cama, determinado a limpar o que quer que fosse que o amigável Anton conduzindo sua McLaren tinha feito com ela esta noite no trabalho. Determinado a enterrar o ciúme com cada impulso e impulso do meu pau em sua buceta.

E quando a manhã chegou, aquele riso abafado só pertenceria a mim.

CAPÍTULO QUATRO

A nevasca em Newport foi brutal. Granizo e neve intermitente transformou a I-95 em um engarrafamento miserável, um rio lento de buzinas e fusão de quase acidentes. Depois de Stamford, abriu um pouco, mas não muito, e Poppy adormeceu ouvindo meu audiobook sobre mitologia grega antiga. Então, eu dirigi através da garoa e acariciei sua coxa enquanto ela roncava baixinho e o narrador falava sobre as políticas familiares dos fodidos atletas olímpicos.

Perto de Westerly, ela despertou com seu cabelo despenteado e adoravelmente seus grandes olhos castanhos piscaram de sono. Bocejando, ela olhou para fora da janela. Eu não precisava dizer a ela que estávamos quase chegando; ela conhecia esta parte de New England tão intimamente como eu conhecia os bairros e fontes de Kansas City. Passei o aparelho de som do meu audiobook para o áudio Bluetooth. Blues rock, alto e cru e lo-fi, começaram a tocar através dos alto-falantes.

— Isso deve ajudar a acordar, dorminhoca, — eu disse, dirigindo meu carro para a US-1.

Eu não podia vê-la sorrir, mas eu podia sentir quando ela esticou em seu assento. — Bem, *alguém* me manteve acordada a noite passada.

Ela estava falando de mim, e do fato de que eu a comi até que o dia amanheceu cinzento e finalmente molhado do lado de fora de nossa janela. Mas por um minuto - um instante realmente - eu pensei que esse *alguém* fosse Anton, e raiva incandescente picou em meu peito.

Eu engoli. — Devemos chegar à casa de seus pais em uma hora.

Ela assentiu com a cabeça, estendendo a mão para apertar a minha coxa. Eu jurei que eu podia sentir todos os seus dedos através do meu jeans, eu jurei que eu podia sentir o calor de sua palma queimando marcas na minha pele. E com o meu zelo batendo seu ritmo inquieto dentro do meu peito, só serviu para me deixar agitado de um jeito muito particular.

Olhei para ela, para seu batom e seus brilhantes olhos perfeitamente maquiados, e então disse, — Abra minha calça.

Ela lambeu os lábios vermelhos e cumpriu sem falhas, suas mãos pálidas na luz fraca quando ela se soltou e estendeu a mão para mim.

Eu me inclinei para trás, lhe dando um melhor acesso ao meu zíper e também para que eu pudesse ter a visão que eu queria: aquelas mãos bem cuidadas no meu jeans e depois separando a calça e tomando conta de mim. Há algo incrivelmente quente sobre a forma rápida como uma mulher abre suas calças, algo poderoso sobre ter seu pé pesado no acelerador e seu veículo seguindo pela estrada e um rosto bonito prestes a ser enterrado em seu colo.

Ela me acariciou uma ou duas vezes, mas eu não precisava disso, não com seu batom e os meus ciúmes inquieto e o motor vibrando em torno de nós quando eu empurrei o carro mais rápido e mais rápido. E então ela me deu um de seus dolorosamente lindos sorrisos, se inclinando para beijar o meu pau, sua língua se lançando para me provocar.

Eu a deveria ter deixado levar o seu tempo, eu deveria ter saboreado cada uma de suas respirações quentes quando ela apertou os lábios em todos os lugares, desde a minha base até a minha coroa, mas quando olhei para baixo, e vi as marcas de batom vermelho no meu pau e eu não consegui segurar meu autocontrole, enfiando minhas mãos através de seu cabelo e empurrando sua cabeça para baixo. Seus lábios se separaram e sua boca estava quente pra caralho, e lá estava ela chupando e a vibração dessa incômoda língua...

— Merda, — eu xinguei quando meu pau bateu no fundo da sua garganta. — Puta merda.

Ela gemeu em resposta, a vibração foi direto para minhas bolas, e eu cavei meus dedos mais fundo em seu cabelo enquanto eu pressionava com mais força no acelerador, grato pela falta de tráfego, mas também desejando que isto fosse mais público, mais exposto.

— De joelhos, — eu disse. — Eu quero tocar sua bunda.

Ela fez o que lhe foi dito, se colocou de joelhos, nunca quebrando sua atenção do meu pau, e eu fui capaz de mover minha mão de seu cabelo para suas nádegas, subindo a saia de seu vestido para revelar sua calcinha. Eu lhe dei uma pequena palmada e depois a apertei forte. Deus, eu adorava a sensação de sua bunda na minha mão. Era tão suave e firme e tão malditamente suculenta, o tipo de bunda que

você poderia brincar por horas e nunca se cansar. E do jeito que fiz em sua bunda, fui para frente de sua calcinha, a forma como ela cobria as suas dobras com a renda quente...

Eu a esfreguei sobre a renda úmida, a fazendo gemer novamente. Eu a espanquei uma, duas, três vezes, alternando as bochechas, e, então embrulhei minha mão em torno de seu cabelo, puxando seu rosto para o meu.

A beijei com meus olhos na estrada, provando a mim mesmo em sua língua, manchando seu batom em torno de sua boca e, em seguida, a empurrando de volta para o meu pau, praticamente levando o carro para fora da estrada quando ela colocou sua boca em mim novamente.

— Porra, Poppy, — eu consegui dizer. — Só... porra.

Desta vez, depois que eu bati nela, eu encontrei o buraco apertado entre suas bochechas e comecei a provocar, pressionando dentro e a fazendo se contorcer. Eu não a tinha fodido lá em muito tempo; fiz planos para corrigir isso logo que fosse humanamente possível. E merda, a forma como o seu rabo estava preso em volta do meu dedo, quente e ganancioso, era difícil não justificar isso e parar tudo e fazer o *'assim que for humanamente possível'* acontecer neste exato minuto.

Ela se inclinou mais para baixo, de modo que a cabeça do meu pau estava espremida na parte de trás de sua boca, e então ela o engoliu novamente.

— Jesus, — eu murmurei, minha cabeça caiu para trás contra o encosto da poltrona. Ela fez isso de novo, e eu estava tão perto, tão perto do caralho, com o barulho da estrada sob meus pneus e meu pé no acelerador e sua bunda e quadris se curvando em sua cintura fina. Com seu batom vermelho manchado seus lábios enquanto ela me chupava, seu cabelo sedoso, despenteado e sua cabeça se movendo no meu colo, com o baixo e a bateria da música batendo através do carro.

Eu senti uma tensão farpada em minhas bolas, e então eu estava segurando sua cabeça para baixo quando eu atirei em sua boca, uma e outra vez, vagamente consciente de que eu estava cantando seu nome para ela,

Cordeirinho

Cordeirinho

Cordeirinho.

E então eu estava consciente de cada pulsar do meu orgasmo em sua boca, e ela engoliu tudo, até mesmo me ordenhando depois que parecia que eu não tinha mais nada para dar.

Ela segurou minhas bolas brincando quando ela se sentou, e eu rosnei: — Vem aqui, — e a puxei para outro beijo, desejando que nossa viagem fosse apenas nada além disso – eu a beijando e sendo chupado enquanto eu dirigia e uma música alta tocando com sua boca manchada de batom e sua calcinha molhada.

Porém. Nada é tão simples.

* * *

Depois de parar em um posto de gasolina para que eu pudesse lavar as mãos e Poppy pudesse se *refrescar* - que eu aprendi após três anos de casamento que isso era um termo que levava uns vinte minutos entre se olhar, mexer e se arrumar insignificantemente na frente de um espelho - nós estávamos de volta na estrada e seguindo para a casa de seus pais antes das seis horas.

Os Danforths viviam na costa, em um tipo de casa com quase cem anos de idade, que deveria ter um nome. E ela tinha um nome, de fato, Pickering Farm, embora não houvesse nada de fazenda na mansão branca imponente com suas portas e chaminés maciças e muitas, muitas janelas. Ela tinha um vasto gramado verde que descia até uma borda rochosa e então ia para o mar, e era cercada pelos jardins incrivelmente elegantes e extremamente discretos ao mesmo tempo. O lugar todo exalava dinheiro e classe - o tipo de dinheiro e classe que não tinha necessidade de proclamar, pois era estabelecido era confortável.

Tudo nisso me lembrava do meu cordeirinho. Meu cordeirinho elegante estava congelado com a mão na maçaneta na porta do carro.

— O que? — eu perguntei a ela, franzindo as sobrancelhas.

— Nada, — disse ela nervosamente, levantou os olhos para a casa na nossa frente. Os Danforths já haviam feito a decoração para o Natal e as árvores de Natal brilhavam em todas as janelas, acentuadas por velas, coroas de flores e guirlandas embrulhadas dentro e fora da casa.

Eu coloquei minha mão na parte de trás de seu pescoço. Foi um gesto possessivo, mas a acalmou. Sua respiração desacelerou e, em

seguida, ela se torceu para que pudesse esfregar seu rosto contra o meu braço, como um gato faria.

— Eu só não gosto de voltar aqui, — ela finalmente admitiu. Sua voz era um sussurro. — Parece que é uma derrota. Como se eu ainda fizesse parte desse mundo.

Poppy tinha abandonado aquele mundo no minuto que ela atravessou a fase de sua graduação em Dartmouth para cursar seu MBA, passando a servir mesas e, eventualmente, dançar por dinheiro, buscando uma vida mais autêntica do que a gaiola dourada em que tinha crescido.

— Você não é uma parte desse mundo, cordeirinho. Você é parte do *meu* mundo, você entende? Você me pertence.

Isso pareceu acalmá-la. Ela respirou fundo e assentiu. — Você está certo. Eu pertenço a você. Este lugar não importa.

— Hoje à noite, depois de nos instalar, eu posso lhe mostrar o quanto isso não importa, — eu prometi, o que me rendeu um sorriso.

Lá dentro fomos recebidos pela família - os pais de Poppy e seus dois irmãos e suas esposas e então seus sobrinhos e sobrinhas bem cuidados, todos vestidos formalmente e as garotas com seus laços. Apesar da necessidade de Poppy de fugir por todos esses anos, sua família era realmente muito boa - educada, inteligente e charmosa, dei o braço a torcer, pois não eram esnobes como o pessoal de Midwestern costuma ser. Eles nunca foram nada além de gentis comigo, mesmo com o meu pedigree de classe média e de renda inexistente. Na verdade, desde que foi minha culpa que ela começou visitá-los regularmente novamente, eu acho que eles se sentiam gratos por mim. Pelo menos tanto como eles poderiam fazer.

Eu cumpri bem a promessa que fiz a Poppy depois que fomos para a cama e comi sua buceta tanto quanto ela poderia suportar, através de orgasmo após orgasmo em silêncio, até que eu finalmente a tive batendo as palmas da sua mão sob a minha boca, porque ela não aguentava mais. E, depois, ela caiu no sono em sua cama de infância, uma cama de dossel tão grande que quatro pessoas confortavelmente poderiam dormir juntas e tão alta que até eu tive que me esforçar um pouco para subir. Uma cama de princesa em um quarto de princesa, com a princesa aninhada em meus braços, o cabelo escuro derramado sobre os travesseiros e em meus braços como uma cortina elegante.

Amanheceu ainda mais frio do que ontem, trazendo consigo neve de verdade, do tipo que sopra mais do que cai, enviando rajadas de vento chocalhando contra as janelas e portas. Eu acordei depois da minha esposa, como de costume e a encontrei já pronta e sentada com os cabelos em cachos brilhantes soltos e seus lábios vermelhos brilhantes.

— Quem está com aquele sono agora? — ela perguntou, a sobrancelha arqueada quando ela colocou um brinco em sua orelha. Ela estava me olhando no espelho quando eu saí da cama e caminhei até ela, parando para levantar os braços sobre a minha cabeça e esticar. Ela olhou para o meu reflexo com indisfarçável fascínio, olhando particularmente para a forma como as minhas calças de pijama soltas deslizaram ainda mais para baixo nos meus quadris enquanto eu me esticava, expondo uma linha de cabelo escuro e com destaque para a ereção matinal que eu estava ostentando.

— Volte para a cama, — eu disse em voz preguiçosa, rouca.

Ela se virou, prendendo seu outro brinco e se levantando. — Acredite em mim, não há nada que eu prefira fazer. Mas se bem me lembro, *você* foi o único que queria passar a Ação de Graças com a minha família. *Você* foi o único que me deu um sermão sobre a importância da família e da convivência. E é manhã de Ação de Graças, o que significa rolos de canela da vovó, e eu sei que você não quer perder a chance de comer tudo.

Eu abri minha boca para falar, mas ela levantou a mão. — E sim, eu sei o que você está prestes a dizer, e sim, eu sei que há algo mais que você preferiria comer. — ela se inclinou para sussurrar no meu ouvido. — Mas rolos de canela só ficam bons se comermos eles quentes. Estou sempre esperando por eles.

Ela chegou até a minhas calças de pijama, deu a meu pau uma esperança com algumas bombeadas e consegui um beijo suave, leve na minha bochecha. E então com os seus saltos alto, ela foi pisando saltitante pelo chão a fora.

Ela pagaria por essa brincadeira mais tarde, eu decidi. Em grande forma. Mas, por agora, uma ducha fria era prioridade. Nem pensar em aterrorizar a sua avó com meu tesão exposto.

* * *

— Você sabe, esta casa costumava ter um salão de baile. Mas foi incendiada na década de 1940.

Estava sozinho na entrada de frente maciça, olhando para um retrato de família e Sterling veio da sala de café da manhã. Eu não me incomodei em girar sob o som de sua voz. Não importava o quão pouco ou quanto eu mostrasse interesse nele, ele tinha decidido, em algum momento, há quatro anos, que éramos amigos e não havia como eu modificar isso.

Pelo menos eu tinha uma bebida comigo.

Sterling Haverford III - ex-menino de fundo fiduciário e agora um magnata de negócios - se aproximou de mim com seu próprio copo de uísque na mão, parecendo tão presunçoso e bonito como sempre em seu terno sob medida e sapatos italianos. Olhos azuis, cabelo preto e maçãs do rosto como um modelo do tipo Abercrombie e Fitch, inferno, isso definia a sua imagem, e quando eu olhei para ele para assentir, eu senti a queimação familiar de ciúme no meu peito.

Eu mencionei que ele também era ex-namorado de Poppy? E o homem que eu a vi beijando o dia que eu decidi deixar o clero a fim de ficar com ela?

Eu odiava que ele fosse bonito. Eu odiava que ele fosse rico. E eu odiava mais do que tudo que ele fosse encantador - tão charmoso que eu nem sequer chegava realmente a odiá-lo. De uma forma estranha, ele me lembrava de meus irmãos, Sean e Aiden, que eram tão diferentes de mim quanto humanamente possível, mas ainda assim eram algumas das pessoas mais próximas em minha vida. Sob o verniz de dinheiro e boa criação de Sterling estava um grande empresário americano, e com dois dos meus três irmãos tendo essa definição, eu sabia identificar o tipo muito bem.

Alheio aos meus pensamentos, Sterling continuou, — Rumor foi que o tio do meu bisavô começou o fogo no salão de baile por descuido com seu charuto muito perto de uma debutante desavisada e seu vestido gigante.

Ah, como eu gostava de ser lembrado como historicamente as famílias Danforths e os Haverford eram próximos. (O que era ridículo, uma vez que Sterling e sua esposa sendo convidados a compartilhar o feriado com a gente fosse lembrete suficiente para isso).

— A casa se recuperou bem, — eu disse, me afastando do retrato e caminhando para uma das enormes árvores de Natal. Certamente os Danforths contrataram pessoas para fazer essas coisas; eu não poderia imaginar Margot Danforth desembaraçando os piscas piscas de luzes ou as guirlanda ao redor de uma árvore de cinco metros.

— Então, qual é a novidade sobre os Cowboys pisoteando os Raiders esta tarde?

Droga. Como ele sempre sabe o tipo exato de coisas para dizer para capturar minha atenção? Porra, eu *odiava* os Raiders, e eu tentei não perder nenhuma oportunidade de explicar às pessoas o porquê.

Assim é como eu me encontrei na biblioteca com Sterling, em nosso terceiro uísque, argumentando sobre o fato ou não de Roger Goodell deveria ser demitido como comissário da NFL, e também sobre a possibilidade ou não de Margot nos deixar assistir ao jogo em vez de jogarmos cartas. E sim, essa é a tradição que os Danforths faziam após a sua refeição de Ação de Graças em vez de assistir futebol.

Sangue azul.

Sterling parou - um pouco instável - ao me dar outro copo de uísque enquanto ele enchia o dele. — Você sabe, Tyler, — disse ele enquanto caminhava para o bar que o Sr. Danforth mantinha junto à lareira. — Você não é tão ruim. E você se encaixa bem aqui.

Eu não acreditava muito nisso. Apesar da bondade de meus sogros, eu ainda me sentia fora de lugar. Em casa, em Kansas City, a Ação de Graças era dia de peru e futebol, cochilos estendidos no tapete, terminando com jogos do tipo Monopólio e damas. Aqui em Pickering Farm, era uma refeição formal, com vinhos emparelhados e diferentes garfos, seguido por jogos intermináveis e (se tivéssemos sorte) uma caminhada ao longo da costa gelada. Eu ainda me sentia como Nick Carraway em O Grande Gatsby, quando eu estava aqui: um observador passivo na melhor das hipóteses, um caso de caridade, na pior. Eu não era da família. Eu não era um Danforth ou um Haverford ou qualquer outro nome que poderia ser rastreado até o *Mayflower* ou qualquer uma das colônias originais. Meu pedigree foi dissipado menos de cinco gerações atrás, um rabisco ilegível em um livro esquecido, as pessoas que sintetizavam os pobres, em um amontoando de imigrantes em massa, as pessoas que nada levavam consigo do outro lado do Atlântico, exceto um rosário de exaustão e esperança.

Eu seria sempre um convidado aqui.

Um estranho desajeitado.

Um turista em uma vida que eu nunca poderia esperar ter para mim mesmo.

Eu aceitei o copo que Sterling ofereceu, tomando outro gole quente antes de responder. — Eu suponho que sim. Os Danforths têm sido sempre muito bons para mim.

— Eles gostam de você. — Sterling sentou, desabotoando automaticamente o paletó. — Inferno, eu gosto de você.

— Eu também gosto de você. Mesmo achando você é um idiota.

Ele engasgou com o uísque, rindo e eu tive que sorrir. Me doeu admitir, mas ele era um bastardo difícil de não gostar. O que me fez lembrar o quanto eu o havia detestado quando o conheci. Ele tentou me chantagear, ele tentou roubar Poppy de mim, ele tinha sido desprezível em todos os sentidos... ele testou a minha capacidade de perdoar e Deus sabe, com pensamentos compassivos sobre meus companheiros humanos.

E ainda assim, aqui estávamos quatro anos mais tarde, partilhando uísque e falando dos fatos de futebol. E mesmo que eu sentisse um nível baixo de ciúme cada vez menor, isso era quase ausente nas nossas interações agora. De alguma forma, eu tinha dominado a minha inveja dele, e mais do que isso, eu tinha chegado a um acordo com a minha inveja de seu lugar no mundo de Poppy. Eu nunca pertenceria a esse mundo, eu nunca seria Tom ou Gatsby, eu sempre seria Nick. Eu sempre ficaria sem lugar dentro da casa do meu sogro, enquanto Sterling parecia perfeitamente em casa aqui.

E isso estava tudo bem.

— Sterling? — veio uma voz musical da porta. Era Penélope, sua esposa, parecendo um pouco desesperada. Eu não a culpava, uma vez que Poppy a tinha considerado sua inimiga mortal. Provavelmente foi difícil encontrar um terreno comum com uma história como essa, quando Sterling e eu tínhamos, basicamente, abandonado o resto da casa a fim de ficar bêbados e falar sobre a NFL.

Sterling resmungou algo ininteligível, mas ainda assim se levantou para ir até sua esposa. Eu, no entanto, fiquei sentado na biblioteca pensando sobre esta nova realização, esta epifania sobre algo que aconteceu tão gradualmente que eu nem tinha notado.

Mas se eu realmente não estava com ciúmes de Sterling depois desse tempo, como é que Anton Rees me fazia ficar furioso pra caralho? Se eu tinha encontrado o caminho para controlar essa parte instintiva e terrível de mim mesmo com um homem que tinha sido interessado em meu cordeirinho, por que eu não conseguia fazer isso com outro?

CAPÍTULO CINCO

O jantar de Ação de Graças em Pickering Farm foi enorme. Mais de trinta convidados se sentaram na sala de jantar cheia de janelas enquanto música de piano soava em algum lugar dentro da casa.

Poppy parecia apática em toda a refeição, empurrando a comida em seu prato e não comeu, recusando a sobremesa e o vinho. Ela tentou uma conversa tímida com os amigos de seus pais e tentou um sorriso ou dois, mas por outro lado ela continuou a parecer distante e fora de sintonia. Eu circulei minha mão em torno do meio das suas costas, pressionando o ponto sensível entre as omoplatas, apreciando a sensação de seu corpo se fundindo com o meu toque.

Penélope, eu pensei. Deve ter sido essas duas horas em que Sterling e eu nos escondemos na biblioteca falando coisas de homem, e eu tinha deixado ela (essencialmente) a sós com uma mulher que ela abominava.

Culpa me incomodou. O que eu estava pensando a deixando sozinha assim? Então, como eu poderia estar com Sterling de todas as pessoas? E agora ela estava provavelmente socialmente exausta e emocionalmente esgotada e eu não tinha feito nada para ajudar.

Me Inclinei para perto, meus lábios pastando na concha de sua orelha enquanto eu falava. — Você está bem, cordeirinho?

Ela olhou para a mesa, como se estivesse evitando o contato visual comigo. Mas então eu percebi que provavelmente eram Penélope e Sterling que ela não queria olhar agora. — Cansada, — disse ela calmamente.

— Você quer se recolher?

Ela balançou a cabeça. — Eu estou bem, realmente. — mas ela não estava bem; uma lágrima solitária escapou do canto do olho, arrastando para baixo em sua bochecha com uma única gota clara. Eu a peguei com meu polegar e apertei o polegar automaticamente para minha boca. Não foi consciente ou intencional, mas a forma como os olhos de Poppy seguiram meu movimento com ávido interesse - a

primeira centelha de vida que eu tinha visto durante toda a noite - enviou o sangue correndo para minha virilha.

Eu sabia o que eu queria fazer. Eu ainda a tinha que castigar por esta manhã, depois de tudo, e sua família estava sentada na outra ponta da mesa...

Eu alcancei a ponta da longa toalha de mesa e encontrei uma coxa suave, cruzada sobre a outra, e eu lentamente empurrei essas coxas, enquanto mantinha meus olhos treinados sobre Poppy. Ela resistiu no início, mas no momento que eu falei *cordeirinho* para ela, suas pernas se separaram.

Talvez eu não soubesse o que estava errado com ela. Talvez eu não fosse capaz de ajudá-la, mesmo que eu tentasse. Mas eu poderia fazer isso, aqui e agora, a lembrando de todas as coisas que tínhamos prometido um ao outro e Deus naquela igreja há três anos. Que nos amávamos. Que pertencíamos um ao outro. Que nosso amor seria eterno que tudo consumia, paciente e do tipo que não se vangloriava ou invejava...

Ok, então eu ainda tinha um trabalho a fazer com a parte da inveja. Mas qualquer outra coisa, eu poderia demonstrar a ela pela maneira que nós nos comunicávamos melhor: com nossos corpos.

Mantendo meu corpo parado e minha expressão neutra, eu deslizei minha mão para cima, atrás da saia plissada do vestido Saint Laurent até seu centro quente. Ela tomou uma respiração profunda, os olhos piscando, e fiz uma pausa, lhe dando um sorriso quando ergui uma sobrancelha.

Você quer que eu pare? Perguntei com a sobrancelha.

Em resposta, ela abriu as pernas ainda mais.

Na outra ponta da mesa, uma conversa vibrava sobre um próximo jogo de tênis que tinha ocorrido, e em nossa extremidade, os convidados não familiares estavam absortos em algum conto de alguma propriedade estrangeira adquirida erradamente.

Ninguém estava nos observando.

Eu corri um dedo médio sobre a seda úmida cobrindo sua buceta, sabendo, sem a necessidade de olhar que ela, que ela usava uma calcinha que eu tinha comprado para ela no mês passado, pela razão expressa de que eu gostei da forma como o tecido ficava contra meus dedos. E - sim - tinha um lacinho na parte superior e renda em torno de

suas pernas... e toda a minha lenta e suave exploração estava tomando seu preço sobre ela. Ela se contorceu na cadeira, tentando balançar sutilmente sua pélvis contra minha mão, abrindo as pernas longe o suficiente que eu pudesse facilmente patinar meus dedos por baixo do tecido na virilha, o que fiz em seguida.

Ela chupou em uma respiração através de seus dentes, que ninguém pareceu notar, e eu casualmente usei minha mão esquerda para tomar um gole de vinho enquanto minha mão direita afastava sua calcinha para o lado e começava a acariciar a pele macia por baixo. Ela estava molhada, molhada o suficiente para que não houvesse resistência quando eu circulei sua entrada com meu dedo do meio. O suficiente para que eu pudesse deslizar facilmente o meu dedo até seu clitóris, deixando tudo escorregadio e liso. A almofada do meu dedo esfregou sobre seu broto inchado enquanto meu polegar traçou círculos suaves sobre a pele saltada e nua de seu monte.

— Então, Tyler, — um dos convidados disse, inclinando a cabeça para mim. — Nos conte mais sobre Princeton nestes dias. Eu sou um homem de Yale, mas eu tenho que admitir que o seu Centro de Bendheim está fazendo algumas coisas muito impressionantes.

Poppy ficou cor-de-rosa e tentou se afastar do meu toque, mas eu continuei a esfregar enquanto eu me inclinei em meu outro antebraço na mesa e me virei para o homem que tinha falado.

— Bendheim é excelente, — eu respondi em tom neutro de conversa. — Eu honestamente acho que eles estarão adicionando mais programas além de um mestrado em breve. A procura por finanças e educação empresarial é simplesmente elevada para ignorar.

— Princeton não se preocupa com a demanda, — disse outro homem, meio rindo, o tipo que se tem depois de três ou quatro copos de vinho. — Eles só se preocupam com o meio acadêmico.

Dei de ombros, usando o movimento para disfarçar a mudança no meu braço e ombro para que eu pudesse - *oh porra, lá estava ela* - pressionar um dedo lentamente dentro de sua buceta. Sua respiração irregular foi certamente indetectável para ninguém além de mim; eles perderam, porque era o som mais belo do mundo, mais bonito do que o piano que ainda tocando suavemente, mais bonito do que o som do vento açoitando o mar contra o vidro.

Apenas sentindo sua buceta eu virei minha semi ereção em uma ereção completa, que era grosso e longo e bastante desconfortável nas minhas estreitas calças de cintura baixa. Mas eu apreciava o

desconforto, o sentimento de estar tão duro por ela enquanto ela estava tão molhada para mim, impotente em seu cativeiro apenas por minha mão.

Eu empurrei mais longe dentro dela, balançando um pouco quando os homens começaram a discutir sobre o que faltava para que Princeton tivesse uma escola de negócios adequada para obter o seu lugar na Ivy League. Sua mão se aproximou e agarrou a borda da mesa quando eu finalmente pressionei contra seu ponto G, empurrando contra ela e, em seguida, arrastando o dedo de novo para esfregar contra seu clitóris em círculos duros e rápidos, em seguida, mergulhei de volta para brincar com o ponto G.

Com seus dentes da frente perfeitamente imperfeitos cavando em seu lábio inferior tão forte que eu pensei que ela poderia morder através dele, seus dedos estavam brancos enquanto ela segurava sobre a mesa, enquanto eu conversava casualmente sobre a política de Princeton e joguei algumas piadas de Harvard, para alegria e diversão dos embriagados esnobes aristocratas.

— E Poppy, você ainda é uma menina de Dartmouth por completo? Mesmo com um marido de Princeton?

Ela engoliu em seco, os dentes deixando o lábio por um segundo, tempo suficiente para ela gerenciar uma resposta, — Continuo uma menina Dartmouth, Richard.

Eu amei cada milissegundo disso, da minha esposa adequada em sua adequada casa, cercada por todas essas pessoas adequadas, enquanto eu lentamente a fodia com o dedo debaixo da mesa. Todas essas pessoas falando sobre as faculdades da Ivy League e planos de investimento e os custos crescentes de manutenção do iate enquanto a filha do dono da casa tinha sua buceta traçada no mesmo da sala.

Sua cabeça estava inclinada agora, uma mão apertando a mesa e a outra enrolada em torno de seu copo de água, suas bochechas rosadas e sua respiração acelerada, o vestido revelando os bicos eretos de seus mamilos. Se alguém estivesse prestando atenção suficiente - o que eles não estavam, felizmente - eles veriam que algo incomum estava acontecendo com ela. Eles veriam a inclinação sutil de seu torso enquanto seu corpo dopava sua mente e tentava fazer com que meus dedos fossem mais profundos, mais rápidos, mais duros.

Eu estava tão duro que eu pensei que meu pau fosse perfurar um buraco através de minhas calças, mas eu não me importei. Eu só me preocupava com ela, a respeito de possuí-la com apenas esses pequenos

movimentos dos dedos e punho, fazendo tudo o que fosse possível para ela esquecer o que tinha causado aquela lágrima, e a substituindo com prazer.

E, se eu admitisse para mim mesmo, havia algo atraente sobre fazê-la gozar a apenas alguns lugares longe do mesmo bastardo que tirou a virgindade dela. Algo viciante sobre fazer esta jovem endinheirada se perder no meio deste santuário americano de riqueza e influência. *Quem é Nick fodido Carraway agora?* Eu queria gritar. *Quem agora quem não pertence a esse lugar?*

Assim quando eu desviei a piada de algum dos homens sobre a equipe de remo de Princeton com uma réplica sobre Harvard, eu senti. O aperto em seu núcleo, de forma abrupta, e então ela estava fechando os olhos quando eu empurrei dois dedos dentro dela para prolongar seu clímax. Silenciosamente, ela balançou contra meus dedos, os olhos bem fechados e dentes enterrados em seu lábio inferior. E eu mordi meu próprio lábio, porque ela estava tão molhada lá em baixo e eu podia sentir cada pulsação, cada ondulação única de seu orgasmo, o que me deixou louco.

Então louco pra caralho.

Eu a queria puxar para o meu colo e então queria que ela saltasse no meu pau até que ela gozasse de novo. Ou talvez eu ficasse feliz com ela em seus joelhos entre as minhas pernas, me chupando como ela tinha feito no carro ontem. Ou, honestamente, mesmo um trabalho de mão rápida através das minhas calças. Neste ponto, meu pau não estava muito interessado nos detalhes.

Mas ao invés disso, eu ri e acenei para as outras pessoas na mesa, enquanto Poppy descia de seu orgasmo, e então quando ela terminou, eu retirei meus dedos suavemente, puxando a calcinha de volta no lugar e alisando a saia sobre suas pernas. E quando a barra estava limpa, eu levei meus dedos na minha boca e lambi o seu gosto deles.

Seus olhos se arregalaram, ao mesmo tempo em que um tímido sorriso rastejava em seu rosto e eu me sentei reto, satisfeito que eu a saciei, mesmo que fosse à custa de uma ereção furiosa que não tinha esperança de ser atendida a qualquer momento em breve.

— Quais são os seus planos, Tyler? — uma das esposas anônimas me perguntou quando eu tinha acabado de lamber os dedos. Eu me esforcei para lembrar o nome dela, mas honestamente, todas pareciam iguais - cuidadosamente penteadas, com botox sutilmente em suas

caras, broches caros fixados em seus vestidos de lã. — Após terminar o doutorado? Você vai ensinar?

Só assim, meu humor satisfeito desapareceu, substituído por algo muito mais ambíguo. Algo muito mais ansioso.

— Eu ainda não tenho certeza, — eu disse delicadamente. — Eu ainda estou focado em terminar minha tese, então eu não tenho me preocupado muito pensando no que vem depois.

Eu podia sentir os olhos de Poppy perfurando o lado do meu rosto, mas eu não me virei para olhar para ela. O que aconteceria depois desta colação era algo que nós não falamos ainda. Poppy iria querer que eu fizesse algo *grande* e *significativo* e *autêntico*, em outras palavras o que pessoas como ela e Jordan jogavam por aí como confetes de desfile. Para eles, essas palavras foram esvoaçantes e leves, fáceis de agarrar no ar e pegar.

Não para mim.

Por muito tempo, eu vinha construído o que significava este objetivo singular - trabalhando para garantir que o que aconteceu com a minha irmã não acontecesse com mais ninguém. Mudança sistêmica. Reforma institucional. Sensibilização em grande escala e ativismo.

E então veio Poppy. E então veio sete meses cavando poços e construindo escolas em Pokot. E eu comecei a ver como coisas aparentemente pequenas, coisas comuns, beijos e jogos de futebol e pá de terra, poderiam ser importantes e gratificantes.

Então, eu não sabia o significado autêntico e o que isso parecia para mim. Eu tinha desistido de tentar conhecer o plano de Deus para a minha vida, mas eu não tinha desistido de tentar viver uma vida *piedosa*, e eu não sabia o que isso significava em meu novo contexto. Eu ficaria no meio acadêmico e orientaria outras pessoas em suas descobertas? Eu voltaria para o trabalho missionário? Eu encontraria um papel não clero em uma igreja, talvez em administração ou como dirigente de juventude?

A realidade, a fria realidade: o único trabalho que eu me sentia adequado - o único trabalho que eu me sentia *pronto* - era como padre.

E eu nunca poderia ser um de novo.

O pensamento enviou um calafrio de medo por mim. Uma corrente elétrica de pânico e agitação. E se deixar o sacerdócio havia me

condenado nesta vida, bem como na próxima? E se eu nunca encontrasse outra chamada, outra vocação, e eu estivesse condenado a viver a minha vida neste perpétuo estado de inquietação, procurando uma resposta que eu nunca iria encontrar?

— Isso é muito ruim, — disse a mulher anônima. Ela estava me dando um daqueles sorrisos tipo *por que você não vem me ajudar com o meu cadarço do tênis* que todas essas esposas pareciam me dar quando eu estava aqui. — Você tem muito para dar ao mundo.

Depois vieram os homens, agora completamente bêbados, me oferecendo empregos e referências, então os garçons contratados tiraram as sobremesas da mesa e era hora dos jogos. Olhei para o meu copo de vinho enquanto meu prato era levado embora, meu estômago revirando, se sentindo miserável comigo e com o meu futuro e esta casa pomposa e minha vida.

— Tyler, — Poppy disse baixinho, tocando meu braço. Olhei em volta; nós éramos os únicos na mesa. Na minha lamúria, eu não tinha notado todos saindo para a próxima sala.

Ficamos parados, e eu aproveitei a oportunidade para ajustar rapidamente a minha ereção persistente. Segui Poppy quando ela caminhou ao redor da mesa, o vestido abraçando o mergulho delgado de sua cintura e entrando sobre sua bunda empinada, a bainha batendo no meio daquelas coxas tonificadas e cremosas...

A tomei pelo braço e a puxei para o corredor até a pequena sala ao lado do hall de entrada que servia de vestiário, fechando a porta atrás de nós. A única luz ali estava com um brilho dourado fraco das árvores de Natal no foyer, que escoava por baixo da porta.

— O que você-

Eu coloquei a mão sobre sua boca enquanto eu girava em torno dela para que ela ficasse longe de mim. Eu estava chateado e eu estava irritado com essa pergunta estúpida na sala de jantar, a pergunta que me obrigou a enfrentar mais uma parte da minha vida que eu estava falhando, e Poppy era tão bonita e suave e *minha*, e eu ainda estava fodidamente duro por ela.

Eu afastei seus pés quando eu lancei a saia sobre sua bunda. Eu não me importava que essa era a casa de seus pais ou que qualquer um poderia entrar aqui para pegar o seu casaco ou bolsa. Eu só me preocupava com a ingestão aguda da respiração que ela deu quando eu puxei a calcinha de seda por suas pernas e as enfiei no bolso.

— Diga vermelho se você quiser, cordeirinho. Caso contrário, mantenha essa boca bonita fechada.

Ela estremeceu com as minhas palavras, minha mão verificando para ver se sua buceta estava pronta para mim, meu outro lado a deitando de costas e a pressionando para frente. Ela apoiou as mãos contra a parede e olhou por cima do ombro, os olhos arregalados de desejo em mim.

Porra, ela era gostosa.

Eu soltei meu cinto com uma mão e, em seguida, abri minhas calças, amando o jeito que ela inconscientemente se arqueou mais perto quando ela ouviu o ronronar do meu zíper.

Eu dei um passo ainda mais perto dela, agarrando meu pau e o alinhando com sua entrada. Fiz uma pausa, no entanto, bem antes de empurrar para dentro, me perguntei se isso era uma coisa imoral de fazer. Usar a mulher que eu amava como uma saída para mais um dos meus dilemas espirituais. Usar o seu corpo e aqueles olhos cor de avelã dispostos por alguns minutos de descanso da minha culpa e ansiedade.

Mas então ela levou a decisão para longe de mim, pressionando seu traseiro em meus quadris e se empalando sobre meu eixo.

Meus lábios se separaram quando minha ereção deslizou para casa, e eu jurei que eu podia sentir cada milímetro único de sua buceta quando ela engoliu meu pau, cada um. Por um minuto, eu só fiquei lá, absorvendo a sensação. A senti tão molhada e tão apertada, tão *boa*, e na luz fraca eu podia ver o contorno de seu quadril curvado, a forma de coração de sua bunda pressionando em minha virilha.

Eu agarrei seu quadril com uma mão e seu braço com a outra, a trazendo de pé e mais perto de mim, e mesmo com os saltos alto, eu tive que dobrar meus joelhos sobre o meu cordeirinho. Mas eu sabia exatamente o segundo que eu achei o ângulo perfeito, porque ela deixou escapar um gemido ofegante e então comecei a empurrar em golpes fortes, profundos e curvos que a fez levar suas mãos em minhas coxas para apoio.

O silêncio era colossal, mas eu não podia fazer nada além de fodê-la duramente. O tipo de ruído onde o tapa da nossa pele e a umidade do nosso tesão e o bater de minhas bolas contra sua buceta fez ruídos distintos que nem mesmo estes reprimidos da Nova Inglaterra poderiam não conseguir identificar.

Eu não me importava, porque por alguns minutos, a vida era perfeita novamente. Meu cordeirinho e eu, sozinhos, fundidos como um. Sem família, sem ex-namorados, nenhum futuro que se aproximava. Nada de dissertações e nada de Anton. Apenas nós, e os suspiros irregulares da minha esposa quando eu encontrei seu clitóris - ainda sensível da foda de dedo na mesa do jantar - e brinquei com ele. Não demorou muito, talvez trinta segundos, e então seus músculos do estômago ficaram duros e apertaram sua buceta se fechando em torno de mim.

Ela empurrou o punho na boca para não gritar, e então liberou tudo, contrações poderosas ordenharam meu próprio orgasmo de mim. Me inclinei em suas costas e mordi seu ombro enquanto eu bombeava meu esperma dentro dela, profundamente dentro de seu corpo doce.

Senti o clímax em todos os lugares - nos músculos das minhas coxas e abs, minha coluna, meus dedos dos pés. Cada parte de mim liberado por ela e ela acolheu tudo de mim, o calor desarrumado do meu desejo insaciável e o peso insuportável da minha culpa e a incerteza pela frente. De alguma forma, ela a tomou e pela primeira vez em semanas, minha mente se sentiu tranquila. Meu coração se sentiu em paz.

Eu puxei para fora, nos limpando com sua calcinha. Elas voltaram para o meu bolso, e eu a ajudei a arrumar seu vestido enquanto ela afivelava o meu cinto.

Na luz dourada, eu podia ver o seu rosto inclinado para o meu, aqueles olhos piscando e aqueles lábios fascinantes. — Está tudo bem? — perguntou ela. — Você parecia... preocupado.

— É essa a sua maneira de perguntar por que eu te arrastei para o um armário para transar com você?

Seu riso contagiante. — Sim.

— Eu estou bem agora, — eu disse honestamente. — Você me curou.

— Com minha buceta mágica? — ela perguntou ceticamente.

— Com sua buceta mágica, — eu confirmei. — E apenas por ser você. — eu segurei seu rosto com uma das mãos, perguntando se ela poderia ver os meus olhos tão claramente quanto eu podia ver os dela à luz sombria. — Às vezes eu acho que você não sabe o quanto eu te amo.

Ela virou o rosto na minha mão, e eu trouxe a minha outra para traçar sua mandíbula. *Ela realmente não tem ideia,* eu percebi. Como apenas por ser *ela,* real, a minha Poppy sexy, ela me fez um homem melhor. Ela me fazia sentir em paz. Ela me fazia ser mais como eu. Me preocupei que ela só via a si mesma através de certas lentes - as lentes de sua família, talvez, ou a sua própria lente, que era dura e excessivamente crítica e sem ceder, super exigente.

Ela nunca realmente apreciava como ela era inteligente, ou o quão talentosa ela era. Ela nunca parecia perceber exatamente como ela era linda e quanto eu ansiava por ela. Foder, certamente, mas também simplesmente olhar para ela. Olhar para ela me fazia feliz. Eu não conseguia pensar em uma maneira mais simples de descrever do que isso. Ela era tão linda para mim que tudo que eu tinha que fazer era olhar para ela e a vida fazia sentido novamente.

A primeira vez que fizemos amor, ela tinha sido a minha comunhão, uma nova aliança que eu estava fazendo entre mim e ela e Deus. Eu tinha pensado que era o mais intenso - o mais luminosamente espiritual e carnal - momento que jamais poderia compartilhar, mas de alguma forma a aliança tinha crescido, até agora toda vez que eu olhava para ela, eu me sentia como um convertido recém-batizado. Eu me sentia como os Apóstolos testemunhando a Transfiguração.

Deus era meu Deus. Mas Poppy... Poppy... era meu guia.

Eu abri minha boca para lhe dizer isso, mas então ela pressionou um dedo aos lábios, sua boca abriu alegremente em um sorriso travesso. — Eu ouço alguém perto, — ela sussurrou.

Eu ouvi também, o tilintar do gelo em um copo, os tons monótonos de mais um diálogo sobre cavalos e barcos. Ficamos ali, congelados, Poppy lutando contra um ataque de riso por quase ser pega no armário de vestuário. Quando a conversa finalmente foi se afastando para outra sala, nos saímos do armário e corremos para nosso quarto, onde eu cobri meu guia, meu cordeirinho protestando, em beijos e a levei para o chuveiro, onde a deixei limpa - e, em seguida, suja – e então limpa novamente.

CAPÍTULO SEIS

Não foi até nossa viagem de volta para casa que isso aconteceu.

A ideia.

Poppy tinha novamente adormecido depois de me fazer prometer ajudá-la montar a árvore de Natal, uma vez que chegássemos em casa. Uma vez que ela começou a ronronar, eu percebi que era seguro desligar a música de Natal que ela tinha colocado e ouvir o meu audiobook novamente.

O narrador estava relatando a história de Teseu e o labirinto de Creta, e quando eu pensava sobre o próprio labirinto, eu comecei a pensar em outros símbolos icónicos da mitologia. Nos celtas e nas cruzes e triskelion[10] e seus espirais. E então eu pensei apenas sobre os espirais enquanto eu dirigia pela estrada molhada, mas quase vazia, e então veio a mim por que eu lutava com inveja sobre Anton, embora eu tenha deixado de lado o ciúme sobre Sterling.

A vida é uma espiral.

Enquanto nós vivemos, nós seguimos em frente. Mas em um caminho espiral, ficar mais perto de seu destino significava passar periodicamente as mesmas coisas - emoções, problemas, falhas de caráter - uma e outra vez, da mesma forma como uma pessoa subindo uma escada em espiral que continuamente se encontra de frente para a parede a cada dez passos ou algo assim.

Meu ciúme era meu norte, e talvez eu fosse mais sábio do que a última vez que eu o senti. Talvez desta vez fosse mais fácil de dominar, e então quando eu, inevitavelmente, o enfrentasse novamente, seria ainda mais fácil...

Mas minha mente não parou por aí. Porque eu percebi que isso não se aplicava apenas aos indivíduos. Era aplicado à instituições também. Como igrejas. Como a Igreja Católica, na verdade. Porque, historicamente, a igreja tinha seu próprio espiral, momentos em que

---

[10] Triskelion: 

tinham sido forçados a se modernizar ou adaptar, grandes saltos em frente a um humanitarismo e filosofia, e saltos gigantes para trás com seus dogma e perseguição.

A Igreja não precisava de mim para lhe dizer como mudar. Ela já sabia, porque tinha feito isso tantas vezes antes.

A Igreja Católica não precisa de receita médica para a reforma, escrevi mentalmente, desejando que eu estivesse com meu laptop e capaz de escrever isto. *A Igreja só precisa de uma chamada para despertar...*

Meu Deus. Eu realmente tinha quebrado a barreira da conclusão da minha dissertação? Eu poderia finalmente escrever esse filho da puta?

Animado, eu acelerei o carro e olhei para o relógio. Apenas um par de horas até chegar em casa. E então eu iria começar a detonar esta reescrita.

* * *

— Eu pensei que você tivesse dito que iríamos montar a árvore juntos? — disse Poppy, os braços cruzados.

Eu estava caminhando para fora da porta, e eu tinha parado para lhe dar um beijo distraído - erro de principiante. Porque então ela tinha notado a minha bolsa recheada de lanches e deduziu que eu estava pensando em ficar fora a noite inteira.

Corri a mão pelo meu cabelo. Eu odiava desapontá-la - Poppy amava o Natal da mesma maneira que a maioria das pessoas amavam bebês - ferozmente e às vezes irracionalmente - e montávamos a árvore juntos todo ano desde que tínhamos casado. Por outro lado, a cada minuto que eu estivava aqui discutindo com ela era mais um minuto desperdiçado, quando eu poderia estar colocando para fora as palavras que finalmente trariam essa tese a seu amaldiçoado fim.

— Podemos montar outra noite? — perguntei, tentando soar penitente e realmente sincero. (Eu não era nenhum dos dois).

Seu lábio inferior se curvou em algo perigosamente como um bico. Meu coração balançou com a visão, mas então meu cérebro

gritou *escreva... escreva, finalize, finalize*, para mim, e meu coração parou com a culpa.

— É dia de Ação de Graças, — disse ela. — Esse é o dia de montar as árvores de Natal, mas se você quiser esperar...

— Eu quero, obrigado. Eu prometo que a hora que eu terminar essa coisa podemos montar sete árvores de Natal, ok? Nós vamos montar muitas como sua mãe fez em Pickering Farm. — eu deixei cair um beijo em seus lábios imóveis. — Eu vou terminar com essa coisa o mais cedo possível. Eu juro.

Seus braços ainda estavam cruzados quando eu saí pela porta.

* * *

Na tarde seguinte, eu bati na porta aberta do escritório da professora Morales. — Professora? Posso entrar?

Morales estava parada na frente da pequena janela de seu escritório, esfregando suas costas com a palma de uma das mãos. Ela não me deu uma resposta imediata, então eu apenas pairei no limiar como um vampiro, até que ela finalmente se virou para mim. Seus lábios apertaram em uma linha infeliz e plana, e seus olhos estavam distantes e escuros.

— Este é um momento ruim? — perguntei. Eu quase pulei e bati meus pés no ar quando eu tinha visto a luz sobre sua porta quando eu andei do meu pequeno escritório compartilhado para a biblioteca, e eu decidi tomar a chance de lhe mostrar a minha última revisão. Eu passei a noite na biblioteca ontem, voltando para casa ao fim da manhã para tomar banho e entrar em um rápido cochilo antes de dirigir ao campus sob uma última rodada de congelante granizo. Poppy não estava em casa - eu tinha assumido que ela tinha fugido cedo para se preparar para o evento de gala - mas a árvore de Natal estava na sala de estar para me cumprimentar em vez disso, um monumento de três metros de altos para minhas falhas como marido, piscando brilhantemente, apesar da luz cinza escuro de inverno lá fora.

Eu disse a ela que poderia montar mais tarde, eu pensei, irritado. Montar sem minha presença parecia bastante passiva e agressiva, e eu deixei o ressentimento crescer em meu peito enquanto eu tomava banho e me deitei para dormir. Eu finalmente tive um grande

avanço, finalmente fomos ao jogo final, e ela estava começando a fazer as coisas sem mim agora? Agora, quando nós estávamos tão perto do fim de toda essa merda?

Mas eu não estava programado para a raiva. Eu estava programado para a culpa. E não demorou muito para que minha irritação fosse substituída por fantasias deprimentes de Poppy montando os ornamentos e se esforçando, bebendo sozinha, cantando as canções natalinas sozinha.

Sozinha. Essas eram as duas piores palavras no idioma Inglês agora mesmo, ou pelo menos as mais incriminadoras.

Com dificuldade, mudei minha mente da árvore de Natal de volta ao presente. Morales estava inclinada para frente agora, uma mão apoiada sobre a mesa enquanto ela olhava para baixo com um aperto na cara. E então ela soltou um gemido baixo - o tipo de ruído que eu normalmente ouvia quando minha esposa estava em suas mãos e de joelhos na minha frente - e então eu corei em resposta automática, até que percebi que Morales estava com dor, de verdade, uma dor insuportável, e eu dei um passo à frente para ir até ela.

— Professora? Você gostaria que eu chamasse alguém?

— Eu acho que eu preciso chamar a minha médica, — ela conseguiu dizer depois de um minuto ou algo assim. Seu corpo relaxou um pouco, mas ela se manteve inclinada para frente, como se tivesse medo de que em pé provocaria sua dor novamente.

— Hum, está bem, — eu disse, tirando minha mochila e cavando meu telefone no bolso do meu blazer. — Qual o nome dela? Talvez eu possa encontrar o número dela online.

— Eu posso fazer isso, — disse ela, e sua voz estava um pouco menos tensa agora, um pouco mais lúcida. — Você pode me trazer minha bolsa?

Eu fiz isso e ela encontrou seu próprio telefone, e dentro de alguns minutos ela estava conversando com uma enfermeira, coisas como *seis minutos de intervalo* e *pensei que era apenas dor nas costas* e *não, não, não tem diminuído*.

Foi quando eu percebi que ela estava em trabalho de parto. Puta merda.

Puta.

Que.

Pariu.

Uma vez eu era qualificado para batizar bebês. Eu tinha sido qualificado para me juntar as pessoas em casamento e eu era qualificado para rezar em sua cabeceira. Eu tinha guiado as pessoas através de algumas das partes mais felizes e infelizes da sua vida, os altos e baixos, agonias e êxtases.

Mas eu não tinha ideia do que diabos fazer com uma mulher em trabalho de parto. Especialmente uma mulher que potencialmente estava com o peso do meu futuro acadêmico em suas mãos.

— Tudo bem, — disse ela ao telefone. E então, — Sim, eu tenho uma carona para o hospital.

Como um personagem de uma comédia, eu instintivamente olhei para trás de mim, como se procurasse outra pessoa na sala, e então eu percebi - *eu* era a carona para o hospital.

Como se sentisse meu pânico crescente, Morales encontrou meus olhos quando ela desligou o telefone. — Tyler, — disse ela. — Você tem que parar com esses olhos de cachorro perdido. Eu não posso lidar com eles, mesmo quando eu não estou - *ugh.* — ela se inclinou outra vez, ambas as mãos sobre a mesa, respirando com dificuldade.

Sem saber o que fazer, eu lhe afaguei desajeitadamente nas costas.

— Não Toque. Em. Mim, — ela rosnou.

— Sim, senhora.

Depois de mais um minuto disto, ela finalmente se endireitou. — Onde você estacionou?

— No exterior do edifício no estacionamento da faculdade. Devo trazer o carro ou...

— Porra, vamos caminhar. — ela se colocou de pé, fez um movimento de bater com a mão para indicar que eu deveria pegar sua bolsa, e, em seguida, começou a andar. Eu me senti com quinze anos de idade, desajeitado e inútil. Eu não tinha ideia do que dizer ou mesmo que entrada do hospital parar até chegamos lá. Certamente eu deveria estar fazendo alguma coisa, certo? Toda a coisa de respiração estranha - eles sempre fazem isso nos filmes.

Quando vislumbrei seu anel de casamento piscando na luz do corredor quando saímos, eu perguntei, — Devo chamar o Sr. Morales?

Professora Morales me lançou o mesmo olhar fulminante que ela dava a classe nova de graduandos em suas aulas de história da igreja medieval. — Você honestamente acha que eu peguei o nome do meu marido quando eu me casei?

— Hum. Não?

— Claro que não. E o meu marido está visitando a família porque o bebê não era previsto até a próxima semana... oh merda. — ela parou cerca a alguns metros do elevador, as mãos estendidas, como se estivesse procurando algo para agarrar. Eu ofereci meu braço, o que me arrependi instantaneamente, porque ela cavou seus dedos dentro de mim tão forte que eu sabia que ia estar dolorido mais tarde. Mas eu aguentei estoicamente como pude, e quando ela trincou uma solicitação para alisar a parte inferior das costas dela, me aproximei e fiz, esperando que ninguém passasse e me visse, basicamente, abraçando um dos membros que jugaria a minha dissertação.

E assim foi todo o caminho até o carro, poucos minutos de caminhada, poucos minutos de parar e respirar, onde ela gradualmente transformou todos os ossos em minhas mãos em seixos soltos e eu a segurei de volta tão duro quanto eu podia. No carro, ela colocou o assento para trás e tirou o encosto de cabeça, enquanto eu ligava para seu marido e deixei uma (muito estranha) mensagem de voz explicando por que eu estava levando sua mulher em trabalho de parto para o hospital.

Só me levou dez minutos para fazer uma viagem de vinte minutos, mas quando entrei na entrada de emergência, a professora Morales tinha definitivamente ido de trabalho de parto para absolutamente e totalmente em trabalho de parto, e apenas dar poucos passos do carro para a porta da frente nos levou vários minutos. Uma enfermeira saiu com uma cadeira de rodas, recebendo um monte dos mais cruéis palavrões que eu já ouvi de Morales, e quando eu tentei me afastar para estacionar o carro, fui informado em uma língua incerta que eu estava intimado a ficar com ela. Então eu a deixei esmagar a minha mão e xingar palavrões que até mesmo os Business Brothers iriam corar, até ela ser levada a um quarto na ala de trabalho de parto.

— Você é o pai? — uma enfermeira me perguntou.

— Não, — eu gaguejei. — Eu sou seu candidato em PhD.

A enfermeira olhou para mim como se eu fosse uma pessoa insana, e eu meio que me senti como um cercado por todos estes enfermeiros e monitores em movimento e então eu cometi o erro de olhar por cima e ver uma enfermeira com sua mão em Morales-

— Eu vou estacionar o carro, — eu disse inquieto, recuando. — Existe uma irmã ou um amigo que podemos chamar para ajudar com... — fiz um gesto para a enfermeira/mão/a situação da vagina dela. — Tudo isso?

Havia uma irmã. E, então o marido de Morales ligou de volta, animado como o inferno e correndo para o aeroporto em um táxi, e quando eu acabei de estacionar o carro, Morales sabia que seu marido estava a caminho e sua irmã estava entrando na sala. Eu fiquei na sala de espera, examinando meu braço e as contusões e me sentindo estranhamente nervoso. Por que eu estava nervoso? Este não era o meu bebê.

Mas então eu percebi que o que eu achava que eram tremores eram realmente lascas de alegria – brilhantes e vibrantes, o nevoeiro de trabalho e culpa. Morales estava tendo um *bebê,* agora, aqui neste mesmo lugar. E eu cheguei a ser uma parte disso, uma parte desta nova vida, essa incrível e bonita coisa que estava acontecendo apesar das guerras e genocídios e maus políticos e a política acadêmica de merda.

Eu mal podia esperar até que eu estivesse no hospital para ter o meu próprio bebê. Me sentei e me deixei fantasiar sobre isso, sobre Poppy com uma barriga inchada, sobre Poppy xingando obscenidades para mim. Sobre nós, nossa família aumentando. Isso quase se tornou muito doloroso para pensar - Poppy ter o meu filho - não porque me deixou chateado, mas porque isso me deixou tão feliz, quase incandescente. Eu comecei a sorrir só de pensar nisso, imaginando se ela concordaria em tentar ter um bebê assim que eu terminasse a minha licenciatura. Inferno, nós poderíamos fazer agora, porque um bebê não nasceria por mais nove meses depois que ele ou ela fosse concebida, embora eu realmente devesse cair na real e pensar sobre o que aconteceria após este PhD. Eu não poderia pedir a Poppy para ter o meu filho se eu não tivesse um plano para minha vida ainda.

— Sr. Bell? — uma enfermeira saiu para a sala de espera. — A Sra. Morales quer que você saiba que ela acabou de ter um bebé saudável, e que você está convidado a vir e conhecer.

Eu não deveria me intrometer, eu realmente não deveria...

— Tudo bem então, — eu disse, levantando e seguindo a enfermeira de volta para o quarto. No caminho, eu olhei para o relógio. Tinha sido apenas duas horas desde que tínhamos chegado ao hospital, o que parecia rápido para ter um bebê... não que eu realmente soubesse nada sobre ter filhos. Meus irmãos não tinham filhos, e os irmãos de Poppy tiveram seus filhos muito antes de eu a conhecer. Realmente, a minha única experiência com um bebê era de batismos, e aqueles tendem a ser assuntos bastante diferentes.

Quando entrei no quarto, Morales tinha passado um batom ameixa e um cardigã caro sobre seu vestido de hospital. — Sinto muito por todas as coisas que eu disse a você antes, Tyler, — ela se desculpou rapidamente. — Estou me sentindo muito melhor agora.

— Sim, agora que eles te deram algo para a dor, — sua irmã apontou.

Morales apontou para o pacote em seus braços. — Gostaria de conhecer a minha filha?

Me arrastei para a cama, de repente me sentindo tímido – um sentimento que a Sra. Morales queria que eu me livrasse rapidamente esticando o pacote pequeno para mim para que eu segurasse no segundo em que eu estava perto o suficiente. Eu não sabia muito sobre bebês, mas a etiqueta sugeriu que seria rude recusar um bebê oferecido, então eu aceitei, surpreso com o quão pouco a criança pesava.

A coloquei na dobra do meu braço e olhei para seu pequeno rosto, seus olhos ligeiramente inchados e com a cabeça coberta por um chapéu listrado azul e rosa. Mas ela estava acordada e quase sobrenaturalmente calma, seus olhos escuros piscando e sua boca pequena se separou, como se ela estivesse olhando com espanto para o mundo ao seu redor. Ela era tão sobrenatural, tão perfeita e tão frágil, e naquele momento, onde os olhos arregalados pareciam se prender nos meus, eu senti uma paz e uma alegria turbulenta, quase como uma tontura.

Eu tinha ouvido muitas explicações de por que Abraão tinha nomeado o seu filho de Isaque, o que significa 'risada' em hebraico. Isso foi porque Sarah riu quando o Senhor disse a ela que ela teria um filho, ou mesmo que ele foi nomeado para o próprio riso de Deus pela situação. Mas agora, eu sabia como Abraão poderia ter sentido, segurando seu próprio recém-nascido, uma felicidade tão triunfante e de euforia que ele não podia deixar de rir.

Eu beijei a testa da menina, meu peito se rasgando com adoração e esperança, e depois eu (relutantemente) lhe entreguei de volta a Morales, que me deu um sorriso cansado. — Aposto que você não esperava gastar seu sábado à noite desse modo.

— Eu estava escrevendo na biblioteca. — eu sorri de volta, exceto que em seguida, algo frio e em pânico atravessou os meus pensamentos, como um alarme estridente que só se torna gradualmente discernível quando você desperta de seu sono.

Sábado à noite.

Havia algo sábado à noite.

Por força do hábito, eu verifiquei o meu telefone, a notificação do calendário me mostrou exatamente que havia algo, e também que eu já estava uma hora atrasado para isso.

O evento de gala de Poppy.

CAPÍTULO SETE

Em um bom dia, leva cerca de noventa minutos para chegar de nossa casa para o novo estúdio Danforth em Manhattan. E quando se trata de tráfego em New Jersey, raramente é um bom dia. Por isso, foram três horas passadas do horário de início da noite do evento quando eu finalmente entrei no estúdio, meus sapatos correndo contra o piso de madeira liso quando eu entrei no espaço do evento no loft aberto acima da sala principal do estúdio.

Eu tentei ligar para Poppy em meu caminho de casa, e depois de novo várias vezes no caminho até lá, e não tinha havido nenhuma resposta. Nem sequer resposta às minhas mensagens e foi assim que eu soube.

Ela estava furiosa comigo.

Mas havia um bebê! Minha mente protestou, como se ela já estivesse discutindo comigo. *Você não pode ficar com raiva de um bebê!*

Uma vez que ela me deixasse explicar tudo, ficaria tudo bem. Eu tinha certeza disso.

Eu só tinha que encontrá-la primeiro.

O evento estava em pleno andamento. As estrelas brilhavam nas grandes claraboias acima. Doadores dançavam quando uma banda começou a tocar Gershwin; garçons circulavam com intermináveis rodadas de bebidas; pessoas conversavam e riam perto da pista de dança. Eu procurei freneticamente por Poppy, empurrando os convidados tão delicadamente quanto pude, mesmo que eu me sentisse perfurando o meu caminho através da multidão. Eu tinha que encontrá-la, eu tinha que explicar porque eu estava atrasado, apesar dela ter explicitamente me explicado o quão importante era que eu a apoiasse esta noite.

Merda.

Eu estava realmente fodido neste momento.

Eu peguei um vislumbre de um laço vermelho brilhante com o canto do meu olho, e eu girei sobre os calcanhares, procurando por

ela. E então lá estava ela, cabelo preso para o alto, uma pequena cruz pendurada em sua clavícula. O vestido caia para um decote rendado baixo, mostrando as curvas superiores de seus seios perfeitos, e enquanto havia renda com babados em uma saia de comprimento médio, a fenda sob ele parou no meio da coxa. Saltos de dourados e o batom carmim emblemático completava o look. Por um momento, todo o sangue passou de meu cérebro para meu pau, e minhas calças de smoking se tornaram inteiramente e demasiadamente apertadas. Eu adoraria transar com ela em todas essas rendas. Eu adoraria que ela espalhasse os saltos brilhantes enquanto eu me ajoelhasse na frente dela e levantasse a saia, e então eu iria comer sua buceta bem onde ela estava.

Alisei minha jaqueta e sutilmente me ajustei enquanto eu me aproximava, e então eu parei. Poppy me fez ficar tão preso em meus pensamentos que eu não tinha notado que ela estava de pé ao lado dele. Não apenas em pé ao lado - ela tinha o braço ao redor da cintura dele e o braço dele estava colocado casualmente sobre os ombros dela, um abraço persistente quando eles riram com um par de doadores e ela fez um gesto com o copo de champanhe.

Ódio fechou no meu estômago, a raiva que eu não tinha o direito de sentir, mas senti de qualquer maneira. Lá estava eu no espiral de novo, só que eu não poderia ser erudito ou esclarecido sobre as minhas contínuas lutas com ciúme, não agora. Não com o Fodido Anton tocando minha esposa tão casualmente, tão familiarmente, como se eles se abraçassem assim o tempo todo.

Quando eu comecei a andar novamente, minha mão praticamente queimando com o desejo de estrangular Anton me lembrou de uma imagem da bíblia que eu vi quando criança. Era uma ilustração de Jesus perseguindo os agiotas e comerciantes para fora dos átrios do templo, uma mão espalhando uma pilha de moedas no chão enquanto a outra foi erguida. Nessa mão, ele segurava um chicote prestes a chover brutalidade sobre os profanadores que tinha poluído o espaço mais sagrado em Jerusalém. Havia mesas viradas e bancos quebrados e pessoas fugindo e se dispersando, e tudo isso soava exatamente como o que eu queria agora. Lançar mesas e atacar com raiva, afastar o filho da puta que estava tocando minha esposa - *meu* espaço sagrado.

Poppy se virou para dizer algo para um dos doadores e então congelou quando ela me avistou indo em sua direção. Várias emoções passaram pelo seu rosto - choque e raiva, alívio e preocupação - e, em

seguida, a sua educação de boa criação zumbiam a vida, substituindo a expressão crua com uma máscara controlada e elegante.

Quando cheguei a ela, tudo o que eu queria fazer era pegá-la e arrastá-la para fora. Eu queria jogá-la por cima do meu ombro ou agarrá-la pelo pescoço ou qualquer número de ações possessivas que mostrariam a Anton - e a Poppy - a quem ela pertencia. Que eu era dono dela.

Mas, embora todas essas coisas fossem sexys e consensuais na cama, elas eram uma merda e machistas em público, especialmente em um evento como este, o culminar de anos de trabalho duro tão cheio de doadores influentes. E eu não estava tão consumido com ciúme e posse que eu tinha esquecido a diferença entre o quarto e o mundo exterior.

Era uma coisa muito perto, no entanto. Mesmo quando eu empurrei minhas mãos nos bolsos do meu smoking, assim quando parei deliberadamente fora de alcance para garantir que eu não fizesse o papel de homem das cavernas aos meus impulsos e fisicamente a puxar longe de Anton.

Ela é uma mulher adulta. Eles são apenas amigos. Você só está sendo ciumento.

E, além disso, você é a pessoa em apuros agora.

Tudo isso era difícil de lembrar com Anton a abraçando. Eu arrastei meus olhos para longe do local onde a mão dele segurava seu ombro e encontrei o olhar da minha esposa.

— Boa noite, Poppy. Anton. Desculpe estar atrasado.

Eu sabia, mesmo antes de eu terminar de falar, que eu não tinha esfregado com sucesso o ciúme de minhas palavras. Eu sabia que a minha expressão certamente traía todas as emoções em conflito que eu sentia. Tudo isso foi confirmado quando os dois doadores murmuraram desculpas, e deixaram Poppy, Anton e eu sozinhos.

Isso foi bom. Porque agora Anton parecia extremamente desconfortável, soltando o braço dos ombros de Poppy e limpando a garganta. — Olá, Tyler.

Eu o estudei. Ele era alguns anos mais velho do que eu, com luzes marrom no cabelo e olhos cor âmbar, vários centímetros mais baixo do que eu, e - notei isso com uma terrível alegria egoísta - ele era um pouco mole no estômago e fino nos braços, algo que até mesmo seu smoking bem cortado não conseguia esconder.

Ele não parecia envergonhado ou perturbado, pelo menos não da maneira que alguém que tivesse feito algo errado parecesse. Seu desconforto parecia vir de um lugar de timidez suprema. Na verdade, ele estava me oferecendo um sorriso tímido, e eu odiava o fato de que ele parecia tão bonito quando fez isso.

— Anton, você se importa se eu falar com Poppy por alguns minutos?

— É claro, — disse Anton às pressas, já se afastando de nós. — Vejo você daqui a pouco, Poppy.

Deixamos que a banda terminasse sua canção, o loft ficou à deriva em uma onda de vibração silenciosa. Poppy e eu olhamos um para o outro por um minuto, minha fome por ela e sua raiva de mim, e então finalmente ela deu um passo para frente, tão perto que seu vestido escovou contra o tecido da minha calça de smoking.

— Eu não quero falar aqui, — disse ela com firmeza. Seu rosto em forma de coração foi inclinado para cima do meu, seu queixo pontudo desafiadoramente, e eu não poderia fazer nada além de me aproximar e tocar sua mandíbula.

Lá estava: a vibração dos cílios, uma pequena ingestão de respiração. Ela estava tão faminta por mim como eu estava por ela.

— Você está brava, — eu disse. Não era uma pergunta.

— Sim. E eu quis dizer o que eu disse - eu não quero falar sobre isso aqui.

— O que eu quero agora não tem nada a ver com fala.

No momento em que eu disse isso, eu sabia que era a coisa errada a dizer, mas eu não me importei. Tudo parecia que estava se aproximando de nós - de mim - e eu não podia respirar com o estresse e a solidão e raiva rolando para fora do meu cordeiro em ondas quentes. Eu estava furioso e excitado e não importava que eu fosse o único que tinha me atrasado, que eu era o único a deixá-la esperando, eu só sabia que meu peito parecia que ia explodir com todos os sentimentos conflitantes dentro dele. Eu só sabia do que eu precisava. E agora, eu precisava dela.

Se ela fosse uma mulher diferente, teria me dado um tapa. Como era ela, eu podia ver manchas rosa em suas bochechas e as linhas de seu pescoço endurecer quando a banda começou a tocar uma música nova.

— Se você pensa, — ela disse em uma voz perigosamente baixa, — que isso vai acabar comigo te fodendo, você este severamente enganado.

— Você vai pelo menos me ouvir? Sinto muito, estou atrasado, mas...

— Não importa, — disse ela. — Tudo o que você tem a dizer não vai nos ajudar agora.

Eu pressionei meus lábios juntos, não confiando em mim para falar porque as únicas palavras que me vieram à mente foram as indignadas. As defensivas.

Poppy se inclinou mais perto, pressionando seu peito em minhas costelas. Olhando assim, parecia um gesto de afeto conjugal, mas eles não podiam ver o brilho de suas narinas ou dos olhos de diamante mais duros que já olharam para mim. — Você está com tanto ciúmes de Anton, e você sabe o quê? Você deve estar. Você deve estar com ciúmes, porque no final do dia, ele é o único que está sempre lá para mim. É a ele que eu digo os meus pensamentos e medos, e ele é o único que sabe... — ela se interrompeu, seus olhos escorregando para o meu lado.

Eu peguei o seu queixo com os dedos e virei o rosto para o meu. — Sabe o que, Poppy? O que ele poderia saber sobre você que eu não sei? — ainda segurando o seu queixo, eu trouxe minha boca para sua orelha. — Eu sei as coisas que você pensa quando você está sozinha. Eu sei cada fantasia que você tem nessa sua linda cabeça, e sei as palavras e pontos certos que te deixa molhada. Eu sei como o interior de sua buceta se sente e eu sei como o interior de sua alma sente. Eu sei quais livros você deixa cair dormindo à noite e eu sei qual o cobertor é o seu favorito para usar junto à lareira e que é o seu favorito para usar na poltrona. Eu sei como fazer você gozar com tanta força que você esquece quem você é, e eu sei que você está com tanta fome para o meu orgasmo que você ia cair de joelhos agora e deixar me masturbar em seu rosto. Bem aqui, agora mesmo, na frente de todas essas pessoas. Não é?

Sua respiração estava rápida agora, seu peito se expandindo e desinflando contra o meu próprio peito, e não havia uma parte dela que não estava coberta de arrepios. Eu soltei seu rosto e me afastei, satisfeito que eu tinha feito o meu ponto, e por um minuto, eu pensei que tinha realmente funcionado. Eu pensei que eu a tinha convencido a deixar sua raiva pra lá.

Eu estava errado.

Ela cambaleou para trás como se eu tivesse empurrado ela – o que eu tinha, de certa forma. Eu tinha empurrado ela com as minhas palavras, e ela parecia tão picada e estimulada - seus mamilos apontavam e seus lábios entreabertos e a pele avermelhada - e, em seguida, as lágrimas vieram à tona, grandes lágrimas nos olhos vítreos cor de avelã que derramaram sobre suas bochechas. Ela se virou e empurrou os convidados no loft para entrar no térreo.

Eu a assisti ir, o laço vermelho vibrando ao redor de suas pernas enquanto ela fugia de mim, e eu sabia que eu deveria ficar. As pessoas não fugiam a menos que elas quisessem espaço, e Poppy tinha muito motivo para querer espaço de mim agora, já que eu tinha acabado de fazê-la chorar na frente de todas essas pessoas influentes. Culpa me segurou pela nuca, fechando a minha garganta e torcendo meu estômago, e eu só queria quebrar alguma coisa - uma janela ou uma porta de carro ou até mesmo meus próprios ossos. Ainda mais do que isso, eu queria ir atrás dela e pedir desculpas por ser um canalha gigante, por ser o pior marido do mundo.

Mas a feminista Ally Tyler estava me dizendo para respeitar o seu espaço e seus limites, a aceitar que o resto desta discussão tinha que acontecer em seus termos, e que isso significava não correr atrás dela e a dobrar sobre a mesa mais próxima.

Porra.

Eu odiava fazer a coisa certa.

Odiava isso.

Ergui os olhos para o teto, perguntando o que Deus queria que eu fizesse. Não existiam versículos da Bíblia para saber como deixar o seu parceiro ir para longe de você quando você está um tanto louco pra caralho, especialmente quando você também tem um tesão fodido no topo de tudo isso. Não havia versículos da Bíblia por ter uma ereção em um smoking ou para assistir a sua esposa desaparecer em um voo aberto nas escadas enquanto o jazz lento 'S'Wonderful' ecoava contra as altas paredes brancas e teto de vidro.

Eu acho que eu estou por minha conta novamente, mesmo que eu esteja fazendo a coisa certa e isso seja uma merda. Muito obrigado.

Eu deveria ir para casa. Poppy teria que voltar eventualmente, e nós falaríamos então. Exceto que eu provavelmente teria que trabalhar na minha tese todo o dia de amanhã... e no dia seguinte e no dia

seguinte que, sem contar as aulas que eu teria que dar, e, claro, sem contar o fato de que a própria Poppy teria que trabalhar...

Merda, eu senti falta de Missouri. Eu senti falta de todo o meu mundo estar sendo focado em um edifício - St. Margaret - e eu senti falta de Poppy trabalhando em casa e em sua própria programação. Como iríamos fazer para corrigir isso quando nós não tínhamos tempo juntos?

Não importava. Eu deveria ir.

Eu comecei a me mover através dos convidados para a escada de trás quando notei uma forma familiar descendo as escadas da frente para o estúdio principal, no mesmo trajeto que Poppy tinha tomado.

Anton estava indo sozinho e enquanto parte de mim achava que ele provavelmente só queria ver como estava sua amiga a quem ele tinha visto visivelmente chateada quando ela fugiu de seu próprio marido, outra parte de mim se agitou de volta em raiva total e escura. Foda-se as fronteiras, foda-se fazer a coisa certa. Ele não chegaria até a minha esposa. Isso era *minha* regalia, *meu* privilégio, o *meu* trabalho.

Eu fui em sua direção e o segui, meus sapatos batiam nos degraus enquanto eu descia para o estúdio. Eu não podia ver Anton ou Poppy, então eu mergulhei na esquina para o longo corredor que levava as menores salas do estúdio, todas com seus grandes espelhos e barras longas.

Estúdio vazio atrás de estúdio vazio, e então no último, eu vi Poppy. Ela estava sozinha (graças a Deus), se abraçando e olhando para fora da janela, de costas para a porta e para mim. À luz misturada da lua e as luzes da rua, eu podia ver seus ombros tremendo enquanto ela chorava baixinho. Uma mecha de cabelo solitário havia escapado de seu coque, pendurado em uma onda elegante contra o pescoço dela.

Entrei na sala, fechando a porta suavemente atrás de mim.

Ela virou a cabeça, olhando para trás por cima do ombro. Ela não falou.

— Me diga para sair, e eu vou sair, — eu disse, dando um passo mais perto. — Me diga para não tocar em você, e eu não vou.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, deslizando pela sua mandíbula. Mas ela permaneceu em silêncio.

— Diga vermelho ou sussurre ou soletre - e eu vou, sem perguntas. Vou pegar um quarto de hotel para que você possa voltar para casa sem mim lá.

Ainda nada dela. Eu tinha reduzido para metade a distância entre nós e eu continuava chegando mais perto, determinado a lhe dar uma escolha. Para deixá-la saber que ela podia dizer não para mim em qualquer ponto, e que eu iria sair, se ela assim quisesse.

Eu finalmente cheguei perto o suficiente para tocar meu cordeirinho, mas eu ainda não o fiz. Eu estava tão duro por ela que minhas mãos praticamente vibravam com a necessidade de agarrá-la, mas não o fiz.

Ela ainda estava olhando para mim por cima do ombro. Faixas de lágrimas brilhavam em seu rosto, e a mecha de cabelo em seu pescoço pendia tão graciosamente contra sua pele... eu queria puxar. Eu queria morder aquele pescoço e sugar duro na pele delicada lá.

— Basta dizer vermelho ou sair ou ir, a qualquer momento. E eu vou parar. — eu olhei seus olhos. — Você entende?

Sem pestanejar, ela inclinou a cabeça sem dizer nada, parecendo indiferente.

Não é bom o suficiente, pensei.

— Diga 'sim, Padre Bell, eu entendo', — ordenei.

Ou foi a demanda para ela me chamar por esse nome ou o tom de voz que fez isso. O fôlego deixou seu corpo em uma expiração irregular, e ela finalmente se virou para mim, erguendo o rosto coberto de lágrimas ao meu. Por um momento, pensei que talvez ela não fosse responder, ou talvez ela me dissesse para sair, ou talvez ela me afastasse fisicamente.

Ela não fez nenhuma dessas coisas.

— Sim, Padre Bell, — ela sussurrou em seu lugar. — Eu entendo.

CAPÍTULO OITO

— Meu cordeirinho, — murmurei finalmente capaz de ceder e a tocar. Eu deslizei uma mão ao redor de seu pescoço, achando a mecha em volta e a enrolando em torno de um dedo enquanto eu falava. — As coisas que eu quero fazer com você...

Seus lábios vermelhos exuberantes se separaram. — Se você quer fazer essas coisas comigo, você vai ter que lutar por elas.

— É isso o que você realmente quer? — perguntei, movendo seu cabelo sedoso entre meus dedos. — Ou esta é a sua maneira de me pedir para sair?

— Não, — ela disse com firmeza. — Eu *quero* que você lute por elas. Quero transar com você, e eu quero que seja áspero. Também queria que você soubesse que eu estou tão furiosa com você agora, e isso me faz querer sair arranhando todo o seu corpo.

Eu quase gemi com isso. Cada palavra que ela falou fez meu pau latejar dolorosamente, e eu estava dividido entre fodê-la com os saltos duramente ou me deixar cair de joelhos e implorar a ela para tirar meu pau da sua miséria.

Ela esclareceu esse dilema para mim quando ela espalmou minha ereção através da minha calça de smoking, apertando forte. — Eu quero que você se machuque quando você gozar para mim, — ela sussurrou.

— E eu quero rasgar você, — eu rosnei.

Seus olhos brilharam. — Eu gostaria de ver você tentar.

Minha mão estava envolvida em torno de sua garganta em um instante, a empurrando de volta para o vidro frio do espelho. Minha outra mão encontrou seu pulso e se mudou acima de sua cabeça, mas antes que eu pudesse corretamente a fixar contra o vidro, ela me deu um tapa no rosto - *duro* - o retumbante barulho espalhou através do pequeno estúdio como um tiro.

Eu cambaleei para trás - mais surpreso do que ferido, e mais do que nunca - e ela escorregou da minha mão, se abaixando sob meu braço e trancando a porta. Com a saia de seu vestido rendado agrupado

em uma das mãos e os saltos brilhando com a tira de ouro de seu sapato a luz do luar, ela parecia uma princesa de um conto de fadas. Mas isto não era um conto de fadas e mesmo que fosse, eu certamente não estava fazendo o papel de príncipe esta noite.

Eu me encontrei com ela em poucos passos largos, agarrando seu braço e a girando para me encarar. Seu pé disparou, conectando com minha canela, o flash brilhante de dor soltou meu aperto suficiente para que ela pudesse tentar se afastar - *tentar* sendo a palavra operativa. Estendi a mão para a cintura dela e passei um braço ao redor dela, a puxando com força contra mim e pressionando minha ereção em seu estômago.

— Você sente isso?

Ela se contorceu contra mim, tentando se libertar.

— Isso é para você, cordeirinho, — eu disse a ela, a prendendo com mais força contra mim, a fazendo sentir cada polegada da minha dureza através de nossas roupas. — É tudo para você.

E então eu a beijei, minha boca batendo contra a dela, e ela gemeu em minha boca, se esquecendo e abrindo os lábios para mim, deixando minha língua cintilando contra a dela. Tudo nela era tão suave agora - sua boca, o estômago contra o meu pau duro como aço, a parte superior do braço ainda firme em meu aperto.

Tão macia...

Quatro linhas de dor e uma ardência afiada, rasgaram no meu pescoço. Senti raiva e luxúria e emoção exclusivamente visceral que veio do sentimento como se eu tivesse pagado uma penitência, como se eu tivesse sofrido um castigo justo; eu me afastei para ver os olhos de Poppy largos e selvagens na luz, sua mão ainda levantada.

Nossos olhares se encontraram. O sangue jorrou quente de um dos arranhões, descendo até a camisa do smoking.

E então ela tentou correr novamente.

Eu a consegui segurar o suficiente pelo que ela só desse um ou dois passos, e em seguida, o impulso nos levou. Nós caímos em uma pilha confusa de rendas e pernas e braços, e eu lutava para recuperar o poder sobre ela, mas ela era muito rápida, ficando em suas mãos e joelhos tentando se arrastar para longe, e eu me arrastei atrás dela, me estendendo para embrulhar uma mão forte em torno de seu tornozelo.

Ela gritou em protesto quando eu a puxei de volta para mim, subindo sobre ela e prendendo seu corpo sob o meu. — Vamos ver o que eu peguei, — eu disse asperamente no ouvido dela, prendendo ambos os pulsos com uma mão e, em seguida, usando a outra para levantar a saia de seu vestido.

Ela chutou as pernas dela e tentou se afastar, mas a minha posição em cima dela era impossível escapar. Em algum lugar, no fundo da minha mente de ex-viciado em luxúria, um mensageiro de minha consciência reviveu. *Se certifique de que ainda está tudo bem*, ele exigiu. *Verifique se ela precisa parar.* Claro que, nós tínhamos tido sexo violento antes, mas nunca com raiva. Nunca como isto. Este era um território desconhecido.

Meus dedos pararam na borda da sua calcinha de seda. Minha mão tremia com o esforço de parar; inferno, todo o meu corpo tremia com o esforço de parar. Mas eu consegui. Um ponto fraco a favor do bom garoto Tyler.

— Você quer que eu pare, cordeirinho? — eu me forcei a perguntar. — Eu posso parar.

Sua boca torceu em um sorriso vitorioso. — Por que, você tem medo de se perder?

— Eu não vou me perder, — eu rosnei.

— Então cale a boca e me foda! — ela ofegava. — Eu já te disse que eu quis assim, o que mais você precisa?

O bom garoto Tyler provavelmente precisará de muito mais coisas. Mas o bom garoto Tyler não estava aqui agora.

Padre Bell estava aqui outra vez. E a missa começava.

Ainda lhe segurando os pulsos no chão, comecei a esfregar seu clitóris sobre a seda de suas calcinhas, saboreando a forma que seus olhos se fecharam quando eu encontrei apenas a pressão certa, apenas o ritmo certo, e ela parou de tentar se desvencilhar, em vez disso contraiu seus quadris para cima para encontrar minha mão. Até mesmo o lado de fora de sua calcinha estava úmida, o que me fez pensar em nosso momento aquecido no loft, que me fez pensar em Anton e o fato de que eu não tinha certeza se ele ainda estava aqui em baixo à procura de Poppy ou não. Em um momento de renovada raiva, eu aguarei um lado de sua calcinha e a rasguei de seus quadris, rasgando o tecido bordado delicado e deixando sua doce buceta nua para mim.

E então eu bati nela.

Ela soltou um gritinho, se contorcendo para longe de mim, e eu bati de novo, só para ouvi-la fazer aquele barulho novamente. Fiquei de joelhos e montei sua cintura, deixando sua buceta molhada e exposta atrás de mim. Com a mão que não segurava os pulsos dela, eu trabalhei no meu botão e zíper, meu pau pulando livre, escuro e raiado e com tanta força que doía.

— Abra os lábios vermelhos para mim, — eu disse.

— Me faça abrir.

Mudei até seu corpo e me inclinei para frente, à coroa queimado do meu pau cutucando contra seus lábios, que estavam firmemente fechados. — Você quer que eu te faça abrir? — eu ameacei.

Ela levantou uma sobrancelha em desafio.

Rápido como um raio, eu soltei seus pulsos e enfiei a mão no corpete do vestido, onde eu encontrei um mamilo ereto e torci. Ela gritou de dor e prazer que se misturou, separando os lábios e eu empurrei meu quadril para baixo, no mesmo instante me empurrando dentro de sua boca.

Deixei escapar uma série de palavrões no momento que meu pau estava lá dentro, empurrando contra sua língua. *Porra* e *merda* e *Jesus, isso é tão bom*. Eu comecei a me mover para dentro e para fora, e então eu soltei seus pulsos para me apoiar mais pesadamente no chão, minha outra mão enredando profundo em seu cabelo.

Eu não deveria ter soltado ela.

Ela virou para um lado e balançou meu equilíbrio e também removeu sua boca deliciosa do meu pau, e, em seguida, ela saiu debaixo de mim. Tentei agarrar seu cabelo e então ela estava lutando comigo, e eu não tinha certeza de como ela conseguiu, mas houve outro tapa e, em seguida, um empurrão tão forte que eu cai para trás, batendo a cabeça contra o chão de madeira. Adrenalina bateu através de mim, o desejo de lutar e transar, e então ela estava rastejando até o meu corpo como uma tigresa, seu rosto selvagem e sexy como o inferno com seu batom ligeiramente borrado e a mecha de cabelo caindo de lado.

Ela montou em mim, pressionando sua buceta nua contra o meu pau nu, e foi uma versão distorcida da primeira vez que tínhamos ficado juntos, ela se esfregando contra mim enquanto eu agarrava seus

quadris para movê-la mais e mais rápido. Mas desta vez eu usava um smoking, não o colar de um sacerdote, e nós estávamos no estúdio de dança de Poppy, não em uma igreja. E desta vez ela bateu as mãos com impaciência, movendo a mão para apertar em torno da minha garganta.

Eu fiquei imóvel.

Tudo estava tão molhado, onde ela estava sentada em mim, molhado pra caralho e quente, e, em seguida, sem aviso, ela estava dobrando a saia e agarrando minha raiz, se movendo e *oh meu Deus, oh meu deus do caralho, oh meu Deus.*

Tão apertado. Tão molhada. Tão quente.

Sua buceta me envolveu em um movimento duro, e seu domínio sobre minha garganta apertou quando ela começou a me foder mais duro do que ela já tinha me fodido antes, me levando ao máximo e, em seguida, resistindo contra mim, a ponta doce de seu clitóris esfregando contra o músculo acima do meu pau.

Ela se moveu violentamente, ferozmente, me punindo por todos os meus pecados - e porra, se este era o castigo que eu merecia, então eu pecaria de novo e de novo e de novo. Ela colocou a outra mão ao redor da lapela do meu casaco do smoking, usando a lapela e minha garganta para se mexer, e ela era como uma mulher possuída em cima de mim, me montando tão duro quanto eu a queria montar.

— Oh meu Deus, — eu gemi, fechando os olhos, mal conseguindo respirar por causa da sua mão no meu pescoço. Eu não podia querer mais, seu clitóris necessitado ou aqueles lábios vermelhos ou a mão elegante segurando minha lapela em um aperto de morte. Foi tudo muito intenso, eu estava muito excitado, e eu podia sentir a mordida roendo como furacão se reunindo na base da minha espinha.

— Não se atreva a gozar, — ela ordenou e meio que implorou. — Não ouse, porra. Ainda não.

Eu abri meus olhos e, desta vez, quando cheguei até seus quadris, ela me deixou. Eu a ajudei a se mover mais rápido e mais forte, e foi apenas mais alguns segundos antes de sua respiração se tornar irregular e seus quadris se moverem aos solavancos, um rubor manchando seu peito e rosto. E então ela gritou, caindo em frente para mim - sua mão ainda em torno de minha garganta - sua buceta apertando.

— Oh Deus, — ela gemia, com o rosto enterrado no meu smoking. — Puta merda, puta merda, puta merda.

E isso foi quando eu percebi que eu não tinha fechado a porta do estúdio corretamente, deixando uma pequena rachadura visível para o corredor. Uma sombra pairava naquele corredor, uma figura de pé ao lado da porta. Levou apenas um momento para confirmar; Anton tinha finalmente nos encontrado. E ele estava assistindo.

Vamos lhe dar um show, uma versão terrível de mim mesmo pensou. *Por que você não mostra a ele como é quando você toma o que é seu?*

Nos virei, as mãos de Poppy deslizaram para fora de mim quando eu comecei a dirigir para dentro dela. Eu tinha um braço em volta da cintura dela e a outra segurando o meu peso, mas não foi o suficiente, não foi profundo o suficiente ou forte o suficiente ou rápido o suficiente. Eu queria que Anton visse quão áspero meu cordeirinho me deixa dar a ela, eu queria que ele fosse capaz de sentir a força da minha foda através do chão, através das paredes. Eu queria que o estúdio inteiro agitasse com ela.

Eu puxei para fora e levantei meu pau como uma faca grossa, escura que se projetava para fora do meu smoking, e, em seguida, me abaixei e a puxei para seus pés. Ela estava instável e atordoada, ainda ofegante e corada do seu clímax, e ela não protestou quando puxei o zíper de seu vestido.

Abrindo, o vestido soltou em volta, as tiras ameaçando deslizar para fora de seus ombros, eu puxei ao longo de seu caminho, a despindo completamente, exceto por seu sutiã sem alças e saltos. Poppy tinha uma vez se despido para mim em um clube, e tinha despido para mim muitas vezes em privado, mas naqueles tempos ela tinha estado no controle completo de seu corpo e seu sexo. Nesses tempos, ela segurou todo o poder, todo o controle.

Agora não.

Desta vez, houve uma tendência de escuridão, de todos os impulsos mais machistas e orgulhosos que um homem pode ter para uma mulher. Eu queria que ela se sentisse nua, vulnerável e humilhada, e eu queria que Anton visse isso. Eu queria que ele visse cada polegada de seu corpo doce, perfeito e soubesse que tudo isso pertencia a mim, para usar ou degradar, como eu quisesse. Foi além de pecaminoso, foi mal e limítrofe, e até mesmo o reconhecimento de quão terrível isso era serviu apenas para me inflamar mais.

— Tire o seu sutiã, — eu exigi com a voz rouca, ainda atrás dela e olhando para seu peito de cima de seu ombro.

Tremendo, ela me obedeceu, chegando atrás das costas e, em seguida, deixando o pequeno sutiã preto cair. Deixei escapar uma respiração pesada curta na visão de seus seios - doces e cheios e maduros e rosa nas pontas. Eu me aproximei moendo minha ereção contra a bunda dela, enquanto minhas mãos encontraram os peitos dela, os apalpando com movimentos bruscos, duros. Em torno de nós, os espelhos refletiam todos os ângulos dos nossos corpos infinitamente, um túnel interminável de meu smoking e sua pele de marfim e as minhas mãos de forma tão cruéis, puxando e apertando.

— Olha, — eu sussurrei em seu ouvido, esperando que Anton estivesse olhando também. — Olhe nos espelhos. Você pode ver a si mesma?

Ela assentiu com a cabeça contra mim, com os olhos no espelho na nossa frente onde ela assistiu uma das minhas mãos derivarem para seu estômago e, em seguida, mais e mais, até que o meu dedo médio começou a acariciar seu clitóris. Ela se contorceu.

— Eu quero que você me veja te foder. Eu quero que você veja o que eu vejo quando eu te fodo, o que outras pessoas iriam ver se elas estivessem observando. — *uma vez que estamos sendo observados*, eu quase falei, mas não o fiz. Isto era entre mim e Anton, era uma luta pela posse. Poppy não precisava saber.

Apontei para a parede mais próxima, onde uma barra de duas camadas foi instalada contra o espelho do chão ao teto. Ela sabia sem me perguntar o que eu queria, e ela caminhou até a barra, deixando suas mãos sobre a madeira enquanto ela respirava fundo.

Ela me observava chegar pelo espelho, e quando cheguei perto o suficiente, lhe dei um tapa firme em sua bunda. — De pé na barra, cordeirinho. Eu quero ver essa buceta.

Ela levantou o pé, o sapato dourado caindo no chão, e então ela estendeu a perna, descansando o tornozelo na barra. Então ela se levantou em um salto, as duas mãos apoiadas na barra, e com uma perna estendida para o lado. Completamente nua.

Eu esfreguei a cabeça do meu pau em sua entrada molhada, cavando meus dedos em seus quadris quando eu angulei meu corpo e lentamente empurrei para dentro de sua buceta. — Olhe, cordeirinho. Assista. — eu subi e encontrei o rosto dela, a forçando a olhar para o

espelho para o lado dela, onde o reflexo perfeitamente enquadrava meu pau se empurrando dentro dela.

Ela estremeceu com a visão. — Tyler, — ela disse sem fôlego. — Eu vou... - oh Deus

— Ainda não, — eu disse, me inclinando um pouco para trás para que eu pudesse apreciar o meu próprio ponto de vista melhor. — Não foi isso que você me disse antes? Bem, eu estou dizendo a você agora. Ainda não. Não até que eu esteja enchendo você com minha porra.

— Jesus, — ela murmurou sua cabeça caindo para frente. — Eu não acho que eu posso esperar.

Eu ainda estava assistindo meu pau brilhante se retirar e empurrar em sua apertada, buceta cor de rosa, sua buceta era tão deliciosamente aberta nesta posição. Com sua perna em cima da barra, eu poderia bater profundamente por dentro, e com o espelho na frente dela, eu pude ver cada sorriso fugaz, cada suspiro em silêncio, e me deixou louco ver quão bem ela estava se sentindo quando eu estava sendo muito, muito ruim com ela.

— Você gosta quando eu te uso assim? — eu perguntei a ela. — Quando eu te exponho e te humilho?

— Sim, — foi tudo que ela conseguiu dizer. Os seios dela saltaram e os músculos de suas coxas foram agrupados com a estirpe desta posição, e o calor irregular estava na base da minha coluna, então no fundo de minha pélvis, e explodindo dentro de mim e através de mim, com todo o calor e força de uma bomba de hidrogênio.

Eu deveria encontrar seu clitóris e o esfregar duro, eu deveria ter certeza que ela gozasse de novo, mas santa merda, me senti tão bem e eu precisava disso tanto, necessitava a encher de mim, precisava me liberar, necessitava foder cegamente. E assim eu batia nela quando meu clímax correu pelo meu corpo, bati com tanta força que ela caiu para frente, o rosto pressionado no vidro do espelho, e então ela estava gritando meu nome, gritando o nome de Deus, quando seu canal contraiu em torno a mim. A sua perna levantada cedeu e assim, no final, foi apenas minhas mãos segurando em seus quadris que a mantiveram em pé quando eu drenei minhas bolas para dentro dela, não recuando até que eu sabia que até a última gota estava dentro dela, até que cada pulso e pulsar do meu pau tinha finalmente, finalmente parado.

Eu fiquei lá apenas um segundo mais, sem me mover, apenas sentindo o calor do meu clímax dentro dela, apenas olhando para ela ruborizada, a cara saciada - que ainda estava pressionada contra o espelho - e simplesmente saboreando cada músculo tonificado, e linha tensa de seu corpo. Foi com a maior relutância que eu puxei para fora, cortando a nossa ligação e dissipando qualquer que fosse a magia e fúria que tomou conta de nós aqui.

Eu esperava que Anton tivesse visto cada segundo disso, mas quando olhei para a porta, ele tinha ido embora. Eu gentilmente coloquei Poppy de volta em seus pés, a ajudando a encontrar o sapato perdido, e, em seguida, quando ambos se endireitaram e nossos olhos se encontraram, isso bateu em mim, agudo e explosivo.

A culpa.

A vergonha.

O conhecimento do que eu tinha acabado de fazer - de estar atrasado para o evento, meu ciúme torturante, de usar meu cordeirinho como uma prostituta só para provar um ponto a outro homem. E para provar alguma coisa para ela e também para mim mesmo, e foda-se tudo isso.

Eu tinha fodido tudo.

Eu não estava olhando no espelho agora, mas se eu estivesse, eu não iria reconhecer o homem que estava lá.

Ele não era um padre.

Ele não era um bom homem, e ele certamente não era um bom marido. E quando eu olhei nos olhos cor de avelã recém-chorosos de Poppy, eu soube que nada estava bem.

CAPÍTULO NOVE

Eu fui imediatamente consumido pela necessidade de confessar. Cair de joelhos e derramar todo terrível desejo egoísta e pensei em limpar tudo isso na frente dela e para ela, porque eu podia ver essa ferida nos olhos dela, uma ferida que eu tinha acabado de piorar, e eu tinha que consertar isto. Eu tinha que reparar.

— Poppy…

Ela balançou a cabeça. — Me dê um momento, Tyler.

Fiquei em silêncio.

Ela respirou fundo. Ela ainda estava completamente nua, mas já não importava, porque uma distância foi lentamente se estabelecendo em seus olhos, junto com uma postura elegante e fria e uma pressão composta de seus lábios - ela usava uma armadura invisível que nos separou muito mais do que roupas jamais poderiam.

Tentei novamente, desesperado para não deixar esse abismo abrir mais. — Eu sinto muito, cordeirinho. Eu pensei que você queria…

— Me dê a porra de um minuto! — a voz dela começou calma e recolhida, mas, em seguida, rapidamente se transformou em trêmula gritaria, que reverberou contra o piso e as paredes do estúdio e também dentro do meu peito. Ela desviou o olhar, expirando e inspirando novamente. Então ela se virou para mim. — Eu queria isso, — disse ela, mais calma agora. — E eu queria isso assim. Áspero e duro. Por favor, acredite em mim quando eu te digo o que eu quero, e, por favor, confie em mim para te dizer para parar, se eu precisar. Estou francamente cansada de ter que te dar permissão explícita cada vez que fazemos algo além de um beijo. Eu gosto de ser fodida assim, e esta noite não foi exceção.

— Mas você não sabe o que eu estava pensando quando eu estava transando com você…

Ela deixou escapar um longo suspiro, sua mandíbula endurecendo. — Eu sabia exatamente o que você estava pensando. Eu vi Anton também.

Ah merda.

— Poppy... — ela não me interrompeu, mas eu ainda parei, porque o que eu poderia dizer?

— A coisa é, eu não me importo. Eu pensei que era uma espécie de tara, na verdade. Você me foder enquanto ele assistia. E você quer saber por quê?

Por favor, não diga que é porque você o acha atraente. Por favor, não diga que é porque você o quer.

— Ele é gay, Tyler. Ele estava observando porque ele acha você incrivelmente sexy, e vendo você me foder é o mais próximo que ele vai chegar de foder você, então eu imagino que isso fez a noite dele. É quente para mim, porque eu adoro quando alguém - homem ou mulher -sabe quão sexy meu Padre Bell é.

Minha boca estava seca e minha mente girava com esta nova informação. — Eu não entendo, — eu disse, piscando um pouco. — Anton é gay?

— Gay, — Poppy confirmou. — E teve uma paixão enorme por você desde que te conheceu um par de anos atrás. Ele me pediu para não te dizer porque é obviamente embaraçoso para ele, e eu estou violando esse pedido agora porque estou tão cansada de você estar com ciúmes por nada.

— Eu só... eu não sabia... — eu me senti como um idiota, desperdiçando ser ciumento e bravo por tanto tempo. Por nada.

Poppy se abaixou para pegar o sutiã e vestir, e seus movimentos eram bruscos e empolados, e eu percebi que Anton não era a questão aqui, pelo menos não para ela.

— O que é? — perguntei, na esperança de que ela iria me dizer e não sair correndo.

Ela se endireitou, prendendo seu sutiã e não olhando para mim. — Isso geralmente funciona, — disse ela, e sua voz soou embargada. — Nós brigamos e nós fodemos e então está tudo bem. Eu pensei que iria funcionar hoje à noite - eu pensei que isto era o que eu precisava para me sentir melhor. Ter você me usando, ter você me fazendo gozar. Mas não está melhor agora.

— Por causa do evento?

— Por causa de tudo. Quando nos conhecemos, você era um padre e você estava colocando todo mundo em primeiro lugar, nunca pensando sobre você ou o que você precisava. E eu estava tão orgulhosa de ser a mulher que poderia persuadir o egoísmo de você, que poderia te persuadir a ter o que você queria.

Eu soube imediatamente o que ela estava dizendo. — Eu nunca quis me colocar em primeiro lugar esta noite, Poppy. Foi a professora Morales e seu bebê, e, por favor, cordeirinho...

Ela estava balançando a cabeça, as mãos tremendo quando ela colocou o vestido de volta, mal capaz de gerenciar o zíper, mas se afastando quando tentei ajudar. — Não é apenas esta noite, Tyler. Tem sido este ano inteiro, e eu não *posso* mais. Eu te pedi uma coisa – uma vez. Te pedi por hoje à noite, porque mesmo que você tenha sido um fantasma todo este ano, eu pensei que talvez se você viesse esta noite e visse tudo o que eu trabalhei tão duro, iria compensar tudo. Mas agora eu acho que não teria, não importa o que você fez ou deixou de fazer.

Estendi a mão para ela e eu não a deixei se esquivar desta vez, mantendo seus ombros apertados em minhas mãos e procurando seu rosto. — Me diga como consertar isso, — eu implorei. — Eu sei que eu tenho fodido tudo e eu continuo fodendo, mas as coisas podem melhorar. Elas *vão* ficar melhores - a minha defesa de tese é esta semana e então toda essa loucura vai acabar.

— Você realmente acha que isso vai fazer diferença? — ela retrucou. — Você acha que vai ser capaz de se atirar magicamente de volta para ser um marido?

Eu estava quase sem palavras. — Claro, Poppy. Isto é apenas uma temporada!

— Não me venha com essa besteira de 'temporada'. Você sabe o que eu acho? Eu acho que você vai estar sempre perseguindo a próxima coisa, a próxima vocação, a próxima fuga. Primeiro um padre... então um estudioso... você não vê que você está fazendo tudo o que pode para se esconder de ser apenas Tyler Bell, uma pessoa e não um título?

— Isso não é justo, — eu protestei em pulverização catódica. — Eu não uso empregos para me *esconder* de nada!

— Eu preciso que você seja uma parte da minha vida, e eu não tenho certeza se que você é capaz de fazer isso mais, — continuou ela, não me ouvindo. — Eu estou começando a pensar que você só quer ficar sozinho.

— Jesus Cristo, Poppy. Não. Mil vezes não, isso não é o que eu quero! Eu quero você!

— Então por que você não fica ao meu lado quando eu preciso de você? — lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Por que eu tenho que comer sozinha, ir dormir sozinha, montar a árvore de Natal sozinha? Isto era para ser o início do nosso novo capítulo, isto era suposto ser o nosso próximo grande momento...

Eu estava confuso. — O que? Que momento?

— Foda-se o momento! — ela gritou. — Claro que você não tem ideia do que estou falando, porque você não esteve se preocupando em momento algum comigo quando eu precisei de você. É como se você não me amasse.

— Maldição, Poppy, eu deixei minha igreja por você!

As palavras, irritadas e amargas, ressoaram na sala fechada, ecoando e abafando todos os outros ruídos. Eu não tinha a intenção de dizer isso, mas tinha estourado dentro de mim mesmo assim e uma vez que eu disse isso, eu sabia que o estrago já estava feito. Para ela e para mim, porque a linha se rompeu - a coisa dita entre conhecidos curiosos e amigos - sempre foi que eu tinha deixado a igreja por mim e por nenhuma outra razão.

E foi mais do que a linha tênue do casamento, que era a verdade. Só que agora eu me perguntava se talvez não fosse toda a verdade, e se esta foi apenas a primeira vez que eu tinha admitido isso para mim mesmo.

E nos olhos de Poppy, eu poderia dizer que eu tinha acabado de confirmar cada medo indizível que ela já teve sobre nós.

Ela deu um passo para trás no escuro. — Eu preciso de algum tempo para pensar, — disse ela sem emoção. — Por favor, não esteja em casa quando eu voltar para lá hoje à noite.

Não... eu queria dizer. *Eu quero corrigir isso...* eu não poderia imaginar passar a noite - a noite toda – longe dela agora. Eu não poderia imaginar deixar esta ferida aberta se infectar com ressentimento e verdades inexplicáveis.

Deus me ajudou naquele momento, a menor nota de clareza no meio da minha dor e confusão. Uma pequena gota de paz, de *que você pode fazer isso, mesmo que apenas por causa dela.*

— Quanto tempo você quer que eu fique longe? — eu perguntei e então eu percebi que eu estava chorando também.

As lágrimas de Poppy espelhavam as minhas, mas sua voz ainda era plana e sem afeto quando ela disse: — Eu não sei. Talvez uma semana. Talvez mais.

Meu peito se abriu e meu coração caiu.

— Uma semana? — eu sussurrei, sem acreditar.

— Eu vou ligar ou enviar mensagem quando eu estiver pronta para falar. — e, sem mais nada, sem um *eu te amo* ou mesmo um *adeus*, ela saiu.

* * *

Fui para casa e arrumei as malas. Realisticamente eu sabia que ela iria ficar mais tempo no evento, e que, mesmo se não fosse, ela não entraria enquanto meu carro estivesse na garagem, mas eu ainda esperava que ela fosse chegar enquanto eu estava aqui. Que ela correria, depois de ter mudado de ideia, e então ela me deixaria pedir desculpas. Ela me deixaria cair de joelhos e confessar, e então, depois que eu confessasse, ela me deixaria reparar. Eu me chicotearia por ela. Eu andaria através de vidros quebrados e brasas por ela, subiria em uma cruz por ela... embora minhas intenções eram ainda menores do que a de Cristo.

Ira sombreava minha culpa e raiva e eu sabia que o meu desejo de reparar não veio apenas da culpa, mas de um desejo de machucá-la por me machucar.

Não era Cristo.

No final, isso não importa. Poppy nunca voltou para casa. Eu arrumei minha mala, olhei ao redor da casa, e depois fui para o hotel mais próximo, que era um lugar barato e anônimo com uma cama estridente e uma foto emoldurada de uma colher.

Eu sabia que ela disse que ia me ligar quando ela estivesse pronta, então por respeito a seus limites, eu não liguei pra ela.

Mas eu escrevi.

Eu escrevi à mão, que era algo que eu nunca tinha feito na minha vida adulta, escrevendo minha primeira carta sobre alguns post-It que eu encontrei na minha bolsa do laptop. Eu entreguei no dia seguinte no meu caminho para a missa, deslizando os post-it através da abertura de correio na porta. Seu pequeno Fiat não estava à vista e eu esperava que significasse que ela estaria na missa, que eu poderia, pelo menos, preencher este vazio com um vislumbre de seu rosto.

Ela não estava lá. Poppy nunca perdia a missa, a menos que ela estivesse viajando ou doente, mas naquele dia, ela estava ausente, e eu sabia que era por minha causa. Porque ela estava me evitando.

Escrevi outra carta durante o serviço, desta vez na parte de trás do boletim da igreja. Eu entreguei e eu fui para a biblioteca para trabalhar o dia inteiro e perder minha mente na teologia antiga. (Não funcionou. Eu não conseguia parar de pensar em Poppy e nossa briga).

Eu caí no tipo de rotina miserável que se estende de horas em anos. À noite, eu ficava entre lençóis finos, estranhos e olhando para o teto, esperando o sono chegar. Durante o dia, eu me afundava nas páginas finais de minha dissertação, tentando empurrar para longe o tormento opressivo de perder a minha esposa.

Nós nunca tínhamos brigado assim, *não, não em três anos de casamento, e eu não tinha ideia de como consertar as coisas.* Eu não tinha ideia de como provar a ela que eu seria melhor, que eu seria digno, porque eu ainda estava me recuperando de tudo. Poppy tinha parecido tão compreensiva, tão pacientemente calma todo este ano, mas se tivesse sido apenas uma mentira o tempo todo? Ela tinha estado guardando essa dor e raiva sob a superfície durante os últimos doze meses? Ou será que algo mudou apenas na última semana para inflamar a sua dor?

E como eu poderia descobrir se ela não falava comigo?

Na terça-feira eu fui para a cozinha comunitária e trabalhei silenciosamente como um zumbi. E eu era um zumbi no telefone com Millie no caminho de volta para casa, o que foi bom, porque ela estava quieta também. Ela nem sequer reclamou sobre a comida em Pinewoods Village.

— Como está Poppy? — ela perguntou depois de uma excepcionalmente longa pausa.

Não havia nenhum ponto em mentir. — Nós estamos... nós estamos tendo algumas dificuldades.

— Essas dificuldades são culpa sua ou dela?

Neve caiu em torno de mim quando eu estacionei na vaga de professores e me arrastei para o meu escritório. — Principalmente minha.

Millie não disse nada por um momento, mas ela soltou algumas daquelas tosses estranhas que me fizeram estremecer ao ouvir.

— Millie, você disse a uma enfermeira que você não está se sentindo bem?

— Eles sabem, — disse ela com desdém. — É apenas um resfriado. Todo mundo os tem nesta época do ano. Além disso, eu estou tão cansada de tê-los sobre mim. Eu sinto falta de estar na minha própria casa.

— Eu sei.

Mais silêncio. Tosse. — Às vezes eu acho que não vale a pena estar aqui.

As palavras dela afundaram através da escuridão da minha depressão e começou a pingar alarmes suaves em minha mente. Eu parei na porta do prédio, a minha mão na maçaneta, neve caindo em torno de mim. — Millie, o que você quer dizer com isso?

— Oh, nada. Apenas reclamação de uma velha, isso é tudo. Vou manter você e Poppy em minhas orações esta semana.

— Ok, Millie. E eu estarei orando por sua tosse.

Depois trocamos despedidas, eu entrei no prédio e digitei um par de mensagens rápidas para mamãe e Jordan, perguntando se poderiam verificar Millie esta semana. Minha mãe sempre fazia, mas eu queria que Jordan fosse lá também. Ele poderia dizer imediatamente se alguém estava doente da alma, e é isso que eu me preocupava com Millie. Mais do que uma tosse, a doença da alma poderia matar alguém como ela, alguém que precisava de um senso de propósito e independência para viver.

Ambos, Jordan e mamãe responderam com garantias de que iriam verificar a minha velha amiga, e assim eu fui ao meu escritório para me encontrar com um par de estudantes e então eu passei o resto do meu dia na biblioteca, escrevendo cartas para Poppy que ela provavelmente nunca leria e me arrastando ao longo dos últimos vários milhares de palavras de minha conclusão.

E assim a semana se foi, cada dia pior do que o último, a cada dia que Poppy não ligava ou enviava mensagem como uma nova versão do inferno, e eu me tornei uma sombra de mim mesmo. Não comia, dormia mal, meu foco estava concentrado em Poppy e no que ela estava fazendo a cada momento que eu não poderia fazer qualquer outra coisa.

Foi um milagre que eu fiz minha dissertação.

Foi um milagre ainda maior que eu poderia me forçar a falar palavras, frases, pensamentos coerentes. Fiquei contente que a Professora Morales estava em licença de maternidade, porque eu não queria que ela me visse assim. Fodido e desajeitado, e sem brilho em minha defesa, assim como os membros do conselho ficaram entusiasmados com a minha conclusão e quão prática e visionária ela era. Morales teria ficado orgulhosa dessa parte, pelo menos.

E então o maior milagre de todos: eu consegui. Como Jesus disse, *acabou*, e foi assim que eu saí do prédio com o meu doutorado em teologia, quatro anos da minha vida finalmente selados e embalados. Era para eu esta feliz agora, eu sabia. Era para eu estar sustentando a minha realização e a chance de uma nova fase na minha vida.

Mas eu também deveria estar comemorando com minha esposa agora. Era para eu estar beijando ela, a abraçando, sussurrando promessas selvagens em seu ouvido.

Em vez disso, eu comi um jantar gorduroso sozinho em um restaurante meio vazio, vendo compradores de Natal passarem pela janela, ouvindo canções tão familiares e antigas que elas se tornam sem sentido no ruído de fundo peculiar a esta época do ano - não mais notável de que cigarras chiando no calor do verão ou gotas de chuva tamborilando contra a janela na primavera. Apenas o ruído que vai junto com o clima frio e úmido e o cheiro de pão de gengibre.

Voltei para o meu hotel, liguei o chuveiro e lentamente me despi, entrando e me sentando no chão da banheira. Eu não chorei, no entanto. Eu apenas me sentei, me sentindo vazio e sem valor, sentindo o bater da água em toda a minha pele como chuva, e tentando não me lembrar de todos os banhos que Poppy e eu tínhamos compartilhado. Todos os beijos molhados. Toda a pele e vapor e gemidos ecoando no azulejo.

Eu cometi um erro de deixar o clero?

A ideia surgiu do nada, fraturando e mudando como uma reflexão sobre o mar. Mas uma vez que ela apareceu, ela não poderia ser impensada, não importa quão fugaz ou efêmera tinha sido.

Quando eu tinha deixado, pareceu tão certo, tão confiante que eu estava seguindo o plano de Deus para a minha vida. Que eu estava colocando os meus pés ao caminho que levaria à atualização moderna e sana, uma vida plena e rica. Eu estava tão certo de que não importava o que acontecesse entre mim e Poppy, não importava onde a estrada me levasse, só importava que eu saísse da bolha segura que eu tinha feito para mim e começasse a tomar riscos reais novamente.

Não houve sussurro de confiança nem o persistente cheiro de certeza. Porque se toda a minha dor e esforço significava que eu era um PhD sentado sozinho em um chuveiro, então para que foi tudo isso? O que o mundo ganhou por eu ter deixado o clero?

Poppy estava certa - eu gostava de me esconder atrás de vocações, por trás delas - e *estudioso* era muito pior do que a de *pare,* porque pelo menos padres ajudavam as pessoas. Pelo menos eles traziam às pessoas para mais perto do Senhor. Tudo o que eu tinha ganhado como um estudante, eu tinha ganhado por mim mesmo. Não tinha sequer feito nada de positivo para o meu casamento.

E se Poppy me deixasse, realmente me deixasse e pedisse o divórcio, eu iria quebrar. Não apenas o meu coração, e não apenas a minha mente, mas minha alma e meu corpo - seria dividido em pedaços mortos e frágeis e eu estaria terminado.

Senhor, onde você está? Eu perguntei ao teto entorpecido. *Por que me sinto tão sozinho?*

E foi então que o telefone tocou.

CAPÍTULO DEZ

Eu me arrastei para fora da banheira, agarrando uma toalha e correndo para o quarto de hotel. Meu telefone estava iluminado e movimentado através da mesa final.

Por favor, deixe esta ser a resposta à minha oração.

Por favor, deixe que isso seja Poppy.

Por favor, Senhor. Por favor, por favor, por favor.

Mas no momento em que eu vi o código de área 816, eu sabia que não era Poppy. Meu coração - que estava batendo como louco, cheio de esperança, energia e nervosismo - caiu em algum lugar no meu estômago.

Mesmo que fosse um número desconhecido, eu ainda atendi.

— Olá?

Uma pausa. — Por favor, Tyler Bell está?

Esfreguei meu rosto com a toalha quando respondi. — Sim. Como posso ajudar?

— Eu sou Sarah Russell, filha de Mildred Gustaferson.

Eu deixei a toalha cair para longe do meu rosto. — Millie? Está tudo bem?

Sarah não respondeu de imediato, mas quando o fez, ela estava obviamente lutando contra as lágrimas. — Eu sinto muito em ser a única a dizer isso. Minha mãe morreu esta manhã.

* * *

Eu voei sozinho para Kansas City.

Eu peguei meu telefone rapidamente e liguei para Poppy. Ela não tinha atendido. Eu tinha deixado uma mensagem de voz e enviei uma

mensagem e então eu fui para nossa casa antes de ir para o aeroporto, esperando achá-la lá, sabendo que ela iria querer saber sobre Millie.

Ela não estava em casa.

E então eu estava sozinho no avião, meus olhos fechados firmemente, como se eu pudesse segurar dessa forma as lágrimas de caíssem. Mas elas ainda conseguiram vazar, devagar e sem cessar, faixas quentes de tristeza e isolamento contra minhas bochechas. Eu me sentia tão vazio e tão cheio, tão branco e tão rabiscado em cima por eventos fora do meu controle. Minha boa amiga morrendo, a ausência da minha esposa, esta distância ridícula entre mim e todas as pessoas que se preocupavam comigo. Nada parecia real, nada se sentia íntimo ou próximo ou verdadeiro - tudo parecia como um filme terrível da minha vida que eu estava sendo forçado a assistir a partir de centenas de metros de distância.

Enquanto eu olhava pela janela do avião, meu reflexo foi sobreposto pelo veludo da noite lá fora e eu quase não reconheci o homem com a barba por fazer. Quem era ele? Onde ele estava indo? E por que ele estava indo para lá sozinho?

As perguntas eram muito dolorosas. Eu fechei a cortina da janela e me inclinei para trás, fechando os olhos de novo, na esperança de segurar uma nova onda de lágrimas.

O padre em mim queria meditar agora. Ele queria rezar. Ele queria pensar nas coisas certas para dizer às crianças de Millie quando fosse para o funeral, e ele queria ter o direito a versos prontos em sua mente no caso de serem necessários.

Mas o outro eu - o cara que era apenas Tyler - queria fazer nada, exceto, talvez, sinalizar a aeromoça por uma bebida. Ele queria pensar em nada, não sentir nada, não dizer nada, e você sabe o quê?

Isso foi exatamente o que ele fez.

* * *

— Sua gravata está torta.

Me virei para o espelho do quarto do meu irmão. — Não está!

Sean bufou com impaciência. — O nó está torto. Espere.

Eu o deixei mexer com a minha gravata um pouco mais, os meus pensamentos em outro lugar. Bem, em uma coisa em particular. Poppy ainda não tinha me ligado de volta. Ela não estava aqui e ela não tinha ligado ou mandado uma mensagem e eu não tinha ideia ainda se ela sequer sabia sobre Millie. E uma vez que era o dia do funeral, eu tinha desistido da fraca, mas inquebrantável esperança de que ela voaria até aqui para estar comigo.

— Pronto, — disse Sean, recuando e olhando para o nó Windsor que ele tinha feito com um olho crítico. — Melhor.

O próprio Sean estava todo impecável, seu terno preto sob medida e sua gravata Charvet gritando dinheiro e poder. Desde que eu tinha deixado o clero, há quatro anos, ele tinha subido ao topo de sua empresa de investimento, que por sua vez tinha se tornado uma das maiores empresas do Centro-Oeste da América, a manipulação de enormes contas agrícolas e pecuárias, juntamente com as contas privadas de vários atletas profissionais do Centro-Oeste. Nós, provavelmente tão diferentes como dois irmãos poderiam ser - eu, o que virou padre-erudito, e ele, o playboy milionário que só ia à missa quando alguém morria - parecíamos um grupo musical em nossos ternos pretos. Seu cabelo era um loiro escuro e o meu castanho e seus olhos eram de um azul e os meus verdes, mas nós compartilhamos as mesmas maçãs do rosto altas e queixo quadrado, a mesma boca que talvez sorrisse um pouco amplamente demais, as mesmas ondulações que cavaram as nossas bochechas quando um sorriso largo parecia.

E mesmo que ele fosse um idiota auto obcecado, ele tinha realmente cuidado de Millie. Ela lhe enviou biscoitos todos os meses desde que eu tinha mudado para sua paróquia, e ele a adotou como uma espécie de avó como consultora financeira, trazendo seu iPad cheio de propostas de negócios para que ela percorresse sempre que ele tinha visitado ela. Aiden, nosso irmão mais novo, tinha se preocupado com ela também, mas ele estava em uma viagem de negócios em Bruxelas e não poderia voltar para o seu funeral.

— Então, — Sean disse quando nós enquanto caminhávamos para o elevador até onde seu Audi esperava. — Onde está a porra da sua esposa, Sininho[11]?

Era como tiros simultâneos de álcool e gás do riso. Por um momento, irritação e mágoa me cegaram... e então eu não pude deixar

[11] Do original TinkerBell (por seu sobrenome ser Bell), mas aqui no Brasil para nós é Sininho.

de rir. Mamãe e papai, e até mesmo o meu irmão adolescente Ryan, sentiu que era um assunto delicado para mim e por isso tinham dançado ao redor da ausência de Poppy, como se estivessem dançando em torno de uma granada. Mas Sean - Sean não dava a mínima sobre os sentimentos de ninguém, desde que a nossa irmã havia se pendurado na garagem dos nossos pais todos aqueles anos atrás. Era melhor e a pior coisa sobre ele, e agora era exatamente o que eu precisava.

— Eu acho que ela está realmente com raiva de mim, — eu disse. O elevador chegou ao nível da garagem e caminhamos em direção ao carro de Sean. — Eu acho que... eu acho que nós não podemos ficar mais juntos.

Sean olhou para mim. Não era um olhar de pena ou preocupação, necessariamente, mas um olhar de compreensão. Um olhar de, *mesmo se nós não falamos, mesmo se nós não compartilhamos nossa vida adulta junta, eu ainda estou aqui pra você*. Eu acho que era essa a coisa sobre irmãos. Nós compartilhamos algo que não poderia ser artificialmente levado para longe, um vínculo que iria ficar por tanto tempo quanto nós dois estivéssemos vivos.

— Você sabe, — Sean disse lentamente, olhando para mim sobre o capô do carro, — se você precisar de alguma coisa ou - como - conversar, estou aqui...

Gratidão e carinho para o meu irmão idiota me inundou. Eu sabia que essas palavras não vieram naturalmente ou facilmente a ele. — Obrigado, Sean. Eu vou deixar você saber se eu precisar de alguma coisa.

Ele balançou a cabeça e, em seguida, entrou no Audi. O assunto foi resolvido e era hora de pegar a estrada. Millie queria seus últimos ritos em St. Margaret, a paróquia que ela tinha dado tanto de sua vida, e isso significava uma viagem para Weston a partir de Kansas City, que era cerca de uma hora de duração.

Quando chegamos a St. Margaret, estacionamos o carro e Sean entrou para encontrar minha mãe. Eu dei a desculpa de que eu queria passear e ver a nova casa paroquial, mas realmente eu só precisava de um momento a sós. Eu cutuquei o buraco vazio em meu peito, o lugar onde minha esposa tinha vivido e, em seguida, deslizei para fora dele, como uma cobra deslizando para fora de sua pele velha. E eu também incitei a espessa nuvem de tristeza pairando em minha mente, a nuvem

feita de caçarolas caseiras e telefonemas longos e horas de trabalho na cozinha comunitária juntos.

Eu ouvi pessoas dizerem que a perda de alguém tão velha quanto Millie era mais fácil. Que todo o tempo que viveram e o tempo que você compartilhou faz a perda não um fardo, não tão pesado. Mas eu não me senti assim. Quinhentos anos não seria suficiente para conter todo o potencial de uma mulher como Millie Gustaferson, muito menos noventa e dois anos. E sem ela, eu estava sem um dos meus links mais fortes com o homem que eu costumava ser.

A pior coisa era que eu sabia que algo estava errado quando eu falei com ela na terça-feira. Eu deveria ter feito mais – ter ligado para o diretor de Pinewoods Village ou encontrado o número de um de seus filhos. Mamãe e Jordan tinham visitado ela e enquanto Jordan me disse que ela tinha sido apática e, obviamente, deprimida, não sentia como se estivesse em qualquer perigo real.

Pneumonia foi a causa oficial da morte. Mas extraoficialmente, seus filhos me disseram que havia outro elemento. Ela havia escondido quão grave era a doença de seus enfermeiros e seus visitantes, e quando quinta-feira chegou, ela estava ofegante e azul e era tarde demais para os antibióticos terem qualquer efeito real.

Às vezes eu acho que não vale a pena estar aqui, ela disse. Teria ela indiretamente tentado se matar por esconder o quão doente ela estava?

E quão deprimido eu estava que eu entendia como ela se sentia?

Eu esfreguei meu rosto com as mãos e respirei fundo. Eu estava muito familiarizado com a morte em meus dias como um padre a sucumbir à necessidade de explicações e narrativas sobre últimos dias do falecido. A morte não tem narrativa.

Ela simplesmente é.

Com esse pensamento alegre, eu finalmente consegui sair do carro e entrei na igreja que eu tinha entrado mil vezes antes. Por toda parte havia sinais de mudança. A nova imagem do padre no foyer ao lado de uma lista do horário de expediente. Luzes de Natal e árvores uma semana mais cedo do que eu teria colocado. O cheiro de pão vindo da cozinha no térreo, quando eu sempre preferia o cheiro de incenso evocativo e mantinha alguns acesos quase em todos os momentos.

E depois havia o próprio edifício. Quando eu trabalhei aqui, as paredes eram forradas de madeira falsa e o carpete tinha sido um vermelho maçante - remanescentes de uma reforma horrível de meados do século. Mas agora o edifício era exatamente o que eu sempre esperei que se tornasse - moderno, leve e limpo. As paredes tinham sido despojadas de seu tijolo do século 19 original e pedra e o carpete tinha desaparecido, substituído por largas tábuas de madeira clara. Lâmpadas de alumínio escovado estavam penduradas no teto, acentuadas pelo vitral antigo que tinha sido restaurado à sua glória original. E no canto mais distante, um vidro e pia baptismal de concreto cintilava à luz de Dezembro, a água derramando sobre as bordas internas como uma piscina infinita, enchendo a igreja com a música suave de água corrente.

St. Margaret finalmente tinha um edifício para combinar com sua bela e apaixonada congregação. A construção de um mundo além do escândalo que abalou a cidade um ano antes de eu vir, além da idade e mentalidade fechada da igreja do século 20. Luz e modernidade e abertura - igreja do Santo Padre Francis. Igreja do Padre Bell.

Só que não era do Padre Bell. Era Padre McCoy agora.

Mas essa era a beleza da igreja, realmente. Os padres podem mudar, os congregantes podem passar, mas a igreja ainda estava lá. A igreja suportava, era uma casa firme de consolo e refúgio para tudo o que vinha buscando.

A igreja mantinha suas portas abertas. Mesmo quando seus padre fugiam. *Bata e a porta será aberta para você*, Jesus tinha prometido. Embora me senti como se tivesse batendo durante toda a semana e a porta para o coração de Poppy tivesse permanecida bem fechada e intransigente como sempre.

Mordi minha vontade de criticar Padre McCoy durante o funeral. Claro, eu sempre sentia que eu poderia fazer melhor, como se St. Margaret fosse minha e só minha, e por isso eu não precisava gemer toda vez que ele tropeçava em uma palavra ou perdia terreno de jogo, enquanto cantava as músicas de chamadas e respostas. Ele foi excelente. Mesmo que fosse o funeral de uma das mulheres mais inteligentes e melhores do mundo, ainda estava bem que ele era medíocre.

Ok, ok, ok.

No momento em que a missa tinha quase acabado e que era hora de entregar o meu elogio, eu tinha rasgado meu rascunho em

minúsculos pedaços, frustrado. Eu queria Poppy, Millie estava morta, e o padre era terrível. O que mais um homem poderia suportar? Quando me levantei para ir para frente, minha mãe limpou a garganta calmamente e estendeu as mãos em concha para despejar o rascunho picado.

A boa e velha mãe.

Na caminhada para frente, me senti estranho. Eu desci este corredor central tantas vezes, de túnica e colarinho e processando atrás de uma cruz, e agora eu estava no terno de um civil, andando em pisos desconhecidos enquanto luzes desconhecidas pendiam acima de mim.

Deveria ter sido eu, apresentando a sua vida na missa, uma parte de mim pensava, petulante. *Que bom você faria a Millie se você não pode nem mesmo realizar sua última missa? Valeu a pena? Sair da igreja?*

Era isso?

Bem, era?

Eu não tinha uma resposta para isso mais. Mais um grau, menos uma esposa. Lucro líquido: zero.

Subi ao púlpito e parei atrás dele, olhando para a multidão quando eu puxei as minhas notas no meu telefone. — Então... isso parece familiar.

Várias pessoas nos bancos riram apesar de suas lágrimas. A maioria das pessoas aqui tinham sido o meu rebanho, e enquanto eu sabia que não havia má vontade sobre minha saída ou a maneira que eu tinha deixado, eu ainda queria poder saber o que eles estavam pensando e o que eles achavam de mim agora, de pé por trás do meu púlpito.

— Todos nós sabíamos quem era Millie muito bem, — eu comecei, olhando para os enlutados. — E eu acho que ninguém ficou surpreso ao entrar e encontrar um caixão roxo brilhante com a Kansas State Wildcat pintado na lateral. Millie, eu sei que você pode me ouvir do céu agora, e *giz rock, Jayhawk*.

Mais risos. Eu olhei para as minhas notas, notas que eu tinha escrito na cobertura de Sean enquanto admirava o céu cinzento de inverno. Observei que eu tinha escrito pensamentos sobre a minha última noite com Poppy, quando eu disse a ela que eu a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa viva.

— Hoje é um dia onde nós lamentamos e perda da Millie. Mas eu quero levar um minuto e pensar sobre todas as coisas que eu não sabia. As coisas que nós nunca vamos saber agora. Se ela gostava de manter a mão sobre o controle remoto enquanto ela assistia televisão. Se ela esperava por seu café e o bebia na cozinha ou se ela fazia outras coisas enquanto ele era feito em vez disso. Se ela preferia suas palavras cruzadas na parte da manhã ou à noite. Poderíamos lembrar da sua refeição favorita, seu hino favorito... qual candidato ela enviou cartas desagradáveis durante a última eleição.

O riso novamente, porque sim, todos nós sabíamos disso com certeza.

— Mas uma pessoa é muito mais do que essas grandes coisas. Uma pessoa é uma coleção de coisas pequenas, de pequenos momentos invisíveis, de pensamentos muito inconsequentes para compartilhar, de sentimentos que são mesquinhos demais para não se esconder. Gloriosas epifanias e perfeitas demais para manchar falando em voz alta. E a verdadeira tragédia não é apenas que nós nunca mais vamos ficar conhecendo estas coisas sobre Millie. É que tão raramente temos o tempo para conhecer um do outro.

Minha garganta apertou quando eu pensei sobre Poppy.

— Quando vocês forem para casa hoje à noite, olhem para as pessoas ao seu redor. E procurem esses segredos. Millie iria querer que vocês os vissem, aqueles momentos fugazes insubstanciais. Que era um de seus presentes: ver as pessoas como elas realmente são.

Eu parei, porque eu estava no final das minhas notas, mas olhando para a multidão - todos chorando de novo - eu não queria os deixar assim. Eu queria deixar este funeral com leviandade e com riso. Por Millie. Então eu me inclinei e murmurei, — E seu outro presente era caçarolas, — que ganhou gargalhadas sonoras, mas eu não me importei naquele momento, porque quando eu levantei meus olhos para a parte de trás do santuário, eu vi uma mulher esguia vestida toda de preto, com cabelos escuros e lábios vermelhos, e foi como um raio me golpear onde eu estava.

Poppy tinha vindo afinal de contas.

CAPÍTULO ONZE

No momento em que eu saí do púlpito, Poppy tinha ido embora. Atrás de mim, eu podia ouvir Padre McCoy começar as orações finais e despedidas que iria encerrar o funeral, e seria desrespeitoso e rude simplesmente caminhar para fora do santuário neste ponto, mas eu não me importei. Eu tinha que encontrá-la, e eu também sabia que Millie queria que eu fizesse a mesma coisa.

O batistério estava vazio, exceto por um par de crianças que corriam em torno das fontes de água benta. Seus gritos e guinchos eram incongruentes com a atmosfera pesada apenas no interior do santuário, mas também perfeito. Millie amava as crianças; ela teria gostado de vê-las felizes e brincando em seu funeral, e apesar do fato de que eu estava caçando minha esposa com o meu coração correndo a um milhão de milhas por hora, eu sorri para elas. Sorri e desejei que eu pudesse contar com um futuro onde eu teria barulhentas crianças correndo ao redor de uma igreja, felizes e brincando, e nossas.

Eu empurrei as portas externas, o vento cortante trazendo consigo pequenas pelotas de gelo e granizo. Mesmo que fosse apenas quatro da tarde, o sol estava se pondo, e já brilhava as luzes de Natal ao longo da faixa principal de Weston com as lojas de antiguidades e vinícolas iluminadas. O brilho deu à cena um sentimento acolhedor, aconchegante, apesar do céu desolado e os blefes do rio acastanhado ao longe.

— Tyler, — veio uma voz calma, tremida.

Poppy estava na beira da porta. Manchas rosadas tinha florescido altas em suas bochechas e sua respiração veio em grandes nuvens brancas. Ela usava um véu preto, que descia até o queixo, preso com pequenos pentes incrustados de rubi em seu cabelo. Com o casaco sob medida e saltos, ela parecia uma femme fatale de algum drama dos anos 30, e eu queria levantar o véu e beijar aquela boca vermelha mortal. Eu estava cansado demais para a raiva ou defensiva por mais tempo.

Um beijo seria o suficiente.

Mas eu mantive meus desejos físicos sob controle. — Estou tão feliz que você veio. Isso teria significado muito para Millie.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos sobre as luzes cintilantes da rua. — E significa muito eu estar aqui. Eu gostava dela também, você sabe.

Há poucos dias, toda uma série de reações iradas teriam sido quentes e esperadas na minha língua, mas não hoje. Em vez disso eu rasguei meus olhos para longe de seu rosto e os prendi sobre as calçadas cobertas de neve. *Precisamos conversar sobre o nosso futuro*, eu queria dizer. Ou talvez o menos ameaçador *precisamos conversar sobre nós*. Ou talvez simplesmente *eu posso te comprar uma xícara de café?*

Ela chegou antes de mim. — Eu voei nesta manhã. Eu gostaria de alugar um quarto de hotel juntos, se estiver tudo bem com você?

Uma agulha frágil de esperança perfurou meu pesar. — Sim, — eu disse suavemente. — Sim, está tudo bem pra mim.

* * *

Nós ficamos para a recepção do funeral no porão da igreja, compartilhando histórias de Millie e sua vida, e mesmo Poppy falou algumas vezes, embora fosse normalmente para adicionar um pequeno detalhe no que outra pessoa estava dizendo. Depois comemos a nossa caçarola de batata chips, massas e saladas e subimos no Audi de Sean. Ele me deu um olhar após Poppy subir do tipo *o que diabos está acontecendo*, mas eu ignorei. Principalmente porque eu não confiava que ele não seria um idiota com Poppy no carro, mas também porque eu não sabia o que estava acontecendo eu mesmo.

Nós fomos até o lugar de Sean para pegar a minha bagagem, e então ele nos deixou em hotel no centro. Quando eu fiz um barulho de protesto, ele interrompeu. — Eu vou cuida disso, — disse ele com firmeza.

— Sean, cara, eu não posso deixar você fazer isso.

Ele deu de ombros. — Quero ver você me parar, dado que eu estou dirigindo.

O abracei.

Ele apertou meu ombro enquanto eu saí do carro e fui pegar nossas coisas. Depois que eu ajudei Poppy a sair do carro, entramos no lobby e aluguei um quarto.

Ela ficou em silêncio o tempo todo, sombria e inexpressiva em seu véu e roupas pretas, e quando nós entramos para o nosso quarto, ela tirou o casaco e tirou os saltos sem dizer uma palavra.

O que eu deveria fazer agora? Eu a deveria ignorar? Lhe perguntar o que há de errado? Jogá-la na cama e transar com ela até que nós dois estivéssemos cansados demais para se mover?

Eu não queria fazer nenhuma dessas coisas, nem mesmo foder. Eu coloquei as nossas malas no chão e caminhei até ela, notando o jeito dela tensa e inclinada em direção a mim, ao mesmo tempo. Ela tinha que estar tão conflituosa como eu, tão dilacerada por sentimentos em conflito, e tudo sobre sua solidão gritava infelicidade.

— Diga 'vermelho' se começar a ser demais, — eu murmurei.

— Ok, — ela sussurrou. As primeiras palavras que ela tinha falado comigo desde o funeral.

Eu usei um dedo para levantar o véu lentamente por seus lábios, passado pelo nariz, passando pelos seus olhos. E então eu me inclinei e escovei meus lábios contra os dela.

Eletricidade, quente e fugaz, se propagou de minha boca para o resto do meu corpo, e ela abriu os lábios, um pequeno ruído impotente escapou dela enquanto ela se inclinou para o meu peito. Eu fiquei segurando o véu com uma mão e então eu deslizei a outra atrás nas suas costas, a puxando para mais perto. Mas eu não abri meus próprios lábios, eu não sondei sua língua com a minha. Eu simplesmente mantive os nossos lábios pressionados juntos, compartilhando a pele e partilhando nossa respiração, até que eu me afastei e baixei o véu.

Sua respiração era irregular, e eu sabia que seu corpo ansiava por mais, mas eu não estava disposto a explorar isso. Era seu coração e mente que eu estava atrás, e eu estava muito desgastado e deprimido para me contentar com nada menos.

Estendi a mão para seu cabelo e tirei os pentes delicados que sustentavam o véu. E então eu puxei delicadamente seu blazer preto de seus ombros, puxando uma inspiração trêmula dela quando as palmas

das minhas mãos roçaram seus mamilos enrijecidos. Eu ignorei o suspiro (e os mamilos) e foquei em abrir sua blusa de seda, me movendo para trás para trabalhar nos pequenos botões de pérola na gola, e então eu a ajudei a sair dela, seguido de sua saia. Suas meias e cinta-liga foram os próximos, e arrepios seguiram meus dedos onde quer que fossem, mas eu nunca a toquei onde eu não precisava. Minhas mãos e olhos ficaram focados na roupa, mesmo quando eu desabotoei o sutiã e puxei sua calcinha de seda até seus pés.

Ela ficou completamente nua diante de mim, a mandíbula em conjunto com o esforço de controlar sua respiração, e eu deixei ela por um momento para pegar sua bolsa. A coloquei sobre a mesa perto de mim, cavei através dela até que eu encontrei o que eu estava procurando: o seu kit de maquiagem. Eu usei os toalhetes e gentilmente limpei o rosto dela. Eu tirei o delineador e rímel Kohl, o bronzer que ela usava porque ela era autoconsciente sobre ser tão pálida, o batom vermelho. Quando eu estava satisfeito, eu corri um polegar sobre os lábios nus, doce e cheios e separados ligeiramente por seus dentes.

Ela piscou para mim, o rosto fresco e limpo. — Eu pensei que quando você disse *vermelho* isso quis dizer…

Eu balancei minha cabeça. — Não essa noite.

— Tyler.

Eu puxei um robe de seda de sua bolsa e o deslizei sobre ela, atando a faixa de forma segura. Uma vez que terminei, eu encontrei seus olhos e decidi ser honesto. Ela tinha que saber por que eu não poderia transar com ela de forma segura esta noite. — Se eu me deixar ir agora, não vai ser bonito. Eu vou usar essa faixa para te amordaçar e dois dos meus cintos para prender seus tornozelos às pernas da mesa ali. Então eu vou me inclinar sobre você nessa mesa e te foder tão duro até você chorar.

Ela engoliu em seco, as pupilas se alargando.

Eu baixei minha cabeça para que ela fosse forçada a encontrar meus olhos. — É isso que você quer agora? É isso que você quer que esta noite seja? Toda a minha dor e minha tristeza dirigida a você?

Ela pegou minha mão e a arrastou sob seu manto. — Estou tão molhada para você, — ela implorou. — Por favor.

Meu pau sacudiu, mas eu fiquei firme. A peguei e a levei para a cama, a colocando debaixo das cobertas enquanto eu tirava meus

sapatos, meu casaco e a gravata. Deixei a camisa e calças, no entanto, querendo mais barreiras entre Poppy e eu. Eu não confiava em mim mesmo para não explorar sua excitação de outra forma, embora eu soubesse que transar com ela só iria complicar as coisas mais.

Eu rastejei na cama ao lado dela. — Se lembre de dizer vermelho, — eu a lembrei. E então eu a puxei para mim, para que os nossos corpos jazessem em resplendor juntos, meu corpo enrolado em torno dela.

— Isto não é *vermelho*, — disse ela depois de um momento.

— Você passou a última semana me evitando, cordeirinho. Acho que me deixar cuidar de você e depois passar a noite em meus braços é muito mais difícil do que ser fodida.

E eu estava certo. Porque em algum momento durante a noite, algumas horas depois que eu tinha caído no sono, acordei com o som suave de choro. Ela se virou, de modo que seu rosto foi pressionado contra a minha camisa, e eu a embalei lá, passando minhas mãos pelos seus cabelos e nas suas costas, enquanto as lágrimas derramavam no meu peito. Eu não perguntei a ela o que estava errado, eu não perguntei nada, eu apenas a abracei e a acariciei até que seu choro ficou mais tranquilo e mais tranquilo e ela finalmente voltou a dormir.

Eu não voltei a dormir, no entanto. Eu fiquei bem acordado, desejando que eu soubesse o que ela estava pensando, o que a fez chorar, o que causou sua súbita mudança de temperamento na semana passada.

Talvez eu nunca soubesse. Talvez fosse como eu viveria agora, na periferia de suas emoções, muito perto de sair, mas longe demais para ajudar.

Eu a segurei mais apertado com esse pensamento. Não. Eu não ficaria de lado. Eu tinha que saber se ela me queria de volta para dentro... ou se ela queria que eu fosse embora completamente.

* * *

Nós tivemos um almoço com os meus pais, e então nós estávamos voando de volta para casa. Ela estava tão quieta como ela tinha sido ontem, embora ela procurasse mais o meu toque - segurando minha

mão enquanto esperávamos para embarcar e se inclinando contra mim no avião. Quando chegamos em casa, eu fiz a mesma coisa que eu fiz em Kansas City. A ajudei a se despir. Eu ajudei a lavar seu corpo - no chuveiro desta vez - e então eu a segurei na cama. Eu sabia que o chuveiro tinha a despertado desde que ela ficava esfregando as coxas quando se aconchegou na cama. Mas eu também sabia que me deixar cuidar de sua confiança era necessário mais do que ela me deixar foder. E assim eu perseverei. Mesmo que nós dois estávamos cientes da minha ereção massiva e de seus suspiros de dor.

Funcionou, porque no dia seguinte, uma terça-feira, ela perguntou se poderíamos falar naquela noite depois que ela chegasse em casa do trabalho.

— Claro, cordeirinho, — eu disse. E então ela se aproximou por seu próprio livre-arbítrio e beijou meu rosto.

Foi um começo.

Eu fui para minhas sessões de ensino finais do semestre, preparando seus finais e fazendo superestimavas selvagens de quando eu teria seus testes de classificação. Depois disso, eu fui ao ginásio e, então tomei banho e fui para casa para fazer a Poppy um jantar.

Eu não cozinhava - eu nunca estive interessado em algo mais complicado do que queijo grelhado - mas eu encontrei uma receita on-line para bisque e fiz o meu melhor. Adicionei um pouco de vinho e saíram levemente queimados, e foi uma refeição respeitável, e eu estava bastante orgulhoso de mim mesmo. Quando Poppy chegou em casa poucos minutos depois, eu estava tirando minha camiseta salpicada de bisque sobre a minha cabeça.

— É jantar nu? — perguntou ela.

Foi a coisa mais alegre que eu a ouvi dizer em quase duas semanas.

— Pode ser se quiser.

Ela sorriu. — Eu quero.

Nos sentamos e começamos a comer, Poppy escolheu chocolate quente sobre o vinho. A noite estava clara, polvilhada com as estrelas, as sepulturas cobertas de neve pareciam em paz. Era bonito até.

— Então, — Poppy começou, olhando para sua sopa. — Eu não tenho certeza por onde começar.

— Em qualquer lugar que você queira. — eu tentei deitar cada pedaço de minha alma em minhas palavras. Eu não tinha certeza de onde tínhamos saído errado ou como corrigir, mas eu queria que ela soubesse que eu estava disposto a fazer o que fosse preciso.

Ela deve ter compreendido isso, porque ela olhou para cima de sua sopa e encontrou meus olhos. — Ok.

Peguei a mão dela e apertei.

Ela respirou fundo e disse: — Eu estou grávida.

CAPÍTULO DOZE

— O que?!

Eu explodi do meu assento, praticamente a consumindo. Ela soltou gargalhadas quando a peguei e girei em torno dela, enterrando meu rosto em seu pescoço.

Oh meu Deus, eu pensei vertiginosamente. *Eu vou ser pai.*

Um pai.

Um bebê.

Meu bebê.

Eu girei e rodei até que cai sobre o sofá com ela em cima de mim, me certificando de que sua queda fosse suave e segura. Ela se levantou em seus braços e olhou para mim.

— Eu te amo, — eu disse, e eu quis dizer isso mais do que eu tinha antes.

— Eu te amo, — disse ela de volta com um enorme sorriso. Mas então aquele sorriso vacilou. — Eu sei que tenho sido... difícil nestas duas últimas semanas. E eu sinto muito. Eu também sinto muito que eu não te disse mais cedo.

— Você sabia? — eu não queria soar acusatório ou fazê-la se sentir mal, mas isso parecia ser o tipo de coisa que eu deveria saber segundos depois dela.

Ela suspirou e se empurrou para trás, de modo que ela estava sentada no meio das minhas pernas. — Eu descobri na segunda-feira antes da Ação de Graças. Meu período estava com uma semana de atraso, e eu me lembrei de que eu tive gripe e dor de estômago no mês anterior, e eu pensei que talvez tivesse afetado as pílulas. Então eu fiz um teste de farmácia enquanto eu estava no trabalho e deu positivo.

Segunda-feira antes da Ação de Graças. A mensagem que ela me enviou passou pela minha mente.

Venha para casa mais cedo hoje à noite. Estou animada para te contar sobre o meu dia!

Eu pensei que ela tinha tido um grande dia no trabalho ou algo assim. Culpa esmagou em mim quando eu percebi que ela estava prestes a me dizer àquela noite. E então eu fiquei arrasado.

— Eu queria te dizer pessoalmente, — continuou ela. — E eu queria que fosse o momento certo, sabe? Apenas nós dois, aqui em nossa casa. E então não acontecia, e então eu comecei a suspeitar que isso nunca fosse acontecer. E então eu comecei a pensar, 'Oh meu Deus. Se ele não consegue ficar nem mesmo o suficiente próximo de mim para lhe contar isso, como diabos ele ficaria para criar um filho?'

Meus olhos ardiam e eu os fechei. — Poppy…

— E então o evento aconteceu e você estava atrasado, e eu entrei em pânico. Não era nem mesmo sobre o próprio evento, nem tão pouco por você estava atrasado, era apenas que eu fiquei perdida sem saber se podia confiar em você para me ajudar com isso. Para estar lá para mim.

Toda a conversa que tivemos repetia em minha mente. — Mas Anton sabia, — eu disse calmamente.

— Anton sabia. Ele descia ao delicatessen e me comprava Sprites e me cobriu enquanto eu dormia no escritório. Ele tem sido ótimo.

Eu não poderia ficar com raiva por isso. Eu não poderia ficar com raiva de Anton quando o único culpado era eu mesmo. Mas ainda assim a raiva ardia. Ainda riscava e arranhava a pele fina do meu coração.

— Mas depois do funeral de Millie e do seu elogio sobre ela conhecer as pessoas e o quanto você foi doce comigo neste fim de semana, eu percebi uma coisa. Que não foi você que me fez ter medo. Fui eu.

Eu abri os meus olhos.

Ela esfregou conscientemente seus braços, se abraçando. — Estou com medo, Tyler. Estou com medo de ser mãe. Estou com medo do bebê levando meu tempo para longe da minha fundação ou minha fundação me afastando do nosso bebê. Estou com medo do bebê mudando a maneira como nós nos amamos. — as lágrimas começaram a cair, duras e rápidas agora. — Quero dizer, olhe para nós! Este bebê já nos mudou e nos feriu. E se eu arruinei tudo por ficar grávida?

Me sentei, a esmagando contra meu peito. Suas lágrimas continuaram caindo ainda quando nós nos sentamos juntos, seu batimento cardíaco lentamente correspondendo ao meu. — Tudo vai mudar, — eu disse. — E algumas dessas mudanças vão ser difíceis. Mas vão ser coisas boas também, coisas bonitas, e eu estarei bem aqui com você. Eu estarei bem aqui te amando e criando esta criança. E nós vamos foder, inevitavelmente, com o nosso filho e um com o outro, mas enquanto nós nos abraçarmos tão perto quanto Deus nos prende ao Seu coração, vamos conseguir. Eu prometo.

Ela fungou. — Ok.

Eu beijei o topo de sua cabeça, e ficamos lá o resto da noite, abraçados e o pedido de desculpas foi promissor e provocante, o que acabou com nos dois nus compartilhando a nossa alegria da maneira que melhor sabíamos.

* * *

— Você é Tyler Bell?

Olhei para a pessoa que estava ao meu lado. Eu tinha prometido a Poppy uma caneca de café descafeinado com sabor hortelã-pimenta enquanto nós fazíamos o restante da nossa decoração de Natal juntos, e assim eu tinha ido até o café local para comprar um, não esperando ser reconhecido. Eu meio que esperava que a pessoa fosse uma Tylerette (essa moda infelizmente com os memes do Sacerdote Hot não tinha perdido força depois que eu deixei o clero), mas foi uma mulher latino-americana mais velha, possivelmente com seus cinquenta anos, com um terno elegante e uma pasta de trabalho.

— Sim, eu sou Tyler, — eu respondi com cautela. — Como posso ajudar?

Ela sorriu. — Um amigo meu estava no dia de sua dissertação. Ele me fez o favor de me deixar ler uma cópia. Foi muito, *muito* impressionante.

— Obrigado, — eu disse ainda cauteloso. Porque isto era estranho.

— Eu tenho que perguntar, você já pensou em publicar um livro?

Eu pisquei. — Não.

— Eu acho que sua história pessoal é tão convincente e crua. Ela faria um livro de memórias incrível. Mas eu também acho que você tem um dom para traduzir a teologia e a história da religião em algo compreensível, e que você deve considerar a possibilidade de um trabalho em um lugar mais amplo do que apenas a biblioteca de Princeton. Você poderia mudar muitas vidas, Sr. Bell, se você quiser, — ela me entregou seu cartão de visita, que tinha *Maureen Reyes: Editora Executiva* escrito em letras pretas brilhantes, e debaixo dela, o nome de uma grande editora de Nova York.

Eu olhei para ela, e ela empurrou sua bolsa com outro sorriso. — Pense nisso. Ficarei feliz se me ligar a qualquer momento para falar de qualquer ideia que você possa ter.

Puta merda, eu pensei depois que ela saiu, virando o cartão mais e mais em meus dedos, como se estivesse esperando que ele desaparecesse como magica. *Puta merda.*

Eu peguei o meu café e o de Poppy e me dirigi para a rua com neve, um sorriso gigante esticando meu rosto. Eu mal podia esperar para contar isso a Poppy; quero dizer, foi súbito e inesperado, mas faz todo sentido agora que eu pensava sobre isso. Escrever algo - um livro de memórias ou um livro sobre a teologia moderna ou mesmo a história da igreja - todas essas opções eu me senti capaz e seria emocionante tanto quanto possível e pessoal. Eu não seria capaz de me esconder atrás de qualquer coisa se eu escrevesse um livro de memórias. Poppy gostaria disso.

Corri para casa, o frio fez o mundo mágico e de repente vivo e perfeito, o feriado de natal com suas luzes brilhantes e as guirlandas mais verdes. Estávamos esperando um bebê e talvez eu publicasse um livro e Poppy ficaria tão animada e então eu também ficaria animado novamente e então ambos pensaríamos sobre o bebê e ficaríamos ainda mais animados - e a nossa felicidade seria como uma roda infinita, mais ampla e mais forte até que não tivéssemos escolha a não ser deixar um pouco a nossa decoração e ir para a cama, onde passaríamos a noite fazendo amor.

Eu irrompi pela porta da frente. — Poppy! Poppy! Uma coisa louca aconteceu no café...

Eu parei. A árvore de Natal em miniatura que nós colocamos na mesa da cozinha estava meio fora de sua caixa, pequenos ornamentos espalhadas pelo chão em torno dela. Sua garrafa de água derrubada

sobre a mesa, água vazando lentamente para fora. O silêncio enchia a casa, e eu percebi que a lista de Natal provavelmente tinha acabado.

— Poppy? — eu chamei cautelosamente desta vez, minha mente piscando para intrusos na casa e assassinos em série. Mas então eu dei um passo adiante e vi a porta aberta do nosso quarto, e ela ajoelhada ao lado da cama. Por um momento estranho, eu pensei que ela poderia estar rezando... e então eu ouvi o barulho, o gemido sufocado, e foi o mesmo barulho que Morales havia feito em seu escritório.

Um barulho de dor.

Um ruído de trabalho de parto.

Eu coloquei as bebidas no balcão e corri para o quarto, caindo de joelhos ao lado dela. — Cordeirinho? — perguntei, chamei, pegando suas mãos nas minhas.

Ela olhou para cima, os olhos distantes e confusos, os lábios sangrando. — Dói, — ela sussurrou. — Eu acho... acho que algo está errado com o bebê.

Eu tinha alguma vez conhecido o medo real até este momento? Dor real? Cada outra experiência na minha vida não foi nada em comparação com isto, eram pequenas em tom ameno ou qualquer significado real, porque agora eu sabia o que era o medo real. A forma como ela cavou suas unhas em seu estômago e se recusou a soltar, a maneira que correu através de meu sangue com uma carência incessante.

Eu só me senti assim antes, quando eu fui à garagem dos meus pais à procura de pilhas e em vez disso eu vi os pés da minha irmã suspenso no ar. Essa mistura horrível de medo e desamparo tomado pelo pânico. Eu me deixei levar por um segundo, dois segundos, três segundos; eu o deixei me segurar e me afogar.

E então subi a tona, apertando as suas mãos e usando a outra mão para tirar o cabelo de seu rosto.

— Nós temos que ir para o hospital, — eu disse calmamente, com a mesma confiança e possessividade que eu usava com ela na cama.

Seus olhos clarearam um pouco, finalmente focando em mim. — Tudo bem, — respondeu ela com voz fraca. — Você vai me levar?

O requerimento e a forma infantil que pediu quebrou meu coração. — Oh, cordeirinho. — a peguei em meus braços e a abracei com cuidado. — Eu não vou sair do seu lado novamente.

Ela ficou rígida com outra dor - poderia ser chamada de dor do parto? A carreguei e suavizei suas costas e coxas e murmurei coisas boas e todo meu amor em seu ouvido até que passou.

— Eu vou pegar o seu cartão de seguro e a identidade e depois vamos ok, cordeirinho?

Ela assentiu com a cabeça, como se ela não estivesse realmente me ouvindo, mas eu sabia que ela entendia porque ela apoiou as duas mãos na cama e lentamente se levantou. Eu corri para a cozinha e encontrei a sua bolsa, vasculhei em sua carteira para encontrar o que tínhamos necessidade, e, em seguida, voltei para o quarto e para ela. E o que eu vi abriu um buraco através de mim.

Ela estava com as pernas ligeiramente espalhadas e puxou as calças para baixo abaixo de sua virilha. Eu podia ver o sangue manchando através de suas coxas, brilhando quase preto sobre o tecido de sua calcinha, mas mais horrível era a expressão em seu rosto enquanto ela segurava os dedos sangrentos contra a luz.

A expressão em branco.

Uma expressão vazia.

Uma expressão dolorosamente confusa.

Sangue. O sangue significa que era ruim.

O terror veio de novo, maior que o pânico, porque algo indizivelmente horrível estava acontecendo ou prestes a acontecer e eu estava tão impotente diante dela. Eu comecei a repetir a mesma oração mental outra vez.

Por favor, Senhor. Por favor, não.

Por favor, não.

Por favor, não.

Eu sabia que meu rosto deveria estar com a mesma expressão que a dela enquanto chegava até ela, mas eu juntei minhas forças com tanta bravura quanto eu pudesse reunir. Eu limpei todo sangue, peguei uma roupa nova e a troquei, ajudando a puxar um novo par de calças. E então eu a peguei e a levei para o carro, onde ela ficou sentada

completamente imóvel e entorpecida enquanto eu corria para a sala de emergência. Às vezes a dor vinha e ela choramingava, foi só a isso que ela reagia e a mais nada. Mesmo quando nós fizemos a triagem e a enfermeira começou a fazer suas perguntas, ela respondeu com uma voz monótona, plana e principalmente com as respostas de uma só palavra.

E eu continuei orando:

Por favor, não.

Isso não.

Por favor.

E de repente nós estávamos no quarto da emergência e era tudo real, Poppy vestida com a roupa do hospital e ligada a uma IV, bebendo um copo de água que a enfermeira lhe deu para encher a bexiga para o ultrassom inevitável. Ela não disse nada, mas de vez em quando ela se contorcia e enterrava o rosto na cama, com o corpo rígido e arqueado, com dor. Às vezes ela se enrolava em uma bola, às vezes ela se dobrava, e no final, ela saiu da cama e começou a andar, para trás e para frente.

E foi assim que a médica a encontrou quando entrou. A médica era uma mulher bonita em seus trinta anos vestindo um jaleco azul escuro e com uma touca na cabeça, e no momento em que ela entrou, foi direto para Poppy e colocou uma mão reconfortante em seu ombro. Poppy ficou imóvel sob seu toque.

— Eu sou a Dra. Khader, — disse a médica. — Estou aqui para te ajudar hoje.

Ela olhou para a Dra. Khader. — Tudo bem, — disse ela.

— Eu sei que as enfermeiras lhe deram uma pequena dose de Tylenol para ajudar com a dor. Você acha que ajudou?

Os lábios vermelhos de Poppy se apertaram juntos e ela engoliu em seco, tentando reunir força. — A dor ainda está forte, — disse ela. Ela conseguiu dizer isso em voz alta, firme, o tipo de voz com que ela costumava discutir as previsões financeiras no trabalho e eu percebi o quão forte ela estava tentando parecer, como se estivesse no controle. Era assim que Poppy gostava de se apresentar ao mundo, sempre contida e como se fosse inatingível.

Mesmo quando seu mundo inteiro estivesse sangrando entre as pernas.

Dra. Khader assentiu. — Eu imaginei isso. Vou te explicar o que vamos fazer Sra. Bell. Nós vamos fazer um exame rápido de ultrassom para ver exatamente o que está acontecendo. Uma vez que descobrirmos isso, podemos gerenciar mais propriamente a sua dor. Você tem alguma dúvida ou preocupação antes de começar?

Poppy balançou a cabeça, ainda tentando ser educada e contida, mesmo que outra dor estava atravessando ela.

— Tudo bem, — disse a Dra. Khader. — Eu vou fazer um exame pélvico rápido, seguido por um ultrassom. Posso te ajudar a ir para cama?

Poppy acenou com a cabeça, com o rosto branco e a Dra. Khader a ajudou a deitar na cama, mostrando como posicionar suas pernas. Dra. Khader espalhou um lençol descartável sobre o colo de Poppy e vestiu uma luva azul. — Isso vai ser desconfortável, — advertiu a médica. — Vou tentar ser o mais rápida que eu puder.

A mão enluvada foi para baixo do lençol, enquanto a outra mão da Dra. Khader pressionava no abdômen de Poppy do lado de fora.

Eu poderia dizer o momento exato em que o exame começou porque Poppy respirou fundo, fechando os olhos. Ela estava tentando não gemer, eu tinha certeza, tentando não reclamar. Poppy tinha crescido em um mundo onde as emoções eram escondidas atrás de uma fachada composta e eu podia ver como isso era humilhante para ela, essa dor que a manteve rompendo a superfície de seu controle.

— Cerca de oito semanas agora, — Dra. Khader murmurou. — O que se alinha com o seu último ciclo menstrual. — ela apertou um pouco mais fundo e Poppy deu um gritinho, e, em seguida, a Dra. Khader retirou a mão, arrancando as luvas com eficiência praticada. — Eu sinto muito que isso doeu. — ela parecia sincera também, seus olhos escuros expressivos com simpatia.

Ela estendeu a mão para a máquina de ultrassom, pressionando alguns botões e, em seguida, esguichando um gel azul no estômago de Poppy. Ela apertou o transdutor na pele de Poppy, e o moveu até que algo preto e branco aparecer na tela. E então eu pude ver de forma tão clara. Eu me inclinei para frente, meu coração batendo freneticamente contra minhas costelas.

No meio da tela, havia um bebê tão pequeno como uma balinha de urso gummy. Um bebê com uma cabeça grande e corpo pequeno, com braços curtos e pernas. Ele parecia exatamente como o livro de

parentalidade que eu tinha baixado no meu telefone na noite passada, mostrando como um bebê de oito semanas pareceria.

Exceto.

Exceto.

Por favor, não.

Isso não.

Por favor, não isso.

Eu farei qualquer coisa.

O bebê urso gummy não estava se movendo. Parado. E então a Dra. Khader clicou alguns botões e um monitor de frequência cardíaca apareceu na parte inferior da tela.

Nenhum barulho.

Não há batimentos cardíacos.

Não.

NÃO.

Como você pôde, Senhor?

Como Você pôde?

Dra. Khader não parava de olhar e continuei procurando, mas depois de alguns minutos, ela puxou o transdutor do estômago de Poppy. — Eu sinto muito, — disse ela suavemente. — Mas parece que o bebê está morto.

Os lábios de Poppy se fecharam e seu queixo tremia, mas ela não disse nada.

— Seu colo do útero está parcialmente dilatado, o que significa que seu corpo está respondendo a morte do bebê, tentando expulsar a gravidez. Isso é porque você está em risco com uma infecção se o feto não for retirado do seu corpo. — Dra. Khader colocou uma mão sobre a de Poppy. — Você tem dúvidas sobre o que eu acabei de dizer?

Poppy tomou uma respiração profunda, movendo os olhos para a tela do ultrassom que agora estava completamente vazia, agora que o transdutor foi posto de lado. — O que acontece a seguir? — perguntou ela.

Meu estômago doeu ao som de sua voz - plana e profissional. Seu rosto mais branco do que a tela da ultrassom. *Você não tem que ser forte agora,* eu queria dizer a ela. *Não há problema em ser fraca. Não há problema em chorar.*

Jesus sabia que eu estava prestes a fazer isso.

Mas a Dra. Khader levou o comportamento frio de Poppy bem. — Bem, nós podemos fazer uma de três coisas. Eu posso te enviar para casa com instruções para ir ver o seu obstetra em poucos dias. Você pode deixar seu corpo naturalmente prosseguir com o aborto, e ficar em casa. Ou eu posso te dar algum medicamento que irá acelerar o processo. Podemos te enviar para casa também, ou dependendo de como seu corpo responder, você pode ficar internada no hospital. Ou, a última opção é a cirurgia - um procedimento chamado curetagem. Vamos te colocar sob anestesia geral, dilatar o colo do útero e usar um dispositivo chamado cureta para limpar o tecido uterino, o que geralmente leva menos de trinta minutos. Vamos te acompanhar por algumas horas depois do procedimento, e então você pode ir para casa. — ela apertou a mão de Poppy. — Eu sei que é um monte de opções de uma só vez, mas posso dar à vocês uns minutos de privacidade para falar sobre eles.

Poppy olhou para mim, seus olhos castanhos arregalados. Sob a aparência de força, eu podia ver o medo e tristeza pulando dentro dela, a pressionando contra o interior de sua concha. Pressão suficiente e ela iria rachar.

Eu só rezava para que ela não fosse quebrar em pedaços quando acontecesse.

Eu estarei lá para pegá-los, cordeirinho, eu silenciosamente prometi a ela. Mas o que eu disse em voz alta foi: — Eu quero que isto seja o mais fácil possível para você. O que você quer, cordeirinho?

Ela fechou os olhos e os manteve fechados enquanto ela se dirigia a médica. — Qual é a maneira mais rápida?

— A cirurgia, — Dra. Khader respondeu. — Ela tem alguns riscos, no entanto.

Poppy abriu os olhos, e eles ficaram mais uma vez em branco. Vazios. — Eu não me importo, — ela disse em uma voz oca. — Apenas faça isso acabar. Faça parar de doer.

— Nós podemos fazer isso, — disse a médica. — E, enquanto isso vamos te dar um pouco de remédio real para a dor. Eu vou me preparar e começar o processo e então eu voltarei para discutir os riscos específicos com você.

Ela deu uma última pancadinha na mão de Poppy e depois saiu, fechando a porta atrás dela.

— Tyler? — chamou Poppy, parecendo cansada.

— Diga, meu amor, diga qualquer coisa, cordeirinho. Qualquer coisa que você quiser. Diga que eu faço.

— Me abraça? — sua voz falhou nesse momento, e isso foi o que finalmente me rachou. Eu subi na cama estreita e a puxei em meu braço, deixando minhas lágrimas caírem em seu cabelo enquanto ela permanecia imóvel contra mim, uma boneca dormente e dura.

CAPÍTULO TREZE

Fazia duas semanas desde o aborto. Duas semanas desde que a nossa alegria de curta duração havia desaparecido em uma névoa de sangue e dor. Eu tinha me sentido um pai. Agora eu não era mais. O sentimento era surreal e vazio, como se máquinas vieram no meio da noite e mudaram todas as minhas emoções e as minhas percepções, e tinham me deixado com nada mais que o vazio em seu lugar.

Foi como me senti depois da morte de Millie, mas era muito mais forte. Mil vezes maior. Na verdade, a única outra vez que eu me lembro de me sentir assim foi após a morte de Lizzy. E desta vez ainda veio pré-carregada com outra coisa. Algo extra.

Culpa.

Porque esta foi a minha punição. Como não poderia ser? Como eu poderia ter pensado alguma vez que eu pudesse ter uma esposa e uma família depois do que eu tinha feito? Após o chamado que eu tinha abandonado?

Não. Deus estava me punindo. Igual a Bate-Seba e Davi depois que o Rei Davi tinha assassinado seu marido, Urias, Deus levou o meu filho como punição pelos meus pecados. Eu merecia essa dor, eu supunha. Eu tinha ganhado com cada suspiro e gemido e farfalhar dos lençóis, e desde que eu tinha sido tão resolutamente não arrependido, Deus tinha exigido sua parte da minha carne de outra maneira. Com sangue e uma alegria marcada. Com apenas um vislumbre preto e branco do bebê pequeno que nunca seria parte de nossas vidas.

Mas por que Poppy tinha que sofrer também? Minhas orações oscilavam muito da raiva para a negociação por pleitear ajuda e de volta a raiva.

Por favor.

Por favor, não agora.

Porque isso?

Como Você se atreveu?

Como Você pôde?

Minha esposa tinha se tornado uma mulher que eu mal reconhecia. Ela ficou um tempo longe do trabalho. Ela parou de ler, ela parou de ouvir as músicas de Natal, e ela se sentou junto à janela olhando para o cemitério por horas. Eu mal conseguia a persuadir em ir para a cama à noite e para o chuveiro de manhã. Mesmo que o semestre tivesse terminado e eu pudesse ficar em casa com ela o dia todo, não era como se estivéssemos na mesma casa juntos. Sua mente - sua alma - estava em outro lugar, vagando talvez pelo cemitério coberto de neve ou revivendo as mesmas memórias terríveis naquele quarto de hospital.

Por favor.

Por favor, não agora.

Por favor, não leve o brilho e o espírito do meu cordeirinho também.

Eu não a posso perder. Eu não posso.

Eu percebi que, em Kansas City, eu tinha a lavado e a embalado fim de ganhar sua confiança. Agora eu tinha que fazer todas essas coisas simplesmente para conectá-la à realidade.

Era o espiral novamente. Os mesmos passos, mas com significados diferentes. As mesmas ações, mas com consequências diferentes. Talvez fosse minha penitência, meu dever, mas eu não me importava, queria ela fora da culpa - embora a culpa pairasse em outros lugares. Eu gostava dela, porque eu a amava.

Poppy estava deprimida. Seu médico receitou um remédio, e pela primeira vez, a forma como ela foi criada ajudou - ela não tinha estigmas sobre drogas psicotrópicas depois de crescer em torno de mulheres ricas e ouvir cantores que misturavam Xanax Ambien[12] com o seu vinho.

Mais alguns dias se passaram. Fiz um movimento, puxando a cadeira para o sofá que estava mais perto da lareira, e eu comecei a ler alguns livros para ela, terminando o mistério de Galbraith e passando para *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, enquanto eu a aconchegava no sofá. A ouvi rindo de algumas partes, pequenos empurrões de suas costelas e eu continuei lendo como se eu não tivesse ouvido, me sentindo como um homem que encontrou um animal selvagem na floresta. Eu não queria chamar a atenção para o fato de que ela riu, mas *oh meu Deus*, ela riu. Eu não tinha percebido o quanto eu desejava

[12] Remédio para dormir.

esse som até que ele tinha ido embora da minha vida, e agora aqui estava, rastejando lentamente em torno das bordas da nossa casa, se agachando pelo fogo para ver se era seguro voltar.

À noite eu cantava baixo em seus ouvidos quando ela se colocou em meus braços, meu cordeirinho tremia constantemente mesmo que tivesse colchas e mantas empilhadas em cima de nós. Tomamos banhos juntos, lavei seu cabelo como um homem que tocava a melhor pintura do mundo. Eu fiquei realmente bom em fazer bisque de lagosta e não queimei as massas do jantar. Eu dei a ela doses de uísque, que ela raramente bebia, mas gostava de segurar. Liguei a música de Natal. Comecei a ler *Harry Potter* quando terminei o *Guia do Mochileiro*.

E, então, no domingo antes do Natal, algo aconteceu. Ela caminhou até a cozinha vestindo saia e blusa, a maquiagem recém-aplicada.

Eu, por estar acostumado a nossa nova existência eremítica, estava usando um par de cuecas boxer e nada mais.

— Eu quero ir à missa, — disse ela simplesmente.

Foi a primeira vez que ela se ofereceu para sair de casa por seu próprio livre-arbítrio e para algo diferente do que uma consulta médica.

Me senti usando de cautela com um animal selvagem novamente. Eu não queria assustá-la com o meu alívio abertamente, a minha alegria estava inteiramente nua mesmo com essa pequena agitação da vida.

— Ok, — eu disse calmamente. — Eu vou me vestir.

* * *

Missa do Galo.

Tudo começou como uma tradição na Terra Santa, onde os crentes se reuniam em Belém durante a noite e, em seguida, com tochas na mão, caminhavam em direção a Jerusalém, voltando para a cidade ao amanhecer. Um ritual que poderia se fundir em narrativa para a vida real, onde os seguidores de Cristo poderiam estar no mesmo lugar que Ele nasceu antes de fazer uma peregrinação à Cidade Santa.

Isso mudou ao longo dos milênios, se transformou e foi deformado em algo diferente, mas na sua essência, é a mesma. A missa, a promulgação. A releitura.

A criação litúrgica de uma nova realidade onde Cristo caminha entre nós. Pelo menos, é isso que o Padre Tyler diria sobre isso.

Nos poucos dias desde que Poppy tinha saído de casa por vontade própria, ela tinha voltado gradualmente mais e mais à vida. Cantando junto às canções de Natal. Arrancando o livro das minhas mãos quando ela achava que eu estava fazendo as vozes mal. Mesmo apenas brincando ao beliscar a minha bunda na cozinha.

Nossa própria liturgia foi lentamente se desenrolando entre nós dois. Lampejos de felicidade e facilidade e o divino. E como uma missa, eu sabia que não poderia ser apressado, não podia ser empurrado. Ela teve que se desdobrar em seu próprio ritmo, tomar seu próprio tempo. Então eu segurei esse espaço para o meu cordeiro. E, ao mesmo tempo, eu aprendi a manter o espaço para o meu próprio sofrimento e minha própria culpa. A ideia de que eu tinha ganhado o nosso aborto como castigo me assombrava, me atormentava.

Eu li as anotações na minha Bíblia explicando que o filho de Davi e Bate-Seba provavelmente morreu de causas naturais, o ato simplesmente era atribuído à vontade de Deus como tantas mortes eram naqueles dias. E eu li as próprias palavras do Rei Davi nos Salmos:

Tanto quanto o leste é do oeste,

Até agora, ele afasta nossas transgressões de nós.

Mas nada ajudou.

Eu disse que era viciado em culpa. E como qualquer viciado, precisava chegar no fundo do poço. O que aconteceu, quando eu pensei, no aborto. Foi poucos minutos após a missa da meia-noite quando eu olhei e vi Poppy olhando para a cena da Natividade na nossa frente, os manequins dos sábios e da Sagrada Família em tamanho natural.

O bebê em tamanho real de Cristo na manjedoura.

E então o escudo em torno de Poppy que ela tinha construído em torno de si mesma foi rachado, a emoção crua do último mês perfurando através de seu casulo de autocontrole insensível, e ela finalmente começou a chorar. Não, não apenas chorar.

Gritar.

A igreja estava quase vazia agora, o que era bom, porque Poppy chorou em voz alta, com as mãos sobre o rosto e seu corpo curvado, pois seu rosto estava acima dos joelhos.

Me cortou ver meu cordeirinho assim, cortou em mim e também me encheu de alívio, porque eu sabia que isso tinha que acontecer, eu sabia que ela precisava verdadeiramente lamentar. Enrolei um braço ao redor dela. — Eu estou aqui, — eu sussurrei em voz baixa. — Estou aqui.

Ela disse algo em suas mãos, algo tão embargado em suas lágrimas que eu não entendi, e então eu me inclinei mais perto e ela disse novamente. — É tudo culpa minha.

Quatro pequenas palavras. Quatro perigosas, venenosas, pequenas palavras. Quatro palavras que - se você as deixar tomar raiz - você iria apodrecer rápido, iria comer sua alma e colocar uma podridão purulenta em seu coração.

Eu - Tyler Bell, ex-padre – sabia disso.

— Não, não, não, — eu implorei a ela. — Não diga isso. Me diga que não acredita nisso, meu amor.

Ela ergueu o rosto para o meu, seus olhos molhados e seu rosto manchado. — É minha culpa, Tyler. Eu não sabia se eu queria o bebê! Eu disse todas essas coisas terríveis sobre o bebê mudando minha vida, e se Deus levou o bebê porque eu não o amei de imediato? Ou se Deus estava protegendo o bebê, pois eu seria uma mãe horrível?

Jesus Cristo, eu pensei, e os pensamentos eram metades palavrões e metade instintivos e também metade oração. Era assim que meus próprios pensamentos soavam? Era assim, sombrio e perdido que eu estava também? Quando isso veio do meu lindo cordeirinho eu pude ver quão venenosa a culpa e a vergonha eram. Como inútil ela era.

E de repente eu tomei um passo em frente no meu caminho, avancei ao longo dos meus espirais com vários passos. Abandonar meu vício a culpa não seria fácil. Provavelmente seria um projeto emocional para os próximos anos... talvez para o resto da minha vida. Mas eu não podia deixar que Poppy deixasse para trás essa culpa se eu não fizesse o mesmo com a minha própria.

Então eu respirei fundo, segurei minha esposa chorando mais perto, e... a deixei ir. Afrouxei minha armadura e a deixei cair no chão. Não havia mais culpa para mim. E nem para ela.

— Isso não é uma punição, Poppy, — eu disse a ela, com toda a certeza e amor que eu poderia reunir. — É uma tragédia e é difícil e é triste, mas Deus não manda dor para nos punir ou nos testar. Dor acontece. A morte acontece. Como estamos aflitos e lidaremos com isso - somos nós. Claro que estávamos nervosos sobre ter um bebê. Claro que os sentimentos eram ambivalentes. Nós nunca puniríamos uma noiva por se sentir em duvida antes de seu casamento, ou um homem por se sentir incerto no primeiro dia de um novo emprego, então você não pode se punir de como você se sentiu sobre uma criança.

— Mas me levou tanto tempo para ficar feliz com a gravidez.

— Ser infeliz ou duvidoso não é um pecado.

Não mais do que deixar o sacerdócio. O pensamento veio de algum lugar fora de mim, um feixe de luz que iluminava os cantos mais escuros da minha alma. E, pela primeira vez em um ano, eu senti. A cintilante sensação crepitante de Deus nas proximidades. Eu só gostaria de poder ter esse sentimento e o envolver em torno de Poppy como um cobertor.

— Eu escolhi esta religião, — disse ela, se abraçando. — Eu escolhi esta religião onde todos têm essas famílias enormes, onde ter um bebê é a coisa mais importante que uma mulher pode fazer. E o que significa isso para mim como mulher se eu não posso fazer uma coisa dessas? O que significa para mim como uma mulher *católica*?

Eu estremeci. — Poppy, ninguém jamais iria pensar que você era 'menos do que é' porque você...

— Porque eu tive um aborto espontâneo? Porque eu não posso ser capaz de segurar em meu ventre uma criança? Olhe para a Bíblia, Tyler. Onde estão as mulheres de Deus inférteis?

— Bem, Sarah...

— Acabam tendo um bebê, — Poppy interrompe. — Mesmo com Rebecca, Raquel e Ana. Toda mulher infértil na Bíblia foi finalmente capaz de dar à luz. O que significa se eu nunca puder? Será que isso significa que eu não sou abençoada ou justa? Que há algo errado com a minha alma, bem como o meu corpo? — sua voz falhou na última palavra.

Eu levei um minuto para responder, porque eu estava à beira das lágrimas ao ver ela tão devastada e também porque eu ainda estava trabalhando na minha nova compreensão da minha culpa e como ela tinha colorido do jeito que eu tinha lido as escrituras por tanto tempo.

— A Bíblia foi escrita em um tempo e lugar muito específico, para uma cultura muito específica, — expliquei. — Eu acho que, no ambiente bíblico ter um filho era o último sinal de graça e bênção de Deus. Sarah que acaba tendo um bebê é a maneira da bíblia de mostrar o amor de Deus e cuidado Dele – não de Deus a redimindo através de seu ventre, mas através de seu amor. O amor pode assumir qualquer forma. Para os antigos cananeus, eram as crianças, mas para nós, poderia ser algo completamente diferente.

Fiz um gesto em torno da igreja, no altar e no crucifixo e no tabernáculo. — Tudo isso - as leituras bíblicas longas e a ladainha litúrgica e da Eucaristia - por que você acha que está aqui, cordeirinho?

Ela piscou, sacudindo a cabeça. — Eu não sei.

— É para nos lembrar de nossa humanidade compartilhada. De nossa busca para fazer melhor. E o mais importante, o fato de que Deus nos ama e nos ajuda durante essas questões. Deixe que Ele a ame e a ajude agora. Deixe que Ele lhe dê graça.

O cintilante poder de Deus se intensificou, e Poppy ergueu o rosto para o crucifixo. Ela inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo algo que só ela pudesse ouvir.

As brilhantes luzes do teto vieram em um vácuo e começaram a correr em alguns lugares distantes. O cheiro de fumaça indicou o apagar de velas em preparação para fechar a igreja para a noite, e ainda assim não nos mexemos.

Finalmente Poppy se virou para mim e disse: — Tudo bem. Eu estou pronta.

E então, de mãos dadas e com lágrimas ainda secando em nossos rostos, saímos para o frio cortante da madrugada de Natal. À frente as estrelas piscavam, como a Estrela de Belém, e em algum lugar um bebê estava nascendo.

Talvez um dia fosse o nosso.

Era mais de uma hora da madrugada de Natal, um novo começo estava nascendo para Poppy e eu, e no momento, isso era suficiente.

EPÍLOGO

POPPY

Um ano depois

Três horas da manhã de Natal. Você me tem sentando à beira de um banco, minhas mãos dobradas no meu colo. *Eu queria isso*, eu me lembro. *Eu orei por isso.* Mas ainda assim, eu estou nervosa. Nervosa que nós vamos ser presos certamente, (embora seja a igreja de Jordan e eu sei que ele não vai estar de volta até o amanhecer). E eu estou nervosa sobre o *por que* - por que estamos colocando em prática essa fantasia ou memória ou o que seja. Isso me deixa nervosa, tanto quanto eu quero isso, o quanto eu sonho com isso. E isso me deixa nervosa e excitada como eu estou agora, não fazendo nada mais do que esperar por você em uma igreja vazia escura.

Quando você me perguntou o que eu queria para o Natal, eu tenho certeza que isso não era o que você esperava ouvir.

Os seus passos ecoam por todo o santuário, alto e em bom som no silêncio, e então eu sinto, o toque suave de dois dedos no meu ombro, e eu olho para cima.

Eu praticamente gozo só de olhar para você.

O brilho bruxuleante das velas ilumina suas maçãs do rosto, o queixo quadrado, seu nariz que é ligeiramente torto, pois seu irmão empurrou você de cara de um trampolim. Seu rosto está marcado com uma barba de alguns dias, e seu cabelo cresceu um pouco mais do que você o costuma usar, apenas o suficiente para eu deslizar os dedos por eles e os agarrar. Um pequeno sorriso está em sua boca larga, apenas uma dica da covinha que eu amo tanto, e como sempre, você está tão quente e intensamente fodível que eu tenho que me conter para não mergulhar no seu pau.

Mas é o que você está vestindo que me atrai: calças pretas, camisa preta de mangas compridas, e - Deus me ajude - o seu colarinho.

Seu colarinho, branco como a neve contra o negro de sua camisa e desencadeando as linhas fortes de sua garganta. Seu colarinho, que parece tão natural em você, como se você nunca tivesse parado de usar. Como se você nasceu para usá-lo. Você sabia que você anda de

forma diferente com essas vestes? Fica de forma diferente? Como se você tivesse tanto um fardo como uma alegria ao mesmo tempo? É fascinante e bonito e tão fodidamente magnético.

— Eu sou Padre Bell, — você diz, como se nós estivéssemos nos encontrando pela primeira vez. — O que a traz para a igreja hoje?

Encenação. Nós não fizemos isso muitas vezes, por isso mesmo que meu coração já está acelerado e minhas coxas já estão apertando juntas ao te ver em seu colarinho, eu me sinto um pouco autoconsciente quando eu digo, — Eu nunca estive em uma igreja antes. Eu acho que eu estou apenas procurando por orientação.

Estamos encenando uma versão de como nos conhecemos. Eu, perdida e vulnerável, vagando em uma igreja. Você, inteligente e amigável e tentando não notar como seu corpo respondia a mim.

Você se senta no banco, mantendo dois pés cuidadosos entre nós. Por decoro. Por moralidade. Se isso tivesse sido cinco anos atrás, eu teria olhado para baixo, envergonhada pelo meu próprio desejo por você. Eu teria inclinado meu corpo para longe, tentando preservar seus votos quando eu lutei contra a atração mais forte que eu já senti na minha vida. Mas cinco anos atrás, nós estávamos em uma igreja para rezar.

Hoje à noite, nós estamos aqui para brincar.

Eu deslizo mais perto de você, fazendo um show de ajustar minha saia para que você possa ver o topo da minha meia e o clipe da minha cinta-liga. Você prende a sua respiração e nossos olhares acendem momentaneamente. Então você pisca e olha para longe ao limpar a garganta. — Estou feliz em dar qualquer orientação que você possa gostar.

— E ajudar também? — eu deixo minha mão percorrer ao longo da sua perna até a virilha antes de afastá-la. — Eu estou tão solitária.

— Sua solidão pode ser curada através da adoração. E disciplina. — sua voz é perigosa quando diz a última palavra, e eu tremo.

— Disciplina? — eu digo com minha voz chocada, a única que eu sei que te deixa louco.

— A disciplina espiritual, — você esclarece severamente.

Eu abro os dois primeiros botões da minha blusa branca pura, abrindo o tecido caro para correr meus dedos ao longo do meu

pescoço. Você assiste os dedos com intensidade, engolindo quando eu mergulho meus dedos para tocar ao longo das bordas rendadas do meu sutiã. Eu descruzo minhas pernas e começo a abri-las...

— Chega, — você diz verdadeiramente bravo agora, esses olhos verdes piscando. — Você acha que é aceitável seduzir um homem de Deus? Atormentá-lo?

Atormentá-lo, atormentá-lo.

As palavras ecoam por toda a sala, ecos furiosos vindos de volta para me repreender. Raiva rola de você em ondas e você fica de pé abruptamente, o esboço do seu delicioso pau lutando contra suas calças. Você agarra meu pulso e me puxa para os meus pés, me arrastando para longe do banco indo para o corredor central, onde você me joga de joelhos.

Isto é parte da encenação, eu sei que é uma parte que havíamos discutido e estabelecido os limites. Mas sua raiva parece tão real agora, e meu sangue está batendo em partes iguais de adrenalina e luxúria, e eu não posso fazer nada além de me perguntar se essa fúria que você está convocando agora vem de um lugar real, de memórias reais. Você sentiu que eu fosse algum tipo de Jezebel a vir te atormentar quando nos conhecemos? Muitas vezes eu senti que eu era, e às vezes eu ainda me sinto assim. Mas como você me disse, onde há culpa, não há graça, e agora minha graça é sentir uma mão no meu cabelo me forçando a olhar para cima.

Eu sorrio - eu não posso evitar. Você é tão bonito e tão forte agora, tão proibido nesse colarinho, e eu adoro que você é meu. Eu amo isso pra caramba que é até difícil de respirar às vezes.

Você franze a testa com o meu sorriso. Seu rosto está sério, descontente e irradiando com o poder, e seu pulso salta ao lado de sua garganta. — Isto é divertido para você? — você exige, puxando meu cabelo mais duro.

Eu estremeço, mas meu sorriso se recupera. Eu não posso fazer nada, realmente. — Estou muito feliz, — eu confesso.

Por um momento, seu falso verniz autoritário cai e aparece seu lado doce, esse homem que brilha no interior através dele como uma luz. Eu sei que o que eu disse foi se aninhando contra o seu coração. Você me dá uma piscadela quase imperceptível, seguida por um sorriso rápido, e então você está de volta a nossa encenação, de

volta ao seu papel como o meu apóstolo sexy e pessoal. — Você está feliz em estar de joelhos? — você rosna.

Eu assinto, lambendo meus lábios.

Você rosna de novo, desta vez sem palavras, tira a mão do meu cabelo e vai para o seu cinto. Com alguns movimentos hábeis, sua fivela e zíper estão abertos e sua calça está aberta. Agora minha boca realmente está molhando, e você me provoca, puxando para fora seu pau, mas a princípio, apenas traçando a ponta ao longo dos meus lábios, esfregando a parte inferior do seu eixo no meu rosto. — Abra, — você diz, e eu faço. Você enfia áspero e duro, e eu gemo com a sensação sedosa de sua pele, a forma como a minha língua pode traçar os caminhos errantes de suas veias.

— Você está gostando disso, — você acusa. — *Vagabunda*.

Oh, Deus. Minha calcinha. Totalmente molhada por causa de uma palavra terrível.

Você retira seu pau que se levanta molhado e escuro de suas calças. — O que fazer com uma garota má que gosta de seus castigos, hmm? Eu podia foder sua boca, mas eu já sei que você gosta muito. Eu podia foder sua buceta, mas uma puta como você está acostumada a isso, não é verdade?

Puta. Menina má. Prostituta.

Terríveis palavras. Palavras desrespeitosas. Mas quando o homem que eu amo me chama dessas coisas em privado, o meu corpo responde com entusiasmo.

Você agacha e alcança debaixo da minha saia, impaciente cutucando meus joelhos afastados com a mão. E então um dedo está lá, afastando minha calcinha molhada e me sondando. Eu suspiro.

— Está molhada, — você diz desgostoso. Você adiciona outro dedo, o polegar trabalha no meu clitóris, e eu posso sentir o quão escorregadia minha buceta está, como ela está fazendo minha pele escorregadia demais. Você sabe o que está fazendo quando você torce os dedos e pressiona em meu lugar secreto, mas você ainda me olha quando minha buceta aperta em torno de seus dedos e quando eu monto em sua mão. Seu pau está praticamente esculpido em granito agora, duro como pedra e mais escuro que todo resto de você. Eu posso ver as gotas de pré-semen vazando da ponta. Eu as quero lamber.

Você percebe onde os meus olhos estão indo. — Não. Você não o pode ter.

É difícil gerenciar uma ordem enquanto meu corpo ainda está descendo do clímax, mas eu faço isso, e eu vejo o fantasma de um sorriso em seus lábios antes de você recuperar o controle. Você se levanta e pega meus cotovelos, me obrigando a ficar de pé também.

— É hora de confessar um pouco os seus pecados, — você diz ameaçadoramente. E então nós estamos indo em direção ao confessionário.

Esta é a parte mais premeditada da nossa noite juntos - lubrificante, lenços umedecidos e uma toalha estão dobrados sob o banco confessional - ainda me encontro completamente perdida no momento que você me arrasta para o lugar.

Você se senta, ainda me segurando e então você me gira de modo que eu estou longe de você. Minha saia é puxada para baixo e minha calcinha rasgada (eu aprendi a comprar as mais baratas quando eu sei que eu vou transar com você). As ligas e meias ficam.

— Tire sua blusa. — a ligeira rouquidão em sua voz te trai. Eu sinto suas mãos me pegando e apertando minha bunda quando eu faço o que você pede. — Agora tire os sapatos.

Eu obedeço e então eu olho para trás, para você por cima do meu ombro.

Você está sentado com as pernas abertas e com os pés apoiados no chão, suas calças abaixadas apenas o suficiente para o seu pau ser livre. Sua mandíbula está apertada, seus olhos estão escuros, e suas mãos estão ásperas na minha pele quando você continua a acariciar minha bunda.

Você já possui esta confissão. Você me tem.

Eu vejo você pegar o pequeno tubo branco, abrindo e preguiçosamente espalhando o gel claro e frio em seu pau. A primeira vez que fizemos isso foi utilizado o óleo ungido, muito desesperado um pelo outro para esperar e encontrar algo mais adequado. (Ou pelo menos algo menos blasfemo.) A memória faz com que o meu núcleo aqueça mais uma vez, tudo abaixo do meu umbigo formiga e zumbe.

— Você está me fazendo pecar, — você repreende quando sua mão começa a bombear lentamente seu pau. Porra brilha sobre a pele escura, quente, e eu vejo você enrolar seu punho apertado. — Você está

me obrigando a fazer algo que eu não deveria fazer. Você está me fazendo querer isso. Isso é muito, muito ruim para você.

Pode um homem ficar tão sério quando ele acaricia a si mesmo? Eu não sei, mas isso é como você está agora, com os músculos de seus braços e ombros apertados sob sua camisa e suas pernas poderosas esparramadas para fora e seu pau magnífico tão proeminente e orgulhoso.

— Estou em apuros? — pergunto timidamente, batendo meus cílios.

— Tantos problemas, — você murmura e, em seguida, uma de suas mãos agarra em volta da minha cintura e me puxa para você e para baixo.

No momento em que pressiona o seu pau entre as minhas bochechas, eu sinto meu nervosismo de antes derreter. *Isto* é o que fazemos e *isso* é o que somos. Eu não posso mentir e dizer que você ser um padre não me fez querer você em primeiro lugar. Eu não posso mentir e te dizer que o início proibido da nossa relação ainda me deixa quente, me faz gozar às vezes quando eu penso sobre isso.

Mas no nosso coração, no alicerce de nosso amor, só existe confiança e esperança profundamente enraizada. Sim, eu me apaixonei por você porque você era um padre. Mas eu fiquei apaixonada por você, porque você é você, Tyler Bell, inteligente e ciumento e com estilo excêntrico, devotado e torturado.

Tudo isso eu sinto quando a grande cabeça de sua coroa lentamente empurra passando pelo primeiro anel de músculo, então o segundo enquanto você está me pressionando para baixo em você, espetando o meu rabo apertado sobre sua ereção. Eu me concentro na respiração e abertura, em relaxar para você, a respiração controlada e trêmula até que minhas nádegas estão pressionadas em sua virilha e eu estou tão preenchida quanto posso estar. Você está tão fundo, que se permite murmurar: *Porra, isso é apertado.*

Fazemos uma pausa, você inclinando sua testa contra as minhas costas e me espeta no seu pau, de costas para você e olhando para fora da porta aberta do confessionário e para o santuário vazio.

— Pronta, cordeirinho? — Você sussurra no meu ouvido.

Eu odeio não ser capaz de te ver, mas isso me obriga a prestar atenção a todo o resto ainda mais: a sua voz rouca, as almofadas

ásperas de seus dedos quando elas acariciam meus seios, a grossa ereção me enchendo tanto que eu mal posso suportar isso.

E então não há como dizer onde termina a brincadeira e começamos a sermos nós, porque suas mãos se movem para a minha cintura, me levantando e me abaixando, para cima e para baixo, e é duro o suficiente para que minha palavra segura flutue à superfície da minha mente. Mas, para cada impulso profundo, onde você se enterra até as bolas, para cada sussurro de *vagabunda* e *me faça gozar,* há um leve beijo entre meus ombros, uma mão que alcança até dobrar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha .

Eu amo isso. E até o fim disso, a carga emocional da nossa encenação, a doçura persistente por baixo e a fodida brutal têm contribuído para minha mente ficar com os sentimentos em êxtase, espaçados para fora, meu orgasmo em erupção chega do nada e ondula através de nada, e eu sou um corpo de contradições - tenso e relaxado, estremecendo, mas calma, presente, mas também flutuando acima de tudo.

Quando eu gozo, você mete na minha bunda com o seu pau tão duro e rápido que eu quase grito, e então você grunhe *cordeiro,* e finalmente você pulsa profundo e longo dentro de mim, me marcando com o que você solta, os dedos cavando minha cintura.

Te amo, você cantarola no meu cabelo quando ambos respiramos novamente. *Te amo.*

Te amo.

— Eu também te amo, — murmuro, meu corpo embebido demais para funcionar corretamente.

Você ri da maneira que eu estou caída contra você, e então você me ajuda a me limpar antes de me ajudar a me vestir novamente.

Estamos ambos acanhados como adolescentes quando saímos do confessionário e do santuário. Você ainda tem um rubor adorável em suas bochechas quando você arranca inconscientemente seu colarinho. Nós vamos voltar para nosso hotel e depois acordar em algumas horas para passar o Natal com seus pais. Mas primeiro…

— Esse foi o melhor presente de Natal que eu já tive, — eu lhe digo, me inclinando na ponta dos pés para beijar sua boca. — Agora eu posso te dar o seu?

— Claro, — você diz divertido e feliz, e eu puxo a minha bolsa, onde eu pego a pequena caixa. Quando eu entrego a você, eu penso sobre este ano. Sobre o que perdemos, mas também o que nós ganhamos. Meu estúdio superando todas as expectativas. O lançamento do seu livro de memórias, que já tem enorme procura alguns meses antes mesmo de chegar as prateleiras. Um novo lugar na cidade. Uma melhor compreensão de um para o outro.

Você puxa a fita da caixa e então abre cuidadosamente o papel do embrulho, deslizando um dedo sob as costuras. E quando você vê o que está dentro da caixa estreita, lágrimas enchem os seus olhos.

— Eu não sei o que vai acontecer, — eu lhe digo. — Estou com medo. Mas eu sei que não importa o que aconteça, vamos passar por isso junto.

— Oh meu Deus, cordeirinho, — você respira maravilhado. A caixa cai no chão quando você pega o meu rosto. E antes que sua boca feche a minha no mais feliz e mais doce beijo que eu já tive, eu avisto seu presente caído no chão.

O bastão branco com uma pequena cruz azul nele. A resposta a cem mil orações. Orações que parecem rodar e dançar em volta de mim agora, quando você se alegra comigo.

— Amém, — murmuro a essas orações, os meus lábios se movendo contra os seus quando eu falo a palavra em voz alta. — Amém.